

ISCSP

INSTITUTO SUPERIOR DE
CIÊNCIAS SOCIAIS E POLÍTICAS
UNIVERSIDADE DE LISBOA

U LISBOA

UNIVERSIDADE
DE LISBOA

POPULISMO E RELIGIÃO: O APOIO EVANGÉLICO A JAIR BOLSONARO NO BRASIL

Amanda Rodrigues Macedo

Orientadora: Prof. Auxiliar Isabel Alexandra de Oliveira David

Dissertação para obtenção do Grau de Mestre em Ciência Política

Lisboa
2021

WWW.ISCSP.U LISBOA.PT

Índice

Índice	2
Resumo.....	3
Abstract	4
1. INTRODUÇÃO	5
1.1. Relevância e justificação do tema	5
1.2. Revisão da literatura.....	9
1.3. Pergunta de partida e objetivos específicos	12
1.4. Opções metodológicas.....	13
5. Estrutura da dissertação	14
CAPÍTULO 2 – ENQUADRAMENTO TEÓRICO	16
2.1. Definição de Populismo	16
2.2. Definição de democracia liberal.....	17
2.3. A explicação cultural para o populismo.....	18
2.4. Religião e Populismo	20
CAPÍTULO 3 - RELIGIÃO E POLÍTICA	24
3.1. Protestantismo no Brasil.....	24
3.2. Protestantismo e Política – a Bancada Evangélica.....	33
CAPÍTULO 4 – JAIR BOLSONARO: DA CAMPANHA ELEITORAL AO GOVERNO PRESIDENCIAL	37
4.1. Histórico e Campanha Eleitoral em 2018.....	37
4.2. O mandato presidencial.....	45
4.3. Resultados dos inquéritos feitos por amostragem bola de neve (<i>snowball</i>).....	52
5. CONCLUSÃO	57
BIBLIOGRAFIA	62

Resumo

Nesta dissertação, foi analisada a política de Bolsonaro frente as teorias populistas e a relação direta destas características com o apoio de grupos religiosos evangélicos no Brasil. Usou se uma metodologia qualitativa através de análise de literatura e a realização de questionário com evangélicos através de amostragem não probabilística (*snowball*). O discurso político de Bolsonaro alcançou os evangélicos como principais apoiadores, mas esse apoio tem vindo a perder expressão, mesmo com uma constância discursiva e aplicando medidas condizentes com seu discurso.

Palavras-Chave: Populismo; Jair Bolsonaro, Evangélicos, Brasil, Religião

Abstract

This dissertation has analyzed Bolsonaro's populism and policies and the direct relationship between these characteristics and the support of evangelical religious groups. With a qualitative methodology, the thesis is based on existing literature, in addition to conducting a questionnaire with evangelicals with a non-probabilistic sampling (snowball). Bolsonaro's political speech reached evangelicals as main supporters, but their support has waned, even with discursive constancy and applying measures consistent with his speech.

Keywords: Populism; Jair Bolsonaro, Evangelicals, Religion, Brazil

1. INTRODUÇÃO

1.1. Relevância e justificação do tema

Este trabalho analisa o apoio dos evangélicos a Jair Bolsonaro, focando o período compreendido entre a campanha para a eleição presidencial e o mandato do mesmo, que apesar de estar atualmente em curso, será focado até o mês de junho de 2021.

O Brasil sempre foi um país de maioria católica e majoritariamente religioso devido a sua colonização por Portugal. Importa frisar que a legislação portuguesa na época da colonização era confundida com o direito divino, ou seja, o direito determinado pela Igreja Católica, de acordo com Emmerick (2010).

Todavia, o Brasil é um país oficialmente laico desde a Constituição da República de 1891, portanto, não possui nenhuma relação oficial com nenhuma religião, porém esta premissa não impediu que as religiões cristãs disputassem os espaços públicos e principalmente que elas discutissem costumes nacionais e contemporâneos utilizando de conceitos morais e religiosos, conforme Emmerick (2010) apresentou. Mas ainda seguindo o autor, na Constituição da República de 1988, mesmo mantendo o Estado laico, teve a influência das igrejas cristãs, principalmente a Igreja Católica para que os valores morais e conservadores estivessem previstos e protegidos, principalmente os referentes a família, educação e moral.

A predominância católica é devida à sua herança colonial, mas nos últimos anos ocorreu um enorme crescimento de protestantes – ou evangélicos, como são conhecidos no Brasil – no país, conforme censo demográfico de 2010 realizado pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística). É importante ressaltar que o termo “evangélicos” aqui citados e que será utilizado no presente trabalho é o termo técnico utilizado pelo próprio Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. E ainda é o termo que os próprios indivíduos utilizam para se autodenominarem, como podemos observar no trabalho de Mendonça (2005, p. 50):

“Em 1973, com a publicação do livro *Católicos, Protestantes, Espíritas* por Cândido Procópio F. de Camargo, o conceito, incluído entre duas outras religiões (católicos e espíritas), assume caráter distintivo. Note-se aqui que os próprios protestantes, desde o início de sua presença no Brasil, ainda no século XIX, preferiam o conceito “evangélico”. Bastam dois exemplos: o primeiro jornal protestante publicado no Brasil, que circulou de 1864 a 1892, chamou-se *Imprensa Evangélica*, como também a Confederação Evangélica do Brasil, fundada em 1934 e extinta nos primeiros anos

da década de 60 do século passado. Desde os primeiros tempos os cristãos não-católicos no Brasil se identificam como evangélicos, aliás a auto-identificação oriunda mesmo desde os primórdios da Reforma conforme atesta o historiador Martin N. Dreher (1999, pp. 216 e segs)”.

Diante desta definição e ainda com os conceitos apresentados pelo autor, neste presente trabalho as Igrejas Evangélicas que se encontram representadas pelo termo de acordo com o censo 2010, serão: os protestantes em evangélicos de missão, evangélicos de origem pentecostal e evangélica não determinada. Em cada subdivisão é possível encontrar as igrejas que se referem, sendo as evangélicas de Missão as igrejas: Evangélica Adventista do Sétimo Dia, Igreja Evangélica Luterana, Igreja Evangélica Presbiteriana, Igreja Evangélica de Missão Luterana, Igreja Evangélica Metodista, Igreja Evangélica Batista Igreja Presbiteriana, Igreja Evangélica Congregacional Igreja Evangélica Adventista. (IBGE, 2010). Já as Igrejas de origem Pentecostal são: Igreja Assembleia de Deus, Igreja Congregação Cristã do Brasil, Igreja o Brasil para Cristo, Igreja Evangelho Quadrangular, Igreja Universal do Reino de Deus, Igreja Casa da Bênção, Igreja Maranata, Igreja Nova Vida (IBGE, 2010).

Estas igrejas ao crescerem na sociedade também cresceram notavelmente em números de representantes no Congresso Nacional. De acordo com os dados, o Brasil ainda é um país predominantemente católico, mas a representatividade religiosa no Congresso Nacional tem sido em sua grande maioria de evangélicos (Prandi, Santos e Bonato, 2019).

Historicamente o Brasil é um país cuja secularização não foi bem realizada, não existindo uma separação bem definida entre o político e o religioso, principalmente quando a pauta se refere a moral religiosa (Mariano, 2016). Também por isso, e devido ao crescimento de evangélicos no Brasil, a bancada evangélica no congresso nacional teve sua primeira formação com o Congresso Constituinte de 1986 conforme Souza (2017), com 32 candidatos eleitos. Ainda de acordo com o autor, a consolidação da bancada só ocorreu em 2003 com a criação da Frente Parlamentar Evangélica.

Mas ainda segundo Souza (2017) alguns pontos foram essenciais para a maior afirmação da bancada evangélica no cenário político, como por exemplo, as alianças partidárias com os governos do Partidos dos Trabalhadores que possibilitaram visibilidade e um alcance maior.

Ainda no Congresso Nacional é comum a pratica de orações e de cultos semanais,

devido à presença em massa dos evangélicos (Vaz e Andrade, 2019)

O caso brasileiro enquadra-se num contexto crescente de apoio de grupos religiosos a políticos populistas de direita e extrema-direita. Porém, esta relação é encontrada em outros países do globo e tem despertado interesse de cientistas e pesquisadores para entender a motivação e a relação entre as instituições e ainda para determinar padrões entre os países que possuem este fenômeno como ator participante da política interna, ou seja, das eleições mais importantes.

Alguns destes países que apresentam esse fenômeno são: EUA, França, Alemanha, Hungria, Itália, Polónia, Eslováquia.

Como Haynes (2020) afirmou, os EUA têm um histórico de controle de imigração na sua história com o propósito de manter sua cultura e de proteger seus valores. Mas Haynes (2020) afirma também que o país possui uma influência religiosa na política muito mais efusiva que na Europa. Para Mudde, Donald Trump aproveita do apoio que teve com falas extremistas e contrárias a imigração, principalmente de mexicanos, para conseguir apoio das bases religiosas e impulsionar sua campanha política. O posicionamento contrário aos muçulmanos são também fruto da política anti-imigração e ainda herança do atentado de 11 de setembro (Haynes, 2020). Com essa posição Trump desrespeitou o Estado laico estadunidense, além do desrespeito direto à população americana de descendência latina e africana. Donald Trump se autodeclarou nativista, segundo Haynes (2020) e este posicionamento foi responsável pela identificação por parte de grupos religiosos com Donald Trump, visto que o cristianismo defendido por esses grupos são o sinônimo de pureza nacional (Ryan, 2018). Ou seja, o cristianismo fica totalmente atrelado aos valores fundamentais estadunidenses, e até mesmo com a ideia de civilização, cultura e ideologia.

Tem ainda o caso Húngaro, com o primeiro-ministro Viktor Orbán, que está ligado a extrema-direita húngara além de possuir forte relação com grupo religiosos conservadores cristãos. Fidesz, o partido de Orbán, conseguiu em 2018, nas eleições para o parlamento uma maioria esmagadora (Haynes, 2020). Orbán ainda aumentou gastos públicos com agendas religiosas, segundo os autores Lendvai-Bainton e Szelewa (2020), principalmente relacionado com grupos religiosos na educação, que cresceu entre 2010 e 2014, 68%. Os autores apresentam ainda, que o presidente húngaro profere discursos, em

grande maioria, com valores calvinistas e cristãos. Para Brubaker (2017), Orbán e o populismo de extrema direita dos países da Europa Central apresentam características que colocam os muçulmanos como inimigos diretos aos cidadãos húngaros, aos valores e fundamentos da nação e por isso são considerados “islamofóbicos”. O islamismo é colocado como responsável pela diminuição dos valores cristãos na sociedade, igualmente como é feito no EUA.

Temos ainda o caso da França. Como afirma Haynes (2020), o partido de Marine Le Pen, apresenta um caráter de cristianismo “tradicional”, ou seja, possui visões conservadoras sobre gênero, direito pessoal e moralidade sexual. O partido é extrema direita e Le Pen, juntamente com a maioria dos exemplos de populismo de extrema direita que existe na Europa é tanto anti-imigrantes, quanto anti-muçulmanos (Haynes, 2020). Brubaker (2017) apresenta que o populismo da Europa Ocidental apresenta caráter de preocupação com a civilização, como se a crise de imigrantes e a presença de muçulmanos fosse um risco ao modelo de civilização ocidental que possui valores enraizados e com referências cristãs.

Na Alemanha, a extrema direita representada pela Alternativa para a Alemanha ganhou força com a crise de imigrantes de 2015 que aproveitou para passar a ser o terceiro grupo de maior influência no Parlamento Alemão (Brubaker, 2017).

Conforme Brubaker (2017) os países da Europa Ocidental atrás referidos apresentam um medo de perder a referência de civilização que possui com valores seculares, igualdade de gênero e princípios liberais. Esse medo toma inimigo a presença de imigrantes majoritariamente muçulmanos, especialmente por apresentarem valores bastante distintos.

O caso Italiano, segundo as autoras Caiani e Kröll (2017), juntamente com a nova corrente populista, apresenta uma versão nacionalista e excludente, que nasce como única forma de solucionar um problema social aparente e que incomoda uma parcela da população. A direita na Itália tem crescido juntamente com a hostilidade aos imigrantes (Bobba e Roncarolo, 2018). E Molle (2019) afirma que eles utilizam da religião para formarem uma identidade nacional com base em filosofia judaico-cristã, que, conseqüentemente, representa uma exclusão da religião muçulmana.

Na Polônia, a religião é encontrada na própria construção de identidade polonesa,

como afirmam os autores Krotofil e Motak (2018) e por isso a crise de imigração tornou-se uma agenda intrínseca à própria defesa de valores nacionais. Em 7 de outubro de 2017, ocorreu um evento na Polônia com o lema “Rosário às Fronteiras”, que consistiu em um coletivo de orações por toda Polônia com o intuito de proteger a nação das ideias secularistas e dos conflitos violentos pelo mundo. Segundo Kotwas e Kubik (2019) o evento acabou ganhando apoio do primeiro ministro polonês. Para as autoras, o evento deixa claro o catolicismo como referência cultural dominante e foi utilizado como forma de solucionar um problema considerado iminente, o que mostra ainda mais a dependência do povo com a religião. As autoras ainda apresentam a perspectiva de que a situação polonesa não é fruto de questões econômicas e citam Norris e Inglehart ao alegar que o populismo polonês cresceu escorada em uma agenda contrária às mudanças culturais progressistas.

Partindo deste ponto, minha contribuição para o mundo acadêmico é original, procurando compreender o caso brasileiro num contexto internacional de crescente questionamento do secularismo em que se assentam as democracias modernas, principalmente por existir personagens semelhantes em outros pontos do globo. Aqui reside a importância deste trabalho para a Ciência Política, ao mesmo tempo que analisa a emergência do evangelismo na política brasileira. Este aspecto é relevante, na medida em que o apoio ao Presidente Jair Bolsonaro configura uma nova instituição onde os grupos evangélicos exercem influência – a Presidência. De fato, existe já no Congresso brasileiro uma importante bancada evangélica (Marini e Carvalho, 2018), oficialmente desde 2003, cujo peso é alto e de extrema importância na política brasileira, condicionando a legislação aprovada. Assim, a influência dos grupos evangélicos está a contribuir para uma transformação qualitativa da política brasileira, cujo estudo é de grande relevância para a Ciência Política.

1.2. Revisão da literatura

Pode-se encontrar alguns dos estudos e trabalhos referentes a estes países, como o trabalho de Brubaker (2017a), que se refere ao cenário europeu. E também o autor Brubaker (2017b) se dedica a analisar o populismo na teoria e na sociedade. Além do

trabalho de Haynes (2017 e 2019) que dedica ao ex-presidente americano Donald Trump, Yilmaz e Moieson (2021) fazem uma análise literária dos estudos entre populismo, religião e emoção. O trabalho de DeHanas e Shterin (2018) associa a ascensão do populismo à religião. Já o trabalho de Kaya e Avse (2019) volta-se para a Europa e a relação do Islã com a extrema direita populista. E finalmente temos o estudo de Kratochvíl (2019) que apresenta a relação de religião e armas envolvendo a secularização.

A questão principal da literatura sobre populismo e religião é focada principalmente com a questão nativista que os líderes populistas apresentam mediante a chegada de imigrantes muçulmanos. Com um teor de medo frente à necessidade de proteger os valores das nações, esses líderes colocam os muçulmanos e sua cultura e valores como a “elite” que precisa ser combatida. Kaya e Avse (2019), mediante a exposição de semelhanças temáticas, apresentam uma análise de discursos dos líderes populistas de extrema-direita na Europa que repetidamente usam do medo ao Islã como forma de se popularizarem. E ainda percebem o intuito destes líderes de aumentarem o eleitorado e abusarem da ideia artificial de um inimigo em comum para as respectivas nações.

Haynes (2017 e 2019) também apresenta a necessidade de criação de um inimigo em comum como forma de alcançar um eleitorado que não necessariamente concorda com todas as questões políticas do líder populista, mas que apresentam um medo em frente ao inimigo da nação. Esse medo coloca o líder populista como o único salvador possível para a nação na luta contra este inimigo em comum. O autor aponta que estes países apresentam o cristianismo como parte integrante de sua cultura e desta forma passam a valorizá-la mesmo em meio a secularização do Estado. O autor estuda também diretamente a política de Trump e a sua posição nas eleições americanas, em que o então candidato colocava os muçulmanos como um povo não civilizado e indesejado, por não condizer com a cultura americana, ou seja, expondo uma política com foco no nativismo. Esta posição é apresentada como política eleitoral, visto que foi a forma que Trump conseguiu encontrar para alcançar grande parte do eleitorado.

O estudo de Kratochvíl (2019) apresenta a agenda política de países europeus que colocam a cultura muçulmana como não civilizada com o intuito de considerá-los bárbaros. Esta definição coloca em foco a disputa “elite” versus “povo” com um caráter

religioso e civilizacional, transformando a política de extrema direita em algo essencial para a manutenção da civilização europeia.

Yilmaz e Moieson (2021) analisam as categorias sobre o tema populismo e religião e ainda a influência socioeconômica e emocional no fenômeno. Os autores percebem a semelhança do populismo com a religião, ou seja, a sacralização do “povo” usada principalmente como forma de mobilizar apoio. Os autores também alertam sobre o limitado número de estudos no âmbito do contexto ocidental e não-ocidental além de trabalhos que explorem a psicologia do populismo, bem como o papel das emoções nesse modelo político.

DeHanas & Shterin (2018) apresentam em sua literatura que o populismo apesar de ter uma premissa democrática, pode acarretar reivindicações exacerbadas, colocando a minoria ainda mais à margem da sociedade sendo assim, de certa forma, esquecida. Essa consequência advém de o “povo” assumir um caráter nativista e, portanto, representar uma não aceitação do novo, o que torna o fenômeno antidemocrático, contrariando sua natureza e tornando-se problemático. Mas os autores apresentam a necessidade de estudos sobre o tema, com o intuito de evitar o caos e o risco a democracia.

Brubaker (2017) faz uma análise mais ampla do populismo juntamente com sua relação com o nacionalismo. O autor também possui ensaios sobre populismo e religião, porém, estes textos não analisam a situação política do Brasil e são muito mais teóricos que práticos.

Mesmo que exista alguns trabalhos a respeito do conservadorismo do presidente Jair Bolsonaro, como o trabalho de Almeida (2019), Cunha (2018), Daly (2019) ou Camuça (2020), ou do populismo do Presidente conforme os trabalhos de Silva e Rodrigues (2021), Maitino (2020) ou até mesmo o trabalho referente a análise de campanha do presidente, por Albernaz (2019), não existe trabalho específico sobre o apoio político das alas evangélicas ao populismo do presidente Jair Bolsonaro. As pesquisas já existentes não relacionam ambos os pontos e características do governo do presidente brasileiro, colocando sempre apenas um dos conceitos básicos deste trabalho em questão.

Almeida (2019) apresenta uma análise dos grupos conservadores e seu apoio a Jair Bolsonaro no contexto histórico e político da crise democrática brasileira e ainda

observa que o conservadorismo vai além da religião e é muito mais profundo do que apenas ela. O trabalho de Cunha (2018) foca no apoio dos evangélicos, povo e congressistas, ao presidente Jair Bolsonaro, com ênfase na escalada de poder da ala evangélica no Congresso Nacional.

Daly (2019) foca no populismo de Jair Bolsonaro com a teoria de Mudde e Norris, porém, sem foco na religião. O autor apresenta uma análise do processo eleitoral e do Presidente com ênfase no risco a democracia que estes fatores apresentam.

Camurça (2020) já apresenta quais os fatores levaram os evangélicos a apoiarem Bolsonaro com análise direta aos dogmas da religião e as políticas públicas de agenda do presidente. E ainda qual o poder dos evangélicos eleitos ao congresso para as políticas do Presidente.

Silva e Rodrigues (2021) apresentam o populismo de Bolsonaro com teorias de Laclau e Mudde e ênfase no neoliberalismo do presidente. Além disso, os autores fazem uma análise de toda a vida política do presidente, apresentando sua concepção de “povo” e seu autoritarismo, apontando para o risco destas políticas para a democracia.

Maitino (2020) analisa a filosofia ideológica de Bolsonaro com o uso da teoria populista de Laclau. O autor ainda percebe que Bolsonaro troca a luta de classes pela uniformização do cidadão que é explorado pelo Estado corrupto, o que concede à disputa uma moralidade e regeneração.

Albernaz (2019) analisa o discurso populista de Bolsonaro nas eleições e a análise do padrão comparado com discursos populistas. Diante de tal tema, percebe-se a divergência com o tema deste presente trabalho. É importante lembrar que Cas Mudde também possui um livro de nome *The Far Right Today* (2019) que tem em seu contexto referência a Jair Bolsonaro. Apesar de ser referidos no texto, o ensaio de Mudde não é especificamente sobre o apoio evangélico que o Presidente possui, sendo muito mais amplo e muito mais voltado para a política de extrema direita de alguns presidentes pelo globo.

1.3. Pergunta de partida e objetivos específicos

O foco principal do trabalho é responder qual a relação entre o populismo de direita de Jair Bolsonaro e os grupos evangélicos no Brasil. Como objetivos específicos,

o trabalho procura: 1) identificar os grupos evangélicos que apoiam o Presidente Jair Bolsonaro; 2) identificar as características populistas de Jair Bolsonaro; 3) identificar as motivações para o apoio evangélico a Bolsonaro e o apelo do populismo para os grupos evangélicos;

1.4. Opções metodológicas

De acordo com a metodologia utilizada para a investigação na Ciência Política, será utilizada uma metodologia qualitativa, adotando-se o desenho de pesquisa do estudo de caso.

Por forma a recolher dados, serão realizados questionários com movimentos evangélicos brasileiros. Recolher-se-á também dados coletados pelas pesquisas eleitorais aquando do processo eleitoral e pesquisas de opinião durante o cumprimento de mandato.

Os questionários serão efetuados via Google Forms, em função da situação pandémica e ainda devido ao fato do público alvo não querer um contacto direto com o entrevistador. Esta é uma limitação ao estudo. Optar-se-á por uma amostragem bola de neve (*snowball*) e não probabilística, visto a amplitude ínfima em relação a real população analisada. A escolha desta técnica está diretamente relacionada a sua possibilidade de alcançar indivíduos que não são facilmente identificáveis, ou seja, normalmente é utilizada em populações que nunca foram identificadas antes (Dewes, 2013).

De acordo com a definição da técnica escolhida – *snowball* – a intenção é identificar participantes da pesquisa entre redes científicas e, posteriormente, que esses indiquem e passem a outras pessoas das suas redes e assim sucessivamente, sendo o nome relacionado a essa técnica, pois a bola de neve é devido a indicação e divulgação da entrevista ser pelos próprios entrevistados. De acordo com Dewes (2013) estes indivíduos, apesar de não serem facilmente identificados, reconhecem uns aos outros, o que facilita essa rede e o alcance maior da pesquisa. Essa estratégia também é importante para alcançar populações de maior dificuldade de acesso, o que é o caso deste trabalho, visto a dificuldade de aceitação destes grupos em participar de pesquisas científicas. Para o alcance e a eficácia da pesquisa seja positiva, a semente, que segundo Dewes (2013) são os primeiros selecionados, deve ser muito bem selecionada, para dar frutos, visto que uma semente que não possui uma rede muito eficiente para o objeto de estudo pode não

acrescentar em nada o trabalho.

Esta técnica é utilizada mais em estudos cujo objeto de estudo esteja focado em populações raras e quase inexistentes (Dewes, 2013). Porém a presente pesquisa estuda um grupo que foi essencial para uma eleição presidencial. Deve-se considerar que o foco da pesquisa são os grupos evangélicos e não todos os eleitores de Bolsonaro em 2018 e ainda é necessário observar que o presente estudo será feito online, pois a pesquisadora está em Portugal o que torna esta população em específico um grupo de difícil acesso. Para tal será aceito brasileiros que também residem em Portugal. Tem-se ainda que se vive em pandemia, o que limitará a pesquisa ao meio online, e também é importante lembrar que este grupo não será de fácil acesso devido a um caráter anti-ciência por parte do Presidente brasileiro e de alguns de seus apoiadores.

Esta técnica, segundo Vinuto (2014) também é uma forma de alcançar grupos estigmatizados, o que é uma qualificação do grupo pesquisado. Mas além das dificuldades, devemos perceber que uma outra necessidade da amostragem por *snowball* é que, visto que esta técnica de amostragem é simples e econômica e facilita em casos de acesso limitado, o uso da rede social é a melhor forma de conseguir acesso a estes grupos. Portanto, esta técnica é a que mais contribuirá para o objetivo e a estrutura traçada. Adicionalmente, além de não requerer recursos, este método não exige tanto planejamento, segundo Dewes (2013).

É importante também frisar que a utilização desta técnica possui pontos negativos e que podem atrapalhar a colheita de dados e atingir diretamente ao resultado final da pesquisa, principalmente por ser não-probabilística, a inferência sobre a população não pode ocorrer, o que pode limitar as conclusões do trabalho, segundo Dewes (2013). Ademais, pode ocorrer uma conclusão não homogênea, quando os indivíduos não possuem uniformidade nos pontos principais.

Finalmente, serão analisadas as medidas legislativas e executivas apresentadas por Bolsonaro e, dentre estas, como a ala evangélica no Congresso Nacional as receberam e as votaram, conforme informação oficiais das votações pelo Congresso Nacional.

5. Estrutura da dissertação

Para compreender a influência dos grupos religiosos, é necessário separar este

trabalho em três partes, sendo a primeira um entendimento de conceitos e ainda a apresentação do enquadramento teórico escolhido.

O segundo capítulo consistirá na análise histórica da religião com a construção do Estado Nação, para entender a importância da religião nos percursos políticos e como é vista esta relação entre ambas dentro das sociedades estudadas. Ainda será apresentado o surgimento das igrejas evangélicas no Brasil e a contextualização dessas no processo político e suas filosofias.

No terceiro capítulo, será analisado o surgimento e trajetória do então candidato dentro de seu contexto político, histórico e econômico e explicada a relação de Bolsonaro com o populismo e o apoio religioso, em sua campanha e no seu mandato durante o período de 2019-2021. As discussões neste tópico advêm da necessidade de contextualizar a aprovação do candidato populista de extrema direita por grupos evangélicos e ainda entender a vitória do presidente brasileiro dentro de um contexto de afirmação democrática bem delineado. E ainda será feita uma análise do risco do populismo religioso para a democracia liberal considerando o contexto social e político do século XXI, com ênfase nos apoios, nas medidas e na filosofia do candidato dentro dos conceitos de populismo.

CAPÍTULO 2 – ENQUADRAMENTO TEÓRICO

2.1. Definição de Populismo

As três principais características que Mudde e Kaltwasser (2017) dão à teoria de populismo são o caráter antissistema, autoritário e nativista. Diante de tais características os autores discorrem sua teoria com ênfase maior no político populista e no discurso bipolar, informal e contraditório. Quando se referem ao discurso bipolar dizem respeito a um discurso separando a população entre “elite” e “povo”, querendo apontar a “elite” como sendo contra o povo, geralmente incluindo neste grupo a classe política, ainda que possa haver variações de populista para populista. Já o “povo” é tido como o grupo onde o político populista se encaixa, colocando-se a favor da nação e do povo. Para Brubaker (2017) essa elite pode ter uma relação horizontal ou vertical, e para saber a situação do caso é necessário analisá-lo, através não só do discurso, mas das medidas e estratégias políticas tomadas. O discurso informal consiste em assuntos não políticos e até mesmo em desmerecer conhecimentos técnicos. E a característica de contraditórios se refere normalmente ao fato destes próprios políticos fazerem parte da classe política e, portanto, deveriam estar naquela “elite” que eles próprios delimitam. Além do mais, para os autores Mudde e Kaltwasser (2017), um populista é *anti-establishment*, se colocando como revolucionário e salvador da nação. Porém, essa autodefinição também é contraditória, de acordo com os autores, visto que, normalmente, estes populistas fazem parte do sistema há muito tempo, e por isso, mais uma vez se contradizem.

De acordo com Pippa Norris (2020), o populismo consiste em um estilo retórico de discurso político com uma linguagem e forma de discurso cuja intenção é a de persuadir o público. Além do mais, para Norris (2020) o discurso populista apresenta uma estrutura política baseada no poder do “povo” contra a “elite” que é considerada como ocupando as instituições democráticas. Diante disso, todo o discurso e a retórica tornam-se antidemocráticos, visto que as instituições democráticas são colocadas contrárias ao bem-estar ou a vontade do povo e, por isso, como inimigas do povo e que, por isso, devem ser combatidas a todo custo.

O discurso é adaptável ao contexto e compartilha pensamentos em comum com

o “povo”, sendo normalmente não literais, imperativos e bem simbólicos. O discurso também compartilha sensações de raiva através de hipérboles exageradas e refrãos com o intuito de interação e totalmente contrário ao que Norris (2020) chama de pluralismo liberal. Para Norris (2020), o pluralismo liberal consiste na defesa do multiculturalismo, tolerância social, liberalização das instituições democráticas com a intenção de proteger o povo e a democracia do poder executivo e na defesa dos direitos da minoria e os valores sociais. Mais uma vez percebe-se que o discurso apresenta características antidemocráticas por não compreender, abraçar ou naturalizar a diversidade cultural dos cidadãos de um Estado, além de se colocar contrário a multiplicidade de opiniões.

2.2. Definição de democracia liberal

Com a conclusão de uma inexistência de democracia direta conforme o modelo original grego, Dahl apresenta a necessidade de uma teoria real e atual. Com isso apresenta a necessidade de diferenciar a democracia atual da democracia original grega, que na sua essência era constituída por votação direta dos cidadãos a decisões políticas. A poliarquia torna-se, portanto, o nome do modelo democrático atual que muito diferente do processo grego não consiste em uma tomada de decisão política direta e sim representativa (Dahl, 1997).

Dahl (1997) defende a necessidade de pluralismo com sua teoria de poliarquia e ainda com a necessidade de cidadania inclusiva. O cientista apresenta a necessidade de participação popular, mas aponta a dificuldade desta participação em territórios maiores, como é o caso brasileiro. Diante desta realidade, a teoria de Dahl defende a necessidade de uma delegação de poder. A delegação é importante pois o poder executivo, assim como também o legislativo e o judiciário apresentam um poder maior do que nas democracias representativas.

Dahl (2001) também apresenta alguns aspectos necessários para a democracia, além da estabilidade das instituições democráticas. Dentre elas, o primeiro ponto consiste no controle dos militares por funcionários eleitos, em vista do risco que o poder militar pode representar para uma democracia. O segundo ponto essencial de Dahl (2001) para uma democracia é uma cultura política e condições democráticas. O terceiro é não haver controle externo que seja hostil a democracia, além de ter um governo eficaz. E para

finalizar, Dahl (2001) ainda apresenta dois factores favoráveis a democracia, sendo o primeiro uma economia de mercado, pois afirma que a democracia predomina em países com Capitalismo de Mercado, e finalmente o fraco pluralismo subcultural que é, basicamente a homogeneidade de identificação nacional do povo perante uma ideia de nação e uma inexistência de conflitos culturais internos. Para Dahl, apesar da necessidade de pluralidade, este não deve ser um problema, quando respeitado a diversidade e os direitos de todos, visto que o Governo apesar de ter ideologia deve governar também para as minorias.

Também com ênfase no pluralismo cultural, Rawls (1993) apresenta a necessidade deste pluralismo para a democracia. Para o autor, o pluralismo da concepção de bem, de justiça e da própria democracia é o que faz uma democracia liberal. Diante deste pluralismo, Rawls (1993) apresenta a necessidade de um Estado imparcial, mesmo que tenha um governo ideológico. O pluralismo é assegurado quando existe liberdade individual e direitos individuais. E para o autor a democracia liberal limita a atuação do governo na dignidade da pessoa humana, e quando tais fatores não são respeitados, a própria democracia entra em crise (Zambam e Almeida, 2017).

2.3. A explicação cultural para o populismo

A dissertação segue a explicação apresentada por Norris e Inglehart (2016, 2019) ancorada no chamado *cultural backlash* ou reação cultural, que consiste na determinação das mudanças sociais relacionada a valores como forma de estimular uma reação social retrograda que vê no populismo uma oportunidade ou uma identificação, catapultando o fenómeno político a um maior espaço na estrutura democrática pré-existente, colocando em risco sua estabilidade. De acordo com esta teoria, o processo pós-II Guerra Mundial transformou as sociedades ocidentais, ampliando as teorias multiculturais e cosmopolitas, influenciando o apoio de jovens a partidos progressistas, normalmente de esquerda, e ainda com a ampliação do acesso à educação por parte da população e conseqüentemente alterando a estrutura conservadora da época. Quando os valores sociais progridem, uma parcela da sociedade se sente abandonada e sem representação dentro de seu próprio país, onde os líderes, normalmente progressistas, se preocupam mais com os direitos dos negros, mulheres, comunidade LGBTI e esquecem dos valores

tradicionais, que se tornaram politicamente incorretos. Norris e Inglehart (2016, 2019) também apresentam que o estimulante da revolta conservadora está relacionado de crises econômicas à crise imigratória. A revolta silenciosa por parte destes grupos conservadores encontra nos líderes populistas a identificação que não encontravam em mais ninguém e surge daí o catalizador destes políticos que conseqüentemente leva às suas vitórias eleitorais, conforme será analisado neste trabalho.

Brubaker (2017) apresenta a necessidade do populismo em reforçar valores morais que foram perdidos com as mudanças políticas e apresenta a necessidade destes grupos em dominar decisões políticas no âmbito de liberdades individuais que antes foram dominadas por grupos progressistas que hoje representam a “elite” que precisa ser combatida.

Outro ponto importante, que inclusive é levantado por Norris e Inglehart (2016, 2019), diz respeito à mudança de paradigma político que perde o foco nas disputas de classes sociais, passando, conseqüentemente, a ignorar o binômio político convencional de esquerda-direita. Norris e Inglehart (2019) apontam a teoria de Beck (2013), que apresentou a prioridade política global mais relacionada com os riscos na produção de bens e ainda a monitorização do risco da modernização. Com a mudança de paradigma, as bases políticas de esquerda perderam o apoio sindical e diminuíram o foco na redistribuição de renda, causando maior desigualdade social. A forma como essa desigualdade é tratada é o que os autores colocam como o principal fator para o crescimento do populismo autoritário.

Mas no último trabalho dos autores (Norris e Inglehart, 2019), eles apontam que mesmo com o crescimento do apoio conservador no mundo ocidental, o apoio às medidas progressistas continuam em constante evolução. Diante de tal realidade é apresentado os fatores relacionados com este crescimento: educação universitária, mudança de valores entre gerações, igualdade de gênero e crescente urbanização. A ideia de ser imigrante dentro da sua própria nação devido a mudanças de valores impulsiona os populistas conservadores.

O interessante no debate é que Inglehart defende que todo esse processo não coloca a democracia em risco, o que difere das teorias de Foa e Mounk (2018), que colocam a democracia em um processo de morte e destruição pelas mudanças modernas

(Norris e Inglehart, 2019).

2.4. Religião e Populismo

O cientista social Rogers Brubaker (2017) coloca a religião como referência identitária ao populismo, principalmente porque, de acordo com o cientista, o populismo do século XXI apresenta características voltadas à repulsa por ideias progressistas e que apresentam uma liberdade individual maior e desrespeitam os valores e morais conservadores. Diante disto, Brubaker (2017) apresenta que alguns países colocam a “elite” como religiões não-cristãs. O cientista vai além e prevê a situação de países que baseiam a bipolaridade do discurso populista em ideias de “elite” como grupos secularistas ou comunistas, colocando estes grupos como inimigos da identidade nacional que eles consideram como conservadora e cristã. Com a teoria de oposições verticais e horizontais, Brubaker (2017) apresenta também o populismo como bagagem estruturada em agendas associadas a honra, moral e respeito, o que liga o populismo ao papel da religião.

O autor faz igualmente uma análise da relação entre nacionalismo e populismo e acredita que populismo e nacionalismo não devem ser tratados nem como conceitos semelhantes e nem mesmo como conceitos não congruentes. A relação entre os conceitos deve ser sempre analisada de forma crítica e observadora, visto que ambos os conceitos podem ter relações intrínsecas dependendo do fato analisado. O que é importante frisar ainda sobre o tema são as oposições horizontais e verticais e como essas oposições se encaixam em cada situação específica (Brubaker, 2020).

Brubaker (2017) também é crítico ao uso do termo populismo, principalmente pelo fato de que todo político é populista se considerar que um populista é alguém que fala em nome do “povo”. E essa simplificação do tema o torna banal e esconde suas verdadeiras peculiaridades. Além disso, o autor apresenta o fato de o termo ser usado pela mídia como algo desonroso, o que assingela o termo. E inclusive pode ser usado como forma de argumentação política contra a mídia.

Brubaker (2020) coloca o populismo como um fenômeno que com suas características bases e genéricas pode aparecer em suas mais diversas faces e estilos. Mas o autor apresenta que a representação do povo que seus políticos utilizam como

discurso é em sua maioria excludente. A exclusão ocorre quando ignoram as minorias e as margens, o que pode colocar estes grupos como a “elite” que precisa ser combatida quando tentam ser representadas. Esta exclusão, portanto, ocorre com os grupos que não possuem a mesma ideia de pureza, respeito e honra que o político populista e seus eleitores de base. Mas em uma sociedade, não existe apenas um povo, e por isso o populismo pode ser antidemocrático quando não observa a complexidade e a pluralidade do povo que deveria representar.

Ao observar os países europeus, percebe-se que o populismo tem uma influência do nacionalismo, oposição horizontal, visto que apresenta uma “elite” a ser combatida que é externa, ou seja, em grande maioria é representado pelo Islã e quem os apoia. Brubaker (2017) também afirma que a oposição horizontal pode também ser por grupos externos que representam um risco a nação, mas não apenas. De acordo com o autor, a oposição horizontal também pode ser por grupos internos que estão excluídos e à margem da sociedade e que podem representar uma mudança de paradigma. Diante de tal, a análise das oposições não pode se apegar apenas aos termos separados, precisa de analisar o entrelaçamento discursivo dos grupos.

Ainda de forma conceitual, o autor (Brubaker, 2017) apresenta cinco elementos, com base nas realidades europeias e estadunidense, que os políticos populistas incorporam em seu estilo. O primeiro elemento é o que ele chama de *repolitização antagônica (tradução livre)* e diz respeito à tentativa de retornar domínios que foram perdidos no âmbito de decisão política. Esses domínios dizem respeito, em sua maioria, a decisões neoliberais das liberdades individuais, que de forma mais ampla têm relação religiosa. O segundo elemento é o caráter *majoritário* do populismo que, conforme Brubaker (2017), a maioria defendida e representada pelo populista deve sobressair às minorias. Ou seja, para o autor, o populista não representa a pluralidade da nação e deixa ainda mais às margens aquela parcela da população composta pelas minorias. Em alguns casos, como já foi citado, essas minorias podem ser colocadas como parte da elite a ser combatida. Esta postura é antidemocrática e ignora a pluralidade de uma democracia e a necessidade de se escutar e representar ao conjunto da nação e não apenas as majorias. Em casos europeus estas minorias têm relação religiosa, mas esta relação varia de local para local. O terceiro elemento se refere ao *anti-institucionalismo* que se refere à

tentativa de criar suas próprias instituições e ainda diminuir, acabar, controlar ou menosprezar as instituições já existentes. Tal fator tem relação com um apoio à democracia direta. Mas, conforme Dahl (1993), este modelo democrático não é verdadeiro em nossa realidade e não condiz com as poliarquias existentes. Este elemento tem uma relação direta com a necessidade de comunicação direta com o povo, ou seja, estes políticos tentam comunicar, por redes sociais, de forma menos formal e mais direta com seus eleitores. Muito desta necessidade tem relação com o menosprezo às instituições democráticas, como as mídias sociais. O quarto elemento é o *proteccionismo* que está diretamente relacionada com a teoria bidimensional do autor que se refere a inimigos e ameaças que precisam ser combatidas. De acordo com Brubaker (2017) esta ameaça pode ser cultural, econômica, social e securitária. Quando se refere ao securitarismo o autor pretende apresentar as ameaças religiosas, linguísticas, culinárias e comportamental. Mais uma vez vê-se a interferência da religião na teoria do autor. Os riscos que são citados, em grande maioria, colocam as religiões dominantes em discussão e pode inclusive gerar perdas de influências destas religiões em discussões de domínio político. Esta perda em si já é o suficiente para ser considerado um risco. E finalmente, o último elemento se refere ao *estilo da comunicação* que os políticos possuem. A retórica é vista enquanto estilo próprio, apresentação e comportamento corporal pensada para se aproximar ao povo. Este estilo apresenta um teor anti-intelectual. Esse anti-intelectualismo é anticientífico, lembrando tempos pré-iluminismo e, portanto, apresenta também um teor religioso.

DeHanas e Shterin (2018) apresentam as diferentes relações e motivações religiosas com o populismo e percebe-se que a relação histórica da religião com o Estado é essencial para analisar e perceber a importância desta instituição para o populismo. Os autores também apresentam que é ingênuo acreditar que a mistura entre religião e populismo pode ser promissor ao Estado, principalmente devido às várias faces da religião, o que pode causar danos graves à democracia e à realidade social.

Para os autores a visão do sagrado é bastante presente nos casos populistas, com uma relação direta do político com a ideia de salvação (DeHanas e Shterin, 2018). Eles ainda afirmam que a ideia de sagrado e salvação que este político representa se refere a defesa de valores morais e nobres que se encontram em risco. A relação com o sagrado

é intrínseca ao populismo para os autores, mesmo que não tenha relação direta com religiões. Pois a essência do comportamento de salvação que o político populista emprega tem influência direta com a ideia de salvação presente em religiões e ainda com os símbolos religiosos e com o sentimento de pertença. Para os autores a religião pode apresentar uma variedade infinita de recursos culturais ao populismo. Estes recursos, inclusive, podem ser usados como forma de manter o poder, pois idealizam culpados pelos fracassos, ou seja, criam uma imagem religiosa flexionada e fluida conforme os fatos que podem ocorrer durante a campanha eleitoral ou o mandato político.

Os autores (DeHanas e Shterin, 2018) afirmam ainda que este populismo coloca o “povo” como a maioria e desvirtua as minorias. Tal ponto apresenta uma semelhança a Brubaker (2017), porém o último coloca a essência populista como democrática, apesar de ser deturpada e finalmente se tornar antidemocrática e antipluralista. Em geral, ambos os estudos colocam o populismo como antidemocrático. No entanto, DeHanas e Shterin (2018) vão além, e colocam a defesa populista como a *ethnos* da *demos*, o que relaciona diretamente o populismo a religião, moral e honra. Para os autores ainda é importante frisar que quando possui um caráter religioso, o teor da elite diretamente se refere às religiões não abrangentes, o que reflete na liberdade religiosa (DeHanas e Shterin, 2018). Para eles a relação entre religião e populismo coloca em causa o sagrado apresentado pelo populismo e como este pode colocar um risco social à democracia.

CAPÍTULO 3 - RELIGIÃO E POLÍTICA

O Brasil sempre foi um país de maioria católica e majoritariamente religioso devido a sua colonização por Portugal. A colonização teve influência desde a legislação portuguesa que era confundida com o direito divino, ou seja, de acordo com Emmerick (2010), a Igreja Católica determinava o direito. A história da colonização também possui marcos relacionados à primeira missa e ainda com a relação com os indígenas, que após uma tentativa fracassada de escravidão foram evangelizados pelos jesuítas portugueses, de acordo com determinação da Igreja.

Todavia, o Brasil é um país oficialmente laico desde a Constituição da República de 1891. Porém, esta premissa não impediu que as religiões cristãs disputassem os espaços públicos e principalmente que elas discutissem costumes nacionais e contemporâneos utilizando de conceitos morais e religiosos, conforme Emmerick (2010). Segundo o autor, na Constituição da República de 1988 mesmo mantendo o Estado laico, houve uma clara influência das igrejas cristãs, principalmente a Igreja Católica com os valores morais e conservadores voltados a família, educação e moral.

A predominância católica é devida à sua herança colonial, mas nos últimos anos ocorreu um enorme crescimento de evangélicos no país, conforme censo demográfico de 2010 realizado pelo IBGE. A origem destes grupos religiosos já possui um processo distinto da Igreja Católica. As Igrejas Protestantes no Brasil só surgiram no século XIX e seu processo de implementação e consolidação foram principalmente no século passado (Mendonça, 2005).

3.1. Protestantismo no Brasil

A igreja evangélica surgiu no Brasil com imigrantes no século XIX. Conforme Mendonça (2005), não é considerada parte da cultura brasileira devido às influências das igrejas estadunidenses e inglesas. A primeira igreja protestante foi a anglicana, ainda nos tempos do D. João VI. Com a instituição criada, muitos pastores vieram ao Brasil e começaram a missionar em diversas regiões do país. Mas também, na mesma época os “confederados” estadunidenses imigraram ao Brasil, o que permitiu a implementação da corrente estadunidense. Ademais, a imigração de grupos alemães levara ao Brasil ainda

outra corrente. Estes três grupos foram os primeiros, mas não os únicos (Rabuske, 2012). O protestantismo estadunidense e inglês tinham interesse na missão e conversão, e assim o fizeram. Já os alemães tinham apenas interesse em manter as celebrações de cultos e a prática da religião (Matos, 2011).

Matos (2011) compara a implementação da igreja protestante com a política de colonização portuguesa: “expandir o seu próprio modelo civilizatório”. A influência desta corrente ainda hoje pode ser observada na organização e implementação da Igreja no Brasil (Mendonça, 2005). A ideologia do protestantismo americano, portanto, aplicava a ideia de conversão e renascimento na igreja, além da a ética moral. Ambos os fatores considerados essenciais para a ideia do progresso. Outro ponto ideológico de origem estadunidense é referente a interferência da religião na luta antiescravagista, que devido a uma herança da Guerra Civil Americana, decidiu se abster da questão defendendo o ponto de que a Igreja deve se preocupar com as questões espirituais, enquanto que questões sociais e materiais são de responsabilidade do Estado e da política (Calvani, 2009).

No fim do século XIX houve um rompimento e as igrejas passaram a ser independentes. Esta independência criou a primeira igreja protestante independente em 1904 e o objetivo da igreja começa a ser debatido entre a necessidade de conversão e a prioridade de “educar para civilizar” (Mendonça, 2005, p.55).

Com um Congresso da Obra Cristã realizado em 1916, os protestantes decidiram que a prioridade consistia na conversão de indígenas (Matos, 2011). Depois, com um congresso Brasileiro surge a ideia de união entre todas as igrejas protestantes e outros projetos. E todos eles sendo financiados pela Igreja Estadunidense (Mendonça, 2005).

Em 1934 um pastor brasileiro publica uma crítica à igreja protestante brasileira, afirma que não tinham uma identidade própria e prega a necessidade de união. Mesmo que o unionismo não tenha tido êxito, esse caso foi importante para a aproximação das igrejas (Mendonça, 2005, p 55). Esta união e uniformidade nos objetivos forneceu um padrão às missões e pregações, além de levaras igrejas a se adaptarem um pouco mais à realidade brasileira, mas ainda sem uma independência cultural e financeira da corrente estadunidense.

Um pastor brasileiro começa a aplicar um método diferente na teologia e também

na forma de captar fiéis, com foco em indivíduos que nunca antes tiveram contato com o protestantismo. Com esse método começa a disputa teológica entre protestantes e católicos através de publicações de artigos, o que levou a disputa para além da conquista de fiéis. Com toda essa mudança, algumas correntes conseguiram uma independência financeira, mas ainda era visível a dependência cultural (Mendonça, 2005, p59).

Além destas mudanças, no mesmo período surgiu, após algumas pesquisas, uma corrente intitulada de Evangelho Social, que se opunha a ideia de que religião não deveria se preocupar com questões sociais e econômicas. Esta teoria, criada por Walter Rauschenbusch leva o foco também para relações entre indivíduos (Mendonça, 2005, p57) e, portanto, tem traços marxistas sendo bloqueada no Brasil, por ser considerada como algo herege. Ainda assim, algumas de suas heranças começaram a surgir no território brasileiro, como por exemplo, centros sociais que consistia em serviços sociais, bibliotecas, orfanatos e hospitais. Como forma de rechaçar o liberalismo teológico protestante da teoria do Evangelho Social, o fundamentalismo ganha espaço (Matos, 2011)

Nas décadas seguintes, no Brasil de Getúlio Vargas e após sua morte, o país passa por mudanças sociais, políticas e trabalhistas bastante amplas, como a mudança de leis trabalhistas, evolução tecnológica, crescimento econômico e ainda uma maior migração para os grandes centros a procura de trabalho. Com esta mudança, vários indivíduos se afastaram de suas respectivas igrejas e encontraram nas igrejas protestantes pentecostais o acolhimento que necessitavam (Mendonça, 2005, p.59). Estas migrações também levaram a um crescimento da pobreza nas periferias, por falta de planejamento, o que levou ao crescente nacionalismo e ao surgimento de pautas como as reformas de base (Rabuske, 2012).

Esta realidade escancarou o problema das igrejas protestantes que, apesar de uma maior união entre as igrejas no Brasil, ainda mantinham uma dependência cultural das igrejas estadunidenses (Mendonça, 2005) que tornava as pregações muito distantes da realidade brasileira. Com a chegada a Universidade esta juventude se aproximou de grupos estudantis e passou a enxergar essa distância. O que encaminhou à igreja protestante brasileira a criação de novas teologias. O missionário Richard Shaull influencia os seminários brasileiros com uma vertente mais social e que agrada aos jovens

protestantes da época (Matos, 2011, p.20). Outro indivíduo Dietrich Bonhoeffer que morreu em um campo de concentração nazista e que pregava a necessidade de ser cristão em um mundo secularizado, superando a igreja e até mesmo a religião. Esta corrente ficou conhecida como Teologia Radical (Mendonça, 2005). Shaul acreditava na necessidade de a Igreja agir e se responsabilizar por questões sociais e sua visão começa a ser inoportuna no meio protestante. Toda essa mudança de paradigma afasta a juventude da Igreja e chegam até mesmo acusarem as novas visões de comunistas pela participação de igrejas russas no movimento (Matos, 2011). Toda essa missão teológica juntamente com a mudança social levou os fiéis a procurarem igrejas mais próximas da realidade e sem tradições que afastassem o fiel do corpo eclesiástico e até mesmo de Deus (Mendonça, 2005).

Além de todas as mudanças sociais e religiosas apresentadas, é importante apresentar a influência da Cruzada Nacional de Evangelização que foi um braço da Igreja do Evangelho Quadrangular, uma igreja pentecostal de origem estadunidense (Matos, 2011). Esse movimento se estendeu a todo território nacional e ajudou no aumento de fiéis e da influência da igreja pentecostal no território brasileiro, com a alternância de fies para esta corrente. Mendonça (2005, p. 61) ainda apresenta que tal movimento marcou a origem do neopentecostalismo.

Tal período, portanto, possui três correntes implementadas pelas igrejas tradicionais, sendo elas o pentecostalismo, que ganhou força com a Cruzada Nacional de Evangelização, o Fundamentalismo, que surgiu para combater a teoria do Evangelho Social (Matos, 2011), e o ecumenismo incipiente das igrejas que queriam uma união e que seguiam os pensadores como Richard Shaul (Mendonça, 2005).

Durante as décadas de 1950 e 1960, no Brasil os grupos religiosos foram se colocando cada vez mais preocupados com as modificações sociais marcantes (Rabuske, 2012). A influência destes grupos, formado principalmente por universitários, levou as novas correntes a ganharem ainda mais espaço. Porém, neste mesmo período, no campo mundial estava a transcorrer a Guerra Fria e internamente tinha-se a ditadura militar que alavancou o fundamentalismo e dificultou o processo das novas teologias, teologia radical, Teologia da Libertação, movimento contracultura (Mendonça, 2005, p.58). Todas as correntes voltadas ao social, a mudança de realidade, a necessidade de atuação das

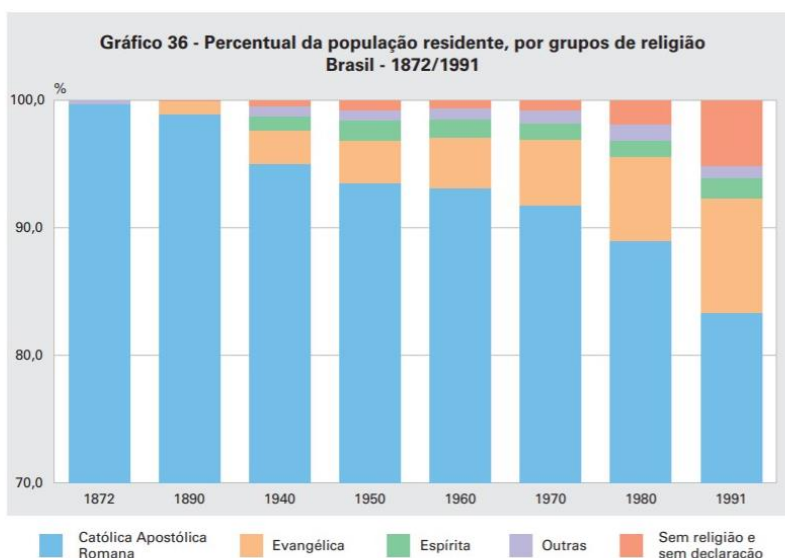
igrejas em discrepâncias sociais e finalmente na aproximação clero-fiel fora enfraquecida. Todas essas correntes defendiam o ecumenismo, a ideia de que a Igreja matou Deus, com referência direta de Nietzsche e ainda a ideia de secularização (Mendonça, 2005).

As questões políticas da época conseguiram frear essa mudança radical de paradigma e passou, juntamente com os grupos fundamentalistas e o governo estadunidense, a pregar a ideia cômoda de manter os valores, teorias e fundamentos. Os fundamentalistas não acreditam na necessidade de preocupação com o social, visto que pregam que esta melhoria está destinada ao juízo (Calvani, 2009).

O fundamentalismo evangélico, na década de 1980 alcançou uma presença nunca antes vista no território brasileiro com uma representação significativa na esfera pública (Mendonça, 2005). Também neste período, mais especificamente depois da constituição de 1988 a ideia de não participar das questões sociais foi radicalmente modificada e a presença na política por parte destes fieis foi bastante expressiva (Camurça, 2019). Além de participarem da política diretamente, ou seja, como candidatos, apresentam também a ideia de que evangélicos devem votar em evangélicos o que ajudou a progressos destes candidatos no ambiente político (Camurça, 2019). A agenda política destes candidatos estava relacionada diretamente com visibilidade e questões sociais. De certa forma, mesmo que de forma fundamentalista, as visões da teologia radical e o evangelho social de participação no meio público e social foram impregnados por estes grupos. Porém, suas pautas eram focadas em questões morais como aborto, drogas, homossexuais, moral cristã, cidadão de bem e família (Camurça, 2019). Todas estas pautas ainda estão presentes no meio político evangélico e são relacionados a direitos individuais, o que distingue diretamente das correntes evangélicas da década de 1940-1960 que apresentavam como maior importância os direitos coletivos e sociais.

Hoje estes grupos se autointitulam como evangélicos, conforme já citado anteriormente e são apresentados também pelo governo brasileiro com tal nomenclatura, em pesquisas de censos e afins. De acordo com o IBGE (2010), e conforme já mencionado, os católicos ainda são maioria, como podemos ver abaixo. E ainda será possível verificar que o termo evangélico é amplamente difundido nos meios de pesquisa brasileiro. No gráfico abaixo, observamos o aumento do grupo religioso no Brasil até a década de 1990.

Figura 1 – Percentual da população residente, por grupos de religião - Brasil – 1872/1991

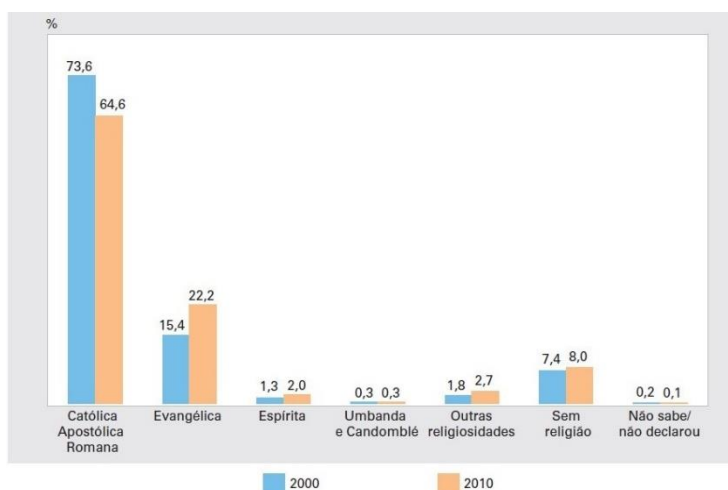


Fontes: Directoria Geral de Estatística, Recenseamento do Brasil 1872/1890; e IBGE, Censo Demográfico 1940/1991.

https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/94/cd_2010_religiao_deficiencia.pdf

Já abaixo, será possível verificar a subdivisão de evangélicos feito pelo IBGE (2010), que já foi apresentada. Mas os dados apresentados precisam ser comparados com os dados atuais:

Figura 2 – Percentual da população residente, segundo os grupos de religião Brasil – 2000/2010



Fonte: IBGE, Censo Demográfico 2000/2010.

https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/94/cd_2010_religiao_deficiencia.pdf

Diante de tal podemos verificar que durante a primeira década dos anos 2000 a conquista de fiéis por parte do evangélicos foi significativa, passando de 15,4% a 22,2%, além da queda da Igreja Católica de 73,6% para 64,6%, uma perda acima da média que vinha apresentando (IBGE, 2010). Abaixo podemos ver a determinação de cada uma das subdivisões:

Tabela 1 – Distribuição percentual da população residente, por Grandes Regiões, segundo os grupos de religião – 2000/2010

Grupos de religião	Distribuição percentual da população residente (%)					
	Brasil	Grandes Regiões				
		Norte	Nordeste	Sudeste	Sul	Centro-Oeste
2010	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
Católica Apostólica Romana	64,6	60,6	72,2	59,5	70,1	59,6
Evangélicas	22,2	28,5	16,4	24,6	20,2	26,8
Evangélicas de Missão	4,0	4,8	3,4	3,9	5,0	4,1
Evangélicas de origem pentecostal	13,3	20,1	10,1	14,3	10,9	16,6
Evangélica não determinada	4,8	3,6	2,9	6,3	4,3	6,1
Espírita	2,0	0,5	0,8	3,1	2,0	2,3
Umbanda e Candomblé	0,3	0,1	0,2	0,4	0,6	0,1
Sem Religião	8,0	7,7	8,3	9,0	4,8	8,4
Outras religiosidades	2,7	2,5	2,0	3,4	2,2	2,7
Não sabe/não declarou	0,1	0,1	0,1	0,1	0,1	0,1

Fonte: IBGE, Censo Demográfico 2000/2010.

https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/94/cd_2010_religiao_deficiencia.pdf

O Brasil, portanto, ainda é um país majoritariamente católico. O subgrupo de maior representação é o Evangélico de origem Pentecostal que está muito mais concentrado na região Norte do Brasil. Já os Evangélicos de missão estão em maior parte na região Sul, junto com os evangélicos não determinados.

Quanto as características destes grupos, quanto a raça e fator econômico precisamos observar a seguinte tabela:

Tabela 2 – Distribuição percentual da população residente por cor ou raça, segundo os grupos de religião – Brasil – 2010

Grupos de religião	Distribuição percentual da população residente (%)					
	Total	Cor ou raça				
		Branca	Preta	Amarela	Parda	Indígena
Total (1)	100,0	47,5	7,5	1,1	43,4	0,4
Católica Apostólica Romana	100,0	48,8	6,8	1,0	43,0	0,3
Evangelicas	100,0	44,6	8,2	1,0	45,7	0,5
De Missão	100,0	51,6	6,9	1,0	39,8	0,7
De Origem Pentecostal	100,0	41,3	8,5	0,9	48,9	0,5
Não determinada	100,0	48,1	8,5	1,1	41,9	0,4
Espíritas	100,0	68,7	6,6	1,1	23,4	0,2
Umbanda e Candomblé	100,0	47,1	21,1	0,6	30,8	0,4
Outras religiosidades	100,0	47,9	8,5	3,1	39,3	1,3
Sem religião	100,0	39,6	11,1	1,5	47,1	0,8

Fonte: IBGE, Censo Demográfico 2010.

(1) Inclusive sem declaração de cor ou raça.

https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/94/cd_2010_religiao_deficiencia.pdf

Com estes dados, se percebe que no ano de 2010, a maior parte dos evangélicos eram autodenominados pardos (45,7%), com uma parcela praticamente igual em brancos (44,6%). Nos subgrupos temos que os brancos dominam apenas os evangélicos de Missão com 51,6%, enquanto que os pardos predominam nas duas subdivisões restantes (IBGE, 2010).

Na Tabela 3, temos a análise de instrução da população por religião e se verifica que os Evangélicos de Missão possuem um dos mais altos índices de pessoas com ensino superior completo, com 12,1%, enquanto que o ensino médio completo são 33,4% e somados os sem instrução, ou ensino fundamental e médio incompletos somam 54%. Já os Evangélicos de origem Pentecostal possuem 4,1% de pessoas com superior completo, 25,5% com ensino médio completo e 69,8% de pessoas ou sem instrução, ou sem ensino médio ou fundamental completo. E, finalmente, temos os evangélicos não determinados, que possuem 8,4% de pessoas com ensino superior completo, 31,2% com o ensino médio completo e 59,6% de pessoas ou sem instrução, ou sem ensino médio ou fundamental completo. Deste modo, percebemos que os evangélicos de missão possuem ensino superior mais que os Católicos, enquanto que nos outros subtipos não é verificado. Já a média entre os Evangélicos em geral com ensino superior é de 8,2%, menor que os

católicos, enquanto que a média com ensino médio completo é de 30,03%, o que supera os católicos em relação a instrução.

Tabela 3 – Percentual de pessoas de 15 anos ou mais de idade, por nível de instrução segundo os grupos de religião – Brasil - 2010

Grupos de religião	Percentual de pessoas de 15 anos ou mais de idade, por nível de instrução (%)					
	Sem instrução	Fundamental incompleto	Fundamental completo e médio incompleto	Médio completo e superior incompleto	Superior completo	Não determinado
Total (1)	6,3	38,6	19,0	26,2	9,3	0,6
Católica apostólica romana	6,8	39,8	18,3	25,1	9,4	0,5
Evangélicas de missão	3,6	30,7	19,7	33,4	12,1	0,6
Evangélicas de origem pentecostal	6,2	42,3	21,3	25,5	4,1	0,7
Evangélica não determinada	4,3	33,7	21,6	31,2	8,4	0,8
Espírita	1,8	15,0	14,7	36,5	31,5	0,5
Umbanda e candomblé	3,3	28,9	21,2	33,1	12,9	0,6
Outras religiosidades	4,8	31,5	19,9	31,0	12,0	0,8
Sem religião	6,7	39,2	20,2	25,2	8,2	0,5

Fonte: IBGE, Censo Demográfico 2010.

(1) Inclusive as pessoas sem declaração de religião

https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/94/cd_2010_religiao_deficiencia.pdf

Em referência a renda, temos os seguintes dados:

Tabela 4 – Distribuição percentual de pessoas de 10 anos ou mais de idade residentes em domicílios particulares permanentes, por grupos de religião, segundo as classes de rendimento nominal mensal domiciliar *per capita* Brasil – 2010.

Classes de rendimento nominal mensal domiciliar <i>per capita</i> (salário mínimo) (1)	Distribuição percentual de pessoas de 10 anos ou mais de idade residentes em domicílios particulares permanentes, por grupos de religião (%)							
	Católica Apóstolica Romana	Evangélicas			Espírita	Umbanda e Candomblé	Outras religiosidades	Sem religião
		De Missão	De Origem Pentecostal	Não determinada				
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
Até 1/8	5,0	2,3	3,8	2,1	0,4	1,7	2,6	4,4
Mais de 1/8 a 1/4	6,7	4,2	7,0	4,7	1,2	4,1	4,5	7,3
Mais de 1/4 a 1/2	17,0	14,2	20,5	15,9	5,1	13,2	14,2	19,6
Mais de 1/2 a 1	27,1	27,5	32,3	29,7	15,0	24,8	26,8	27,9
Mais de 1 a 2	22,4	27,1	22,5	26,0	24,9	26,3	25,0	19,6
Mais de 2 a 3	7,5	9,6	5,5	8,1	15,0	10,3	8,8	5,9
Mais de 3 a 5	5,5	7,0	3,0	5,5	15,7	8,4	6,6	4,5
Mais de 5 a 10	3,6	4,0	1,2	3,0	13,2	4,9	4,7	3,4
Mais de 10	1,7	1,6	0,4	1,1	6,5	2,2	2,5	2,1
Sem rendimento (2)	3,4	2,6	3,7	3,9	2,8	4,1	4,2	5,2

Fonte: IBGE, Censo Demográfico 2010.

(1) Salário mínimo utilizado: R\$510,00. (2) Inclusive os domicílios com rendimento domiciliar *per capita* somente em benefícios.

https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/94/cd_2010_religiao_deficiencia.pdf

Deste modo, os evangélicos de missão possuem um alto rendimento comparado aos católicos e aos outros subtipos. Os evangélicos de origem pentecostal são os que possuem menor rendimento dentre os próprios evangélicos e ainda comparado aos católicos.

Diante destas apresentações é necessário agora apresentar a relação política e religião de forma mais concisa e minuciosa.

3.2. Protestantismo e Política – a Bancada Evangélica

Historicamente o Brasil é um país cuja secularização não foi bem realizada, não existindo uma separação bem definida entre o político e o religioso, principalmente quando a pauta se refere à moral religiosa. Conforme foi possível verificar, os evangélicos acreditavam que não deveriam fazer parte do mundo político e nem mesmo se preocupar com as questões sociais que dizem respeito apenas a Deus. A preocupação destes grupos era, por muito tempo, apenas em pregar o evangelho. Todas as correntes que tentaram modificar essa vertente foram altamente combatidas por fundamentalistas e por pessoas de interesse, conforme Mendonça (2005) apresenta em seu trabalho. Apenas após a redemocratização, em 1985, estes grupos começaram a perceber a necessidade de estar na política e de ter os fiéis como principais eleitores. A mudança de paradigma foi bastante marcante para o âmbito político e religioso, porque outras religiões não tinham candidatos abertamente apoiados por igrejas (Camurça, 2020a). Também por isso e devido ao crescimento de evangélicos no Brasil, os representantes evangélicos no congresso nacional tiveram sua primeira formação com o Congresso Constituinte de 1986 conforme Souza (2017), com 32 candidatos eleitos.

De acordo com Camurça (2020a) os grupos religiosos surgiram já com uma marca de ideologia tradicional e conservadora no campo moral com uma visão contrária aos direitos humanos. Além disso Camurça (2020a) ainda cita alguns apoios políticos que estes grupos deram durante os anos, como a apoio à eleição de Fernando Collor de Melo e a oposição à eleição de Lula na primeira eleição democrática após período ditatorial em 1989. Porém, nestas ocasiões não existia uma Bancada Evangélica constituída. Conforme Barbalho e Barboza (2020) a Frente Parlamentar Evangélica, mais conhecida como Bancada Evangélica, foi criada em 2003. Ainda na eleição de 2002, estes representantes

apoiaram Lula. E posteriormente continuaram a apoiar Lula e Dilma nas eleições seguintes. Segundo Souza (2017) essa aliança foi essencial para a maior afirmação da bancada evangélica no cenário político, pois, essa aliança partidária com os governos petistas possibilitou maior visibilidade e um alcance político também maior.

Esse apoio encerrou no momento de *impeachment* de Dilma Rousseff, mudança que coincidiu com a formação de uma aliança com grupos neoliberais e levou ao apoio a Jair Bolsonaro em 2018. A partir deste período, os grupos de representantes evangélicos no congresso nacional passaram a se posicionar como extrema direita.

É interessante perceber que a Bancada Evangélica possui representantes de vários partidos, inclusive apresentam um grande tráfico de partidos entre seus representantes:

“E não surpreende a constatação de Dantas quando analisa a questão ideológica dos membros da Bancada Evangélica na escolha da filiação a determinados partidos. Ela diz que ‘a identificação ideológica pouco importa. Por isso, as legendas de esquerda, que exigem de seus filiados compromisso ideológico e fidelidade partidária, são descartadas’. Tanto não há compromisso com a ideologia política que a troca de partidos é lugar comum no cotidiano desses parlamentares. Recorremos novamente a Dantas que menciona que ‘após vencer as eleições, os deputados assembleianos assim como os iurdianos, costumam aderir a um comportamento político comum entre os parlamentares antigos: o troca-troca de partidos’” (Neto, 2017, p.67).

O percurso destes grupos até os dias atuais foi marcado por crescimento proporcional e com momentos marcantes em seu processo. Na análise de Barbalho e Barboza (2020) sobre a Frente Parlamentar Evangélica os autores analisam se estes fazem parte da elite política brasileira. A análise dos autores consiste em representação em comissões ou cargos com grande poder de decisão e ainda em estudos da DIAP (Departamento Intersindical de Assessoria Parlamentar). A conclusão do estudo é que a Bancada Evangélica não é considerada uma elite política, porém é perceptível que possuem certa presença em cargos importantes, como, por exemplo, presidente da câmara dos deputados com Eduardo Cunha do PMDB - Partido do Movimento Democrático Brasileiro, atual MDB – Movimento Democrático Brasileiro (Barbalho e Barboza, 2020).

Ainda segundo Barbalho e Barboza (2020), a Bancada Evangélica sempre teve um crescimento proporcional com os anos, mas em 2017 houve um crescimento inesperado no alcance em posições estratégicas da Câmara dos Deputados. Apresentam que a participação dos integrantes da Bancada Evangélica em várias das mesas diretoras de comissões, mas em três comissões estes nunca participaram e estas são, segundo

Barbalho e Barboza (2020, p. 139): as de Finanças e Tributação (CFT), de Educação (CE), de Cultura (CCULT) e de Defesa dos Direitos da Mulher (CMULHER).

A evolução destas conquistas políticas levaram o Brasil ao cenário atual, com uma bancada evangélica expressiva, além da presença de pastores e fiéis abertamente declarados e apoiados por suas igrejas. A relação direta e aberta com as religiões apresenta influência também nas agendas dos candidatos e ainda nos partidos que são filiados. Ainda no Congresso Nacional é comum a prática de orações e já aconteceu até mesmo a celebração de cultos, devido à presença em massa dos evangélicos (Shiota e Possmozer, 2021).

Mas definitivamente, o ponto mais relevante é o crescimento de políticas progressistas que não agradaram as frentes conservadoras e as fizeram apoiar um político populista:

“Nas últimas eleições de 2018 para o Congresso Nacional, a Bancada evangélica elegeu candidatos em 25 dos 26 estados da federação e no Distrito Federal. Disseminada em 23 partidos, a bancada de 84 parlamentares na legislatura passada cresceu para 91 e 107 senadores (sic). A expectativa do bloco é aumentar sua influência no parlamento com o alinhamento ao governo Bolsonaro. Ao invés de atuar apenas no sentido de barrar os projetos de ampliação dos Direitos Humanos que incorporavam direitos sexuais e reprodutivos, encaminhados por deputados laicos e de esquerda, na atual legislatura, com uma correlação de forças muito mais favorável intentam ser propositivos em termos de leis: ‘Ao invés de segurar a pauta da esquerda [...] [ela] que trate de obstruir para segurar nossos projetos. O jogo se inverteu’, afirmou o deputado reeleito Sóstenes Cavalcante (DEM-RJ), ligado ao midiático conservador pastor Silas Malafaia (MARINI; CARVALHO, 2018).” (Camurça, 2020, p. 90)

A Bancada possui representantes na Câmara dos Deputados e no Senado Federal: “nesse contexto, a Frente Parlamentar Evangélica do Congresso arrolou oficialmente 91 adeptos na legislatura correspondente a 2019- 2023, sendo 84 deputados e 7 senadores” (Vaz e Andrade, 2019, p.13) com o principal partido o PRB – Partido Republicano Brasileiro, atual Republicanos.

Camurça (2020a) afirma que, apesar de os evangélicos terem um papel de influência do mandato presidencial 2019-2022, no ciclo principal do presidente Jair Bolsonaro existem grupos com maiores influências, principalmente no âmbito econômico. Deste modo, o autor apresenta que a pauta moral não tem privilégio frente a pauta econômica. Segundo Shiota e Possmozer (2021, p. 134), apesar de terem uma prioridade com a questão de agenda moral, a Bancada Evangélica possui outras agendas:

“No manifesto da FPE, O Brasil para os brasileiros (CÂMARA DOS DEPUTADOS, 2018), há uma reivindicação de mudanças nas áreas jurídica, fiscal e educacional dentro de uma perspectiva de modernização para o país, em consonância com o credo neoliberal e as políticas do governo atual. Nesse contexto, justificamos que a FPE, ao mesmo tempo em que se apoia na elaboração de um programa mínimo de governo fundamentado nos preceitos cristãos de defesa da vida, da família e da moral, atua no sentido de abraçar pautas que atendam aos anseios gerais da população brasileira, com propostas que objetivam interferir nos planos econômico e educacional. É importante ressaltar, todavia, que somente a análise da práxis política da FPE, isto é, da sua atuação legislativa no Congresso Nacional, permitirá delinear mais concretamente os limites reais de seu projeto de poder, que foge ao escopo deste artigo”

Segundo Goldstein (2020, p. 18) as similaridades das agendas da Bancada Evangélica e do Presidente Jair Bolsonaro são:

“A partir da análise destes líderes, pudemos observar que o bloco possui uma agenda política própria. A mesma se encontra definida pelo Estatuto do Nascituro –que supõe conceber a vida e estender os Direitos da Criança desde o começo da gravidez, em oposição ao aborto– e o Estatuto da Família, que define esta como constituída apenas pelo homem e a mulher. Também se encontram o projeto de “reversão da homossexualidade” e Escola Sem Partido, um projeto que denuncia o “doutrinação da esquerda” nas escolas e universidades e busca perseguir, estigmatizar e afastar os professores que falem de política com uma visão progressista na sala de aula. Outro dos eixos fundamentais da FPE é a demanda pelo traslado da embaixada do Brasil em Israel de Telaviv a Jerusalém.

Assim, a agenda comum entre os líderes evangélicos e Jair Bolsonaro assenta nos seguintes princípios, conforme Goldstein (2020, p. 18):

“a) Uma visão conservadora da família enquanto fundamento da sociedade, com a manutenção dos papéis tradicionais e históricos do homem e da mulher, rejeitando outras identidades sexuais; b) A rejeição a qualquer modificação nestes papéis, vista como um ataque à família, à mulher e às crianças; c) A aplicação de princípios econômicos neoliberais, aliada ao conservadorismo social, une figuras como o candidato Pastor Everaldo e Jair Bolsonaro; d) A concepção de que a Nação é predominantemente cristã, pelo que a legislação deve refletir as características dessa maioria cristã.” (Goldstein, 2020).

CAPÍTULO 4 – JAIR BOLSONARO: DA CAMPANHA ELEITORAL AO GOVERNO PRESIDENCIAL

4.1. Histórico e Campanha Eleitoral em 2018

O percurso político nacional de Jair Bolsonaro surge ainda em 1991, quando eleito Deputado Federal pelo estado do Rio de Janeiro (Di Carlo e Kamradt, 2018). Mas o atual presidente ganhou maior notoriedade quando começou a ter visibilidade no programa de televisão “CQC” (Tv Bandeirantes), junto com participações no programa Pânico (Rede Tv) e ainda participações no programa SuperPop (Rede Tv). Todos os programas tinham um público mais amplo e ajudaram o político a ganhar visibilidade e um alcance maior nas redes sociais (Machado, 2021). É importante perceber que o alcance de Jair Bolsonaro nas redes sociais é o maior alcance de um político no Brasil, ou seja, é o político atual com maiores números de seguidores no Instagram e possui uma interação impressionante nas redes sociais (Di Carlo e Kamradt, 2018). Bolsonaro também é usuário assíduo do Twitter e utiliza a ferramenta como meio político. Esta presença constante nas redes sociais tornou sua imagem mais pública e mais acessível pela população em geral, além de uma linguagem menos limpa ou formal, se tornando também compreensível. Porém, esta linguagem é apresentada por Di Carlo e Kamradt (2018) como uma dilapidação da esfera pública e também reflete a crise partidária, além de se mostrar incapaz de mediar conflitos sociais.

Quando deputado, Bolsonaro foi filiado a partidos de direita e centro, sempre com aproximação aos grupos militares, por ser um militar reformado. Aproveitou de sua influência política para inserir os filhos no meio político (Furtado, 2019) e os tem como seus pilares intelectuais e midiáticos. E decidiu se candidatar à presidência com o alcance que começou a ter nas redes sociais e o apoio que surgiu desta visibilidade.

Quando começou a ganhar maior visibilidade, o Brasil passava por uma crise econômica e política que se iniciou no governo de Dilma Rousseff e com as consequências da Lava Jato que intensificou o discurso “antipolítico”, em que todo político seria corrupto. Além disso, o que se pode considerar uma visão *Anti-establishment*, neste período começou a crescer o antipetismo, ou seja, a visão política contrária ao Partido dos Trabalhadores (PT). Essa crise política, apesar de ter foco no PT

foi generalizada, com uma diminuição de confiança na política e nos partidos políticos em si, ou seja, era também antipartidária. Todo esse sentimento permitiu o crescimento de grupos contrários aos direitos coletivos e a favor do *status quo* que foi ameaçado nos anos anteriores com a conquista de direitos e espaço por minorias (Di Carlo e Kamradt, 2018).

O conservadorismo também se viu reforçado com essa necessidade de se manter o *status quo* e procurava uma base de apoio contrária ao progressismo presente no Brasil, principalmente voltado aos costumes. Todo este conjunto levou a população a tentar encontrar soluções. Conforme Almeida (2019) os demais candidatos conservadores não conseguiram se mostrar convincentes. Marina Silva porque nunca se posicionou conservadora nos costumes e Cabo Daciolo por ser teocrático. E segundo Di Carlo e Kamradt (2018) Jair Bolsonaro não é responsável pela radicalização social que surge no Brasil neste período, para os autores ele é apenas o produto desta radicalização que tinha um viés cultural relacionado com o “politicamente incorreto”. Di Carlo e Kamradt (2018, p.69) também afirmam que ele foi apenas “o político mais hábil em verbalizar valores que vão de encontro a essa cultura”, criando uma agenda antipetista e antipartidarista, contrário as pautas progressistas defendidas pelos governos do PT. Essa colocação o colocou acima de qualquer partido. Para os autores, ao citarem André Singer, essa crise partidária é generalizada nas democracias atuais e daí surge uma necessidade dos partidos políticos de alcançarem uma maior participação social para que a crise não se torne democrática.

O terreno estava fértil para Bolsonaro e seu discurso populista facilitou a semear suas políticas. Segundo Mudde e Kaltwasser (2017) a ideia da polarização entre “elite” e “povo” é clássica na formulação do populismo sendo construído dentro de um contexto social, político e econômico, por ser essencial ao populismo apresentar o inimigo e deixar claro quem deverá ser combatido. De acordo com Di Carlo e Kamradt: “a ideia de inimigo a ser combatido já existia nas manifestações de rua de 2013 e 2015, mas teve uma contribuição com postagens, discursos e falsas afirmações apresentadas por Jair Bolsonaro em seu percurso pós *impeachment* de Dilma Rousseff” (Di Carlo e Kamradt, 2018, pág.60). A união contra um inimigo específico é ideal para delegar ao líder poder.

Essa ideia de “povo” usurpada por Bolsonaro diz respeito aos cidadãos praticantes

da tradição cristã e da moralidade religiosa brasileira, que para ele estaria sendo destruída por uma invasão cultural externa, conforme Cas Mudde (2019). Com esta ideia de “povo” ele conquista os cristãos conservadores que não aceitam o progresso cultural e se colocam contrários ao “politicamente correto” e aos direitos humanos, os que querem uma hegemonia das majorias e exclui as religiões não cristãs. O slogan do candidato Bolsonaro “Deus acima de tudo, Brasil acima de todos” define muito bem a ideologia e as alianças que o presidente adotou em sua campanha, ou seja, nacionalista e religioso conservador (Augsten e Amaral, 2019). Para além disso, Jair Bolsonaro ainda se apresentou como sinônimo de mudança, de renovação política, mesmo com presença no Congresso Federal por 27 anos, na época da eleição. Augsten e Amaral (2019, pp. 4-5) ainda analisam que o discurso de Jair Bolsonaro está relacionado com a forma como ele se vê e que também vê a sociedade, mais especificamente os valores sociais desta. Diante destes valores apresentados nos discursos, percebe-se que Bolsonaro constrói sua imagem com intolerância a grupos, ideias e pessoas que não se identifica. Estes grupos e ideias são relacionados com mulheres, grupos de esquerda, comunidade LGBTQI+, religiões não judaico-cristãs, raças não brancas e Direitos Humanos.

Com esta base, grupos com os quais não se identificam se tornam a “elite” em seus discursos e Bolsonaro inclui dentre a complexa definição de “elite” os indivíduos da academia intelectual, as feministas e os apoiadores do aborto e os políticos, incentivando indiretamente o preconceito popular contra estes grupos (Di Carlo e Kamradt, 2018, pág 64). Estas definições de “elite” muito estão relacionadas com a ideia apresentada por Olavo de Carvalho, “intelectual” e teórico do regime bolsonarista, que contraria a globalização e as narrativas apresentadas sobre períodos históricos como a colonização, a escravidão e a ditadura militar, conforme Di Carlo e Kamradt (2018). E ainda conforme o que Camargo, Moraes e Rosa (2020) indicaram como construção de um inimigo externo com teorias da conspiração com a intenção de criar uma ameaça a ser combatida e com a necessidade de um líder para proteger a nação. Essa “nova ordem mundial” conforme os autores Di Carlo e Kamradt (2018) já foi relacionada com a religião quando Pat Robertson, apresentador de TV evangélico, em 1991 colocou como dever de todo cristão combater esse inimigo. Essa visão foi tomada por grupos conservadores, paramilitares americanos e fanáticos religiosos. Esta mesma ideia foi difundida por Olavo de Carvalho

no Brasil. A personalidade se auto intitula filósofo, mesmo sem formação acadêmica, tem cursos relacionados ao tema e possui forte influência sobre Bolsonaro, principalmente sobre Eduardo Bolsonaro, filho de Jair Bolsonaro, indicando seus alunos para serem Ministros do Governo (Di Carlo e Kamradt, 2018)

A relação entre Bolsonaro e religião é instigante. O atual presidente brasileiro já se declarou católico, mas foi batizado pela igreja evangélica e adquiriu algumas alianças políticas no meio religioso devido aos sete partidos em que já foi filiado em seus 30 anos no meio político, principalmente três deles: PP – Partido Progressista, PSC – Partido social cristão e PSL – Partido Social Liberal. Todos estes partidos possuem números expressivos de integrantes na “bancada evangélica” no Congresso Nacional, conforme dados do próprio Congresso Nacional e ainda esta mesma bancada teve como integrante Jair Bolsonaro na 55ª Legislatura (Congresso Nacional, 2015).

Jair Bolsonaro foi candidato a presidente da República pelo PSL, apresentou como aliado e Ministro da Economia ainda em campanha Paulo Guedes, também considerado guru econômico, já que sempre afirmou não ter conhecimentos sobre economia (Furtado, 2019). Com uma base criada, Bolsonaro, que já tinha visibilidade devido a habilidade de se destacar frente as pautas referentes às crises existentes no Brasil, se apresenta como candidato ideal para representar o antipetismo, o antipartidarismo, a luta contra o comunismo e o *establishment*, e ainda como representante da manutenção do *status quo*, dos valores da nação e da família brasileira, das forças armadas e do pensamento liberal econômico (Furtado, 2019).

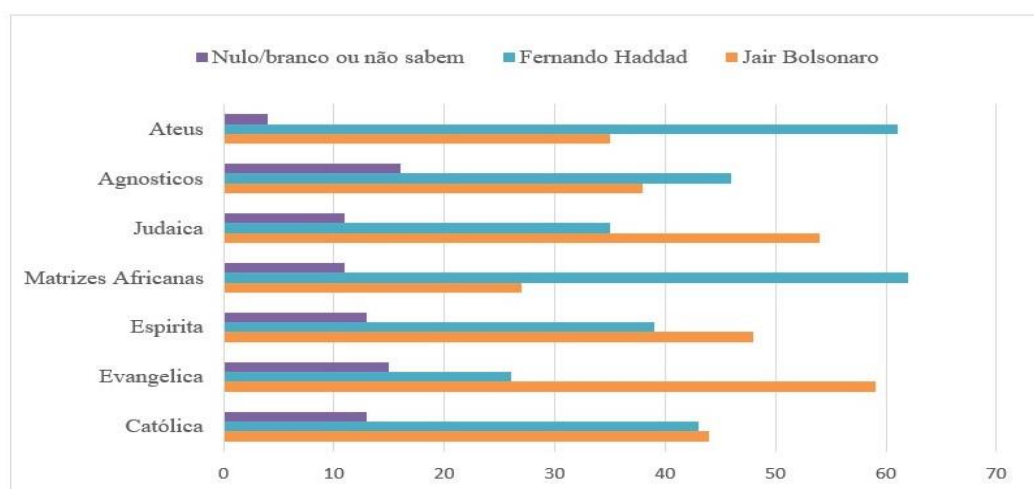
Sua participação na campanha eleitoral, porém, é interrompida com o atentado que ocorreu em Juiz de Fora (Minas Gerais). Depois do episódio o então candidato se diz impossibilitado a participar de debates. Contudo, ainda sem participar de nenhum dos debates, o episódio lhe garantiu uma cobertura midiática que lhe deu maior exposição frente aos outros candidatos (Furtado, 2019). Outra questão relevante consiste que sua campanha não era voltada à rede televisiva e sim às redes sociais que mesmo com o episódio se mantiveram devido a equipe e apoiadores. No primeiro turno, o horário eleitoral gratuito não permitia o então candidato ter muito tempo na TV, devido aos métodos de definição de tempo serem determinados por participação partidária no cenário nacional. Desta fora, a rede social, junto com a amplitude que tinha online foi decisiva na

sua campanha no primeiro turno, principalmente porque outros candidatos não tiveram o mesmo foco, o que o fez alcançar um público maior e sem muita disputa de espaço ou até mesmo interesse com os outros candidatos (Furtado, 2019, pág. 43).

Já no segundo turno, com a redução a dois candidatos, o critério de participação partidária no Congresso Nacional já não se aplicava e, devido a tal, Jair Bolsonaro garante metade do tempo em Horário Eleitoral gratuito (Furtado, 2019). A presença no maior meio de comunicação tem efeito representativo em sua campanha. Mas ainda assim as redes sociais não foram esquecidas e continuaram a utilizar meios bastante questionáveis, como disseminação de informações falsas, mas que garantiram sua vitória eleitoral. Com pautas contrárias a tudo o que o PT representava e concorrendo com um candidato petista, Bolsonaro conseguiu conquistar a maioria necessária para vencer (Furtado, 2019).

O apoio da comunidade evangélica a Jair Bolsonaro foi essencial para a sua vitória, devido ao seu maior eleitorado pertencente a este grupo religioso, conforme pesquisa do Datafolha de dezembro de 2018:

Tabela 5 – Apoio aos candidatos ao segundo turno da eleição presidencial do Brasil, em 2018, por religião:



Fonte: DataFolha (2018)

A maioria de evangélicos apoiou o atual presidente, porém tal apoio não foi apenas devido às alianças do presidente com alguns líderes evangélicos. O apoio dos evangélicos conservadores à candidatura presidencial de Jair Bolsonaro advém também das promessas de medidas contra a comunidade LGBTQI+, contra o aborto e a promessa de controle na educação, ou seja, contra a “ideologia de gênero” nas escolas e a promessa de indicação

de um ministro “terrivelmente evangélico” ao Supremo Tribunal Federal (STF), segundo Castro (2019).

De acordo com Cunha (2018) um dos principais elementos determinantes para esta aprovação dos evangélicos está relacionada com a moralidade religiosa. Tal afirmação diz respeito ao machismo, a opressão sexual feminina e a homofobia. A estratégia de convencer parcela da população conservadora de que o país estava enfrentando um “inimigo” que queria destruir a “família tradicional brasileira” se encaixa tanto na definição religiosa de “bem” e “mal”, conforme Cunha (2018), como na definição de “povo” e “elite” defendida por Mudde e Kaltwasser (2017).

O apoio dos evangélicos foi essencial para eleger Bolsonaro, mas não seriam o suficiente sozinhos. E de acordo com os perfis dos grupos evangélicos, estes se encaixavam com as pautas apresentadas pelo então candidato e se sentiam ameaçados pelas mudanças sociais dos últimos anos. Além disso, com a ideia de votarem apenas em Evangélicos e sendo o Bolsonaro um aliado da religião e batizado no Rio Jordão por um pastor-político, sua aceitação no meio religioso ganhou embasamento. Com uma grande parcela dos evangélicos de missão como classe média viam a necessidade de manter o *status quo*, de lutar contra a corrupção e de defender a família tradicional brasileira. Além disso o eleitor bolsonarista também possui a característica de formação superior completa que representa novamente de forma mais expressiva os evangélicos de missão dentre as subdivisões evangélicas (Datafolha, 2018).

Seu discurso criado sob perspectiva de um risco externo que tinha a intenção de acabar com os valores nacionais, conservadores e de direita o fez colocar-se como o líder ideal para combater os riscos iminentes. Conforme Brubaker (2017), o risco horizontal apesar de quase sempre ser externo, também pode representar um risco interno quando o risco representa um medo de mudança de paradigmas. No caso de Bolsonaro, o risco apresentado por ele era interno, ou seja, o Partido dos Trabalhadores (PT) que levaria o Brasil a perder seus valores morais e religiosos e que representava um risco de implantação do comunismo, visto seu viés de esquerda. Além do mais, o PT e seus apoiantes representavam o *establishment* que precisava ser combatido, o *status quo* que foi modificado em seus anos de governo e ainda a corrupção com os escândalos do

Mensalão¹ e Lava Jato², além do próprio Impeachment de Dilma Rousseff. Tudo isso também foi o que Bolsonaro considerou como “elite” e utilizou para se considerar o líder necessário (Di Carlo e Kamradt, 2018).

Ainda segundo Brubaker (2017) e seus cinco elementos, tem-se que a “Repolitização Antagônica” de Bolsonaro significa a necessidade de se recuperar a influência dos valores morais e conservadores nas tomadas de decisões no âmbito político. Para Bolsonaro, os ideais progressistas não devem mais ser considerados para as tomadas de decisões acerca de direitos individuais e coletivos, como aborto, casamento entre comunidade LGBTQI+. Em Bolsonaro o segundo elemento de Brubaker (2017) do caráter majoritário, ou seja, acredita-se que a minoria deve se curvar à maioria e tal elemento se identifica em afirmações como: *"Vamos fazer o Brasil para as majorias. As minorias têm que se curvar às majorias. [...] As minorias se adequem ou simplesmente desapareçam!"* (Rádio Renascença, 2018). O *anti-institucionalismo*, referente às instituições que Dahl (2001) refere como condição sine qua non para a poliarquia, se verifica quando Bolsonaro defende a Ditadura Militar, conforme Camargo, Moraes e Rosa (2020). E quando, conforme apresentado por Di Carlo e Kamradt (2018), vê a participação popular como um problema direto da crise política que surgiu ainda em 2013 e ainda como a solução do problema. Di Carlo e Kamradt (2018, pág. 62) apresentam que tal ponto é algo que o “politicamente incorreto” incorporado por Bolsonaro quer combater. Outra política de Bolsonaro que representa um risco a instituição democrática é quando o então candidato apresentava o comunismo como risco a ser combatido. E ainda quando se coloca como o único capaz de controlar e evitar o risco que ele mesmo apresenta. Outra instituição que Dahl (2001) aponta para a existência de poliarquia é a necessidade de reconhecimento do pluralismo e a sua representação. Foi este mesmo pluralismo que Bolsonaro apresentava como risco aos valores morais e pretendia acabar quando dizia que a minoria deve se adequar ou desaparecer. E a própria necessidade de Bolsonaro de descredibilizar a grande mídia para se aproximar de seu público como forma de selecionar as informações que esse público recebe é um risco as instituições democráticas conforme Brubaker (2017). Bolsonaro incorpora o quarto elemento de Brubaker (2017) conforme já mencionado com a ameaça horizontal

¹ Operação que descobriu repasses ilegais de políticos para compra de votos no Congresso Nacional em 2004.

² Operação que descobriu esquema de corrupção envolvendo compra de políticos por construtoras e empresas para aprovação de projetos. Operação levou preso o ex-presidente Luís Inácio Lula da Silva.

interna do risco ao comunismo e o risco aos valores morais e conservadores cristãos. O próprio estilo do discurso político de Bolsonaro, conforme já apresentado representa um elemento de Brubaker (2017) do anti-institucionalismo, ou seja, a necessidade de se aproximar do povo com um caráter anti-intelectual, quando, por exemplo, menospreza as Universidades ou até mesmo segue gurus intelectuais sem formação acadêmica como Olavo de Carvalho que pregam contra estudos científicos e meios acadêmicos (Camargo, Moraes e Rosa, 2020).

Todos estes elementos não foram presentes apenas durante sua presença no Congresso Nacional ou durante campanha eleitoral. Na própria formação de governo, Bolsonaro utilizou indicação de seu guru intelectual, Olavo de Carvalho para o Ministro da Educação, que primeiro indicou Ricardo Vélez Rodrigues, uruguaio naturalizado brasileiro, ultraconservador e professor de elite do Exército (Jiménez e Betim, 2018) e que foi substituído por Abraham Weintraub, também indicado por Olavo de Carvalho e ex aluno deste, além do Ministro das Relações Exteriores, Ernesto de Araújo (Camargo, Moraes e Rosa, 2020, p. 87). Ernesto de Araújo também é conhecido por ser evangélico conservador que acredita que “A fé em Cristo significa, hoje, lutar contra o globalismo, cujo objetivo último é romper a conexão entre Deus e o homem, tornado o homem escravo e Deus irrelevante” conforme apresentam os autores Camargo, Moraes e Rosa (2020, p. 87).

Outro Ministro Evangélico e que, inclusive pertenceu a “Bancada Evangélica” foi Damares Alves, nome do cargo que ocupa, que segundo Cunha (2020) já tinha uma relação direta com Bolsonaro e teve influência na relação de Bolsonaro com o nicho eleitoral evangélico. De acordo com o Cunha (2020, p. 140), Damares convidou Jair Bolsonaro a uma reunião para tratar sobre apologia a homossexualidade nas escolas que ficou conhecida como “kit gay” e foi amplamente difundido pelo então deputado no YouTube e demais redes sociais e posteriormente foi usado na campanha eleitoral de 2018 contra o governo do PT e seu Ministro da Educação que era agora seu oponente político, Fernando Haddad.

E ainda o Governo foi formado por Sérgio Moro, ex-juiz federal que ficou conhecido pela Lava Jato e prisão de Luís Inácio Lula da Silva e virou símbolo anticorrupção e representa ainda e antipetismo defendido por Jair Bolsonaro (Castro, 2019)

Com essas figuras marcantes e com esse referencial ideológico e seu discurso populista Bolsonaro assume a presidência do Brasil em 1 de janeiro de 2019.

4.2. O mandato presidencial

Ao assumir o cargo de Presidente do Brasil, Jair Bolsonaro tenta cumprir promessas eleitorais. Após a sua posse, Bolsonaro se rodeou por conservadores e alguns religiosos. O presidente ainda teve apoio do Bispo Edir Macedo, da Igreja Universal do Reino de Deus, que utiliza de sua rede de comunicação, ou seja, a Rede Record para apoiá-lo. Porém, seu apoio religioso tem caído desde sua posse conforme última pesquisa da DataFolha realizada em setembro de 2021.

Com uma bancada do PSL como a segunda maior, só perdendo para a do PT, Bolsonaro tem 52 deputados, cerca de 11% na Câmara dos Deputados e ainda 4 senadores, 5% do Senado. Mas mesmo diante dos números, os decretos presidenciais relacionados a flexibilização do porte de arma não passaram no Senado e foi posteriormente revogado pelo próprio presidente antes de ir à Câmara dos Deputados (Furtado, 2019). Apesar desta derrota ter uma relação mais direta com o período eleitoral, Bolsonaro ainda perde quando o decreto relacionado com o rol de autoridades que poderiam classificar um documento como secreto ou ultrassecreto e que também por não passar no Senado Federal foi revogado por ele (Schreiber, 2019). Também perde, segundo Schreiber (2019) quando tenta alterar a autoridade para demarcar terras indígenas que são responsabilidade da Funai e que tinha interesse em passar ao Ministério da Agricultura; perde quando não consegue dar ao Ministério da Justiça de Sérgio Moro a responsabilidade pelo Conselho de Controles de Atividades Financeiras; perde com a aprovação da Reforma da Previdência sem o regime de capitalização que foi uma das duas principais apostas da reforma e que era amplamente defendida pelo Ministro da Economia Paulo Guedes; e perde com algumas medidas provisórias que caducaram por não passarem pelo crivo do Congresso Nacional.

Apesar das derrotas relevantes, Jair Bolsonaro ainda conquistou algumas vitórias, que segundo Schreiber (2019) consiste em privatizar subsidiárias estatais, aprovação de Medida Provisória relacionada com Fraudes no Instituto Nacional de Seguro Social (INSS), aprovação de acordo comercial entre Mercosul e União Europeia depois de 20

anos de negociação e que posteriormente foi travado pela França devido à preocupação com o desmatamento (Ayuso, 2020).

Houve também uma dificuldade em decidir o presidente da Bancada Evangélica. De acordo com a *Folha de S. Paulo* (2019) o Deputado Federal por São Paulo Marco Feliciano afirmou que a dificuldade diz respeito a um maior interesse dos integrantes da Bancada em presidi-la devido ao Governo conservador.

Logo no primeiro semestre de 2019 alguns deputados da ala evangélica se posicionaram de forma contrária ao Presidente, retirando apoio e alegando um diálogo difícil. Neste mesmo ano ele perdeu aliados importantes no Congresso Federal como:

“Joice Hasselmann (PSL-SP); com o líder do PSL no Senado, Major Olímpio (PSL-SP); e com Delegado Waldir (PSL-GO), então líder do PSL na Câmara

Mas a lista vai muito além do time de articuladores no Congresso. Inclui desde antigos ministros como Gustavo Bebianno (Secretaria-Geral) e Santos Cruz (Secretaria de Governo) até o presidente do partido pelo qual Bolsonaro se elegeu, o deputado Luciano Bivar (PSL-PE). “ (Shalders, 2019)

O primeiro ano de Mandato também foi marcado pela abertura da Comissão Parlamentar Mista de Inquérito das Fake News (CPMI das Fake News) para investigar utilização de mensagens em massa com informações deturpadas durante a campanha eleitoral de 2018. Esta tinha como principal investigado a chapa Bolsonaro-Mourão (Senado Federal, 2019). E finalmente teve a saída de Jair Bolsonaro de seu então partido PSL com a intenção de criar seu próprio partido, depois de romper com o líder do partido, Luciano Bivar. O novo partido teria o nome de Aliança pelo Brasil (Castro, 2019), e para conseguir apresentar candidatos para as eleições municipais em 2020 o partido precisaria de 492 mil assinaturas até abril de 2020 o que não aconteceu. Bolsonaro se mantém sem partido até dezembro de 2021 e para concorrer às eleições presidenciais de 2022 precisa fazê-lo até abril (Moreira, 2020). A ideia de ter seu próprio partido também estimula a teoria populista da dedicação e aprovação de um candidato que é colocado acima de qualquer partido (Weyland, 1996, p.5). Essa própria ideia também é prejudicial a democracia, pois nessa a participação de partidos e a disputa justa e acessível deve ser garantida. O político ser mais importante que o partido pode modificar o rumo do processo político e coloca em pauta ainda as crises partidárias conforme já foram apresentadas.

Ao fim do primeiro ano de mandato, Bolsonaro também perde apoio religioso popular. Conforme duas pesquisas realizadas sobre a aprovação do governo de Jair Bolsonaro pela Datafolha em 2019, a primeira em abril e a segunda em dezembro pode-se perceber a perda de apoio evangélico. A DataFolha diferente do IBGE utiliza outra subdivisão entre os evangélicos, sendo eles: Evangélica Pentecostal, Evangélica Tradicional, Evangélica Neo Pentecostal e Outras Evangélicas(Datafolha, 2019a) Mas nesta análise será utilizado apenas os valores de Total Evangélica. Na pesquisa de abril de 2019 o número total de evangélicos que declararam terem votado em Jair Bolsonaro na eleição em 2018 foi de 40%, com maior percentagem dos Evangélicos Pentecostais com 19 pontos percentuais. Desses mesmos evangélicos, os que consideravam “Ótimo ou Bom” Jair Bolsonaro em abril eram 44 pontos percentuais, os que consideravam “Regular” de 30 pontos e “Ruim ou Péssimo” com 26 pontos percentuais. Nessa mesma pesquisa tem-se que os maiores apoiadores são os Evangélicos Pentecostais com 21 pontos percentuais em “Ótimo ou Bom” (Datafolha, 2019a, p. 18). Quanto a avaliação dos três primeiros meses de mandato, tem-se em abril de 2019 o número de evangélicos que consideravam “Ótimo ou Bom” 42 pontos percentuais, com uma percentagem maior que a média dos Evangélicos Pentecostais, Tradicionais, e Outras Evangélicas, todas com avaliações individuais de 43 pontos percentuais. Deste modo, a menor aprovação dentre os evangélicos foram dos neopentecostais que avaliaram “Ótimo ou Bom” 37 pontos percentuais (Datafolha, 2019a, p. 22). Quanto a nota pelos primeiros três meses de mandato, tem-se que 12% do Total Evangélica avaliou em 10 (nota máxima) o Governo de Jair Bolsonaro, enquanto que os Evangélicos Pentecostais a percentagem foi 14% na nota 10, enquanto que os Evangélicos Neopentecostais a percentagem de nota 10 foi de 13%, ambas maiores que a média de Total Evangélica (Datafolha, 2019a, p.28).

Em 23 de dezembro de 2019, a Datafolha realizou outra pesquisa, cuja aprovação apresentou mudanças representativas. A Total Evangélica que votou no governo de Jair Bolsonaro em “Ótimo ou Bom” foi de 36 pontos percentuais, com a maior aprovação das Outras Evangélicas que avaliou em “Ótimo ou Bom” em 51%, enquanto que a menor aprovação se encontra nos Evangélicos Tradicionais com 31% (Datafolha, 2019b, p. 30). A nota dada por evangélicos ao governo de Jair Bolsonaro em dezembro também teve alteração, com 12% do Total Evangélico avaliando em 10 o governo de Jair Bolsonaro,

com a maior aprovação entre os Neopentecostais, com 16%. E a maior desaprovação com os Evangélicos Tradicionais com uma nota 10 por apenas 9% (Datafolha, 2019b, p. 36). A diferença no mesmo ano em relação a desaprovação ao Governo Federal diminuiu em 6 pontos percentuais nas avaliações de “Ótimo ou Bom” e as notas avaliativas 10 caíram de 12% para 11%.

O ano de 2020 começa com a mesma situação do ano anterior. Mas em março de 2021 começa a Pandemia referente ao Covid-2019. E diferente do restante do mundo, Bolsonaro decide que não determinaria o isolamento social e passou a ignorar todas as medidas de segurança determinadas por instituições de saúde (Campos, 2020). Além disso, o isolamento social proibiria cultos e eventos religiosos, e devido a isto passou a receber resistência de alguns grupos religiosos:

“Os casos mais controversos ocorreram no meio evangélico, em que as reações ao problema teológico-sanitário variaram conforme as denominações e as distintas nuances teológicas e políticas. Quando os prefeitos e governadores decretaram o fechamento de locais com aglomeração de pessoas, no início da pandemia, boa parte das igrejas protestantes históricas e diversas igrejas pentecostais apoiaram o isolamento social e fecharam os templos. Alguns locais de culto ficaram abertos apenas para orações e atendimentos individualizados.” (Guerreiro e Almeida, 2021, p. 50)

Além disso, percebeu-se uma sintonia entre os pronunciamentos de Jair Bolsonaro com informações citadas previamente em *lives* de alguns pastores evangélicos, como por exemplo, na recusa do presidente em fechar templos religiosos, o uso de medicamento sem comprovação científica para o tratamento do COVID-19, as desconfianças com as máscaras faciais, defesa de falsas terapias vendidas por pastores, a desconfiança com o número de mortes, além das fake news sobre caixões vazios sendo enterrados para aumentar o número de mortes registradas. Além disso percebeu-se a sincronia com a teoria do isolamento “vertical” e a “imunidade de rebanho”, a necessidade de descredibilizar a OMS, de culpar o “vírus chines” como um risco complexo de dominação mundial pelos chineses, sentimento de indiferença com os mortos e suas famílias (Guerreiro e Almeida, 2021, pp. 53-54). A argumentação de que o número de mortes não era tanto quanto divulgado fez o Governo Federal e o Ministério da Saúde parasse de divulgar as mortes e passasse apenas a divulgar os recuperados. Devido à falta de informação foi criado no Brasil um consórcio de imprensa que recolhe dados das

secretarias estaduais e municipais para conseguir contabilizar as mortes diárias em todo o país (Menengoti e Santano, 2021). Todas estas similaridades entre Bolsonaro e os pastores passaram a ser chamadas de negacionismo pandêmico. A necessidade de criar teorias da conspiração, de criar um risco externo e desacreditar meios científicos se coincidem com as teorias de Brubaker (2017), de criar inimigos externos, mesmo que Bolsonaro já tenha criado a oposição horizontal com inimigos internos como o comunismo do PT, com as minorias que colocavam em risco o *status quo* e ainda o poder de decisão político que foi perdido. A relação deste negacionismo com Mudde e Kaltwasser (2017) é visível com a criação de teorias da conspiração como os números de mortes ou caixões enterrados vazios, ou ainda a tentativa irresponsável de diminuir e desacreditar as pesquisas científicas, as vacinas, as máscaras e o próprio isolamento social com uma justificativa neoliberal de necessidade de circulação econômica. A semelhança com os discursos religiosos apresenta o apoio e até mesmo o fundamento do presidente em raízes religiosas e sua perfeita sincronia. Houve, inclusive uma tentativa de considerar os Templos como atividade essencial para se manterem abertos. Mas a medida fracassou e os templos foram fechados (Guerreiro e Almeida, 2021). Além do mais a falta de informação direta pelo Governo Federal para divulgar informações relevantes em meio a pandemia descumpra de forma bastante desrespeitosa com os Direitos Humanos, pauta que Jair Bolsonaro sempre tentou combater.

A política durante toda a pandemia se manteve igual até o ano de 2021. Com troca de Ministros da Saúde por três vezes, com justificativa de que os ministros tinham pensamentos contrários à sua visão, como foi o caso de Luiz Henrique Mandetta (Fonseca e Silva, 2020). E ainda dificultou o repasse de verbas orçamentais para o SUS em meio à crise pandêmica (Campos, 2020).

Devido ao isolamento social, mesmo que não obrigatório em âmbito federal, ter sido implementado, surge a necessidade de criar um auxílio emergencial de viés econômico para combater a desigualdade, o desemprego e a fome. De acordo com Correia, Santos, Brito, Guerra, Vieira e Rezende (2020, pp. 4-5):

“O auxílio emergencial estabelecido pela Lei n.13.982, de 2 de abril de 2020, produzida a partir da pressão dos movimentos sociais e partidos políticos de esquerda, é expressão da importância do papel da luta de classes na contra ofensiva à lógica capitalista, mesmo que com ganhos limitados, ao passo que não tem sido

garantidor de proteção social a toda população que dela necessita, enfrentando diversas dificuldades para sua consolidação, como atrasos para recebimento. O auxílio prevê o pagamento por três meses de R\$600,00 limitado a R\$1.200,00 por núcleo familiar, sendo posteriormente, estendido por mais dois meses”.

A DataFolha não fez pesquisa sobre a aprovação dos evangélicos no ano de 2020. Desta forma existe apenas pesquisa relacionada a aprovação total do presidente sem qualquer diferenciação entre os grupos religiosos. Deste modo, não será utilizada nenhuma pesquisa científica que determine se houve alteração na aprovação do presidente no ano de 2020.

Nesse ano, em setembro, ocorreu a primeira indicação para Ministro do STF e Bolsonaro indicou Kassio Nunes. A indicação segundo Schreiber (2020) foi inesperada e o próprio Jair Bolsonaro indicou que o candidato “na questão de família, ele é católico” e prometeu que a próxima indicação seria um candidato “terrivelmente evangélico” conforme prometido (Schreiber, 2020).

A vacinação no mundo começou no fim de 2020, mas no Brasil houve um atraso, iniciando apenas no início de 2021, devido a um conflito direto com o governador de São Paulo, João Doria, pois o último conseguiu a compra de um estoque da vacina chinesa CoronaVac. Ocorre que este estoque por ser chinês e por Bolsonaro considerar que o “vírus chinês” da “China Comunista” era o causador da pandemia não queria contribuir para a nova ordem mundial que os comunistas queriam implementar no mundo (Guerreiro e Almeida, 2021). Mais uma vez a ideia de Brubaker (2017) de oposição horizontal se verifica na política de Bolsonaro para causar uma melhor definição de “povo” e “elite”.

No ano de 2021, o auxílio emergencial já não era pago para todos e a vacinação se iniciou. Mas os números de mortes ainda estavam altos. Como não existe pesquisa dentro do âmbito estudado no ano anterior, a primeira pesquisa do âmbito em 2021 já apresenta os grupos religiosos, mas sem uma subdivisão dos tipos de evangélicos. A primeira pesquisa foi realizada em janeiro de 2021 e apresentou que a aprovação do presidente pelo total de evangélicos em 40% considerando o governo “Ótimo ou Bom”, 28% consideravam o governo “Regular” e 30% consideravam o governo “Ruim ou Péssimo” (Datafolha, 2021a). Referente a última pesquisa analisada temos um aumento de aprovação por evangélicos geral, mas não é possível verificar se houve alteração nos subgrupos. Na pesquisa de janeiro de 2021 tem-se também a seguinte questão: “Você

diria que sempre confia, às vezes confia ou nunca confia nas declarações do presidente Jair Bolsonaro?” Desta questão 25% dos evangélicos responderam que “Sempre Confia”, 43% responderam que “Às Vezes confia” e 30% que “Nunca Confia” (Datafolha, 2021a). No período em que esta pesquisa foi realizada o Brasil tinha começado a vacinação.

Na pesquisa realizada em maio de 2021, o número de evangélicos que consideraram o governo “Ótimo ou Bom” caiu para 33%, enquanto os que consideravam “Regular” passou para 32% e “Ruim ou Péssimo” passou para 35%. Esses números foram os menos interessantes para Bolsonaro frente a seu apoio pela ala evangélica. Nesta pesquisa também realizaram a pergunta “Você diria que sempre confia, às vezes confia ou nunca confia nas declarações do presidente Jair Bolsonaro?” Desta questão 20% dos evangélicos responderam que “Sempre Confia”, 39% responderam que “Às Vezes confia” e 39% que “Nunca Confia” (Datafolha, 2021b). Estes números também representam a perda de credibilidade de Jair Bolsonaro frente aos Evangélicos. É importante frisar que neste período já se tinha iniciado a CPI sobre a Covid, no dia 27 de abril e que tinha a intenção de investigar as ações e omissões do governo federal frente a pandemia (Mendonça, 2021).

Em julho de 2021 Bolsonaro fez a segunda indicação a Ministro ao STF conforme o que foi prometido, ou seja, “terrivelmente evangélico”. A indicação foi o pastor presbiteriano André Mendonça, que era Advogado Geral da União e ex-ministro da Justiça. Mas sua indicação precisa ainda passar pela aprovação do Senado Federal (Guerreiro e Almeida, 2021, p.57). Esta foi uma das principais promessas de Jair Bolsonaro no período eleitoral. A representação de um evangélico no STF está diretamente relacionada com a influência em decisões relacionadas a liberdades individuais e aos costumes, como por exemplo, a descriminalização do aborto, casamento homossexual ou descriminalização da maconha, por exemplo. Essas pautas são o foco Bancada Evangélica e do eleitor evangélico de Bolsonaro. Quanto a segunda indicação ao STF de pastor evangélico com o apoio da ala evangélica e conforme Bolsonaro afirmou uma indicação “terrivelmente evangélico” não se verificou uma melhora na aprovação de Jair Bolsonaro no eleitor evangélico. Ainda não foi aprovada tal indicação, mas a simples indicação não foi suficiente para melhorar a aprovação do presidente, visto que as pesquisas da DataFolha (2021b e 2021c) apresentam que Bolsonaro diminuiu a aprovação

depois da indicação.

A última pesquisa realizada no ano de 2021 foi em setembro e apresentou os seguintes resultados: os evangélicos que consideraram o governo “Ótimo ou Bom” caíram para 29%, enquanto os que consideravam “Regular” passou para 29% e “Ruim ou Péssimo” passou para 41%. Esses novos resultados apresentam a menor aprovação de Bolsonaro pelos evangélicos desde o início do mandato. As respostas para a pergunta “Você diria que sempre confia, às vezes confia ou nunca confia nas declarações do presidente Jair Bolsonaro?” foram: 21% dos evangélicos responderam que “Sempre Confia”, 35% responderam que “Às Vezes confia” e 62% que “Nunca Confia” (Datafolha, 2021c).

As pesquisas de maio e setembro já visualizavam uma situação social e econômica brasileira muito diferente. Conforme dados do IBGE (2021), no segundo trimestre de 2021 o número de desempregados era de 14,4 milhões de pessoas e ainda uma inflação acumulada dos últimos 12 meses de 10,67% também de acordo com o IBGE (2021a).

4.3. Resultados dos inquéritos feitos por amostragem bola de neve (*snowball*)

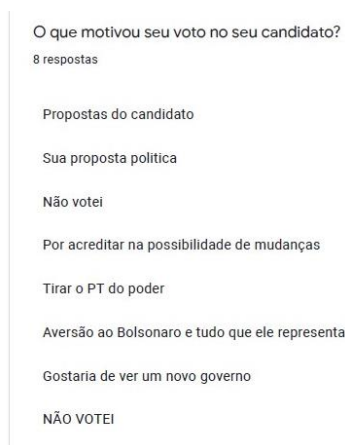
Uma contribuição desta dissertação para a literatura assenta nos inquéritos formulados por amostragem bola de neve (*snowball*), de cariz não probabilístico. Embora não representativos, as respostas permitem ter uma imagem do eleitorado evangélico que apoia Bolsonaro. Como referido na secção sobre metodologia na introdução, trata-se de um grupo de difícil acesso, pelo que se optou por esta técnica de recolha de dados. O guião do inquérito pode ser encontrado em anexo à dissertação.

O formulário foi respondido por um total de 8 pessoas, que vivem no Brasil ou em Portugal. Inicialmente o formulário criou um perfil de amostra dos indivíduos que responderam. Esta amostra indicou que 37,5% foram homens e 62,5% foram mulheres. 12,5% têm entre os 56-65 anos, 25% entre os 46-55 anos, 25% entre os 36-45 anos e 37,5% entre os 26-35 anos. O rendimento básico dentre os que responderam se limitam entre 1 e 6 salários mínimos, com 25% entre 1-2 salários mínimos, 37,5% entre os 3-4 salários mínimos e 37,5% entre os 5-6 salários mínimos. Quanto a escolaridade, temos que a 12,5% tem apenas o ensino fundamental, enquanto 37,5% possui o ensino médio completo, 12,5% possui ensino superior completo e os 37,5% possui pós graduação

completa. Dentre eles 75% são de Minas Gerais e as Igrejas que pertencem variam entre Quadrangular e Igreja Braços Abertos, Igreja Presbiteriana do Brasil, Igreja Evangélica Batista da Amadora e Pentecostal. Deste modo, tem-se indivíduos que em grande maioria não possuem ensino superior, mas que possuem uma renda familiar acima de 2 salários mínimos.

Dos indivíduos que responderam tem-se que 37,5% votaram em Jair Bolsonaro no primeiro e no segundo turno, 12,5% apenas no segundo turno e 50% não votaram em Jair Bolsonaro em 2018. Quanto à motivação para votarem em Bolsonaro tem-se respostas distintas. Dentre elas, tirar o PT e ver um novo governo:

Imagem 1: Respostas abertas sobre questão “O que motivou seu voto no seu candidato?”



Fonte: Anexo I

A visualização desta realidade apresenta exatamente a crise partidária que o PT sofreu e ainda um descrédito com relação aos políticos atuais, com a ideia de criar um novo governo, como algo novo, *anti-establishment*. De todos os que responderam, 50% não se sentem representado por Jair Bolsonaro. Dos que sentem representados tem-se a seguinte resposta: “*Quando digo me ‘sentir representada’, falo pelo seu governo, por toda a sua equipa, seu plano de governo, suas diretrizes...seu posicionamento diante de Deus, família e pátria*”. A aprovação pelo que ele representa, pelas pessoas que o cercam, ou seja, uma equipe e um ideal religioso que ele defende. Outra resposta foi “Meu principal objetivo foi votar contra o PT” o que mais uma vez reforça a ideia de crise partidária e Jair Bolsonaro como única solução.

Quanto ao tema COVID-19 pode-se perceber que é unânime o apoio a vacinação, com respostas voltadas a importância da ciência e sua credibilidade. Quanto ao confinamento, 25% são contrários e 75% são a favor. Nas respostas tem-se a defesa do direito de ir e vir, a necessidade de ser melhor determinado e organizado devido a necessidade de algumas pessoas de trabalhar, a afirmação de que o confinamento não impede a contaminação e ainda que a população deveria ser mais responsável com as medidas implementadas.

Nas questões relacionadas com confiança as instituições democráticas, tem-se que o STF é a instituição com menor confiança, com 50% dos votos com nota 1; 12,5% com nota 6, 25% com nota 7; e 12,5% em nota 10. A confiança no presidente apresenta 37,5% com nota 10; 12,5% com nota 8 e 6 cada; e finalmente 37,5% votaram na nota 1, o que demonstra um alto índice de grande confiança ou desconfiança, demonstrando a posição extrema que o presidente representa devido a seu discurso bipolar.

Quando questionados sobre os meios de comunicação, surgem notas mais variadas com 12,5% com nota 1, 3 e 4 cada, 25% na nota 7 e 37,5% na nota 5, o que demonstra a falta de confiança na mídia por parte dos indivíduos que responderam. Essa falta de confiança na mídia faz parte da política e discurso de Bolsonaro, como forma de limitar as informações que seus apoiadores recebem e faz parte também da política populista.

Questionados sobre o congresso nacional, a nota mais votada foi a nota 6 com 37,5% dos votos, seguido pela nota 3 com 25% dos votos, 12,5% na nota 1, 4 e 5 cada. As notas do congresso nacional também apresentam uma realidade de crise política e desconfiança com o meio em geral. Essa crise foi catalisadora para o candidato populista.

Quanto à confiança na Polícia, 25% dos votos são nas notas 5, 7 e 8 cada. Além de notas 1 e 10 com 12,5% cada. A aprovação é uma das maiores dentre todas as analisadas por este grupo. Os militares apresentam 37,5% dos votos nas notas 8. Enquanto que as notas 4, 5 e 9 apresentam 12,5% dos votos cada e a nota 10 apresenta 25%. Tal confiança também se apresentou acima da média e pode ter relação com a própria imagem de Jair Bolsonaro que é um militar reformado.

Quanto a confiança nas eleições, os inquiridos apresentam um caráter de confiança com votos 4, 5, 6, 7, 8, 9 cada uma com 12,5% dos votos e a nota 10 com 25% dos votos. Tal desconfiança coloca em risco diretamente a confiança na democracia e em todo o

processo democrático, mas essa confiança é colocada mais à frente no questionário de forma direta. Quanto a desconfiança na eleição pode-se estar relacionada com a desconfiança de Jair Bolsonaro com os votos eletrônicos ou ainda com as acusações de que na eleição de 2018 Bolsonaro teria ganho ainda em primeiro turno. Gerar a desconfiança no processo democrático também faz parte de um processo populista de acordo com Mudde e Kaltwasser (2017). É necessário criar dúvidas no processo para conseguir muda-lo de forma mais voltada aos interesses do político autoritário. Bolsonaro, de fato apresentou proposta para alterar o modo de votação brasileira para um voto impresso com acusações de que o voto eletrônico não é confiável, mas a proposta foi rejeitada no Congresso.

Quanto a última instituição – Igreja –, apresenta 37,5% dos votos em nota 10, e as notas 6, 8, e 9 recebem 12,5% dos votos cada e a nota 7 com 25%. Tal votação coloca a igreja como a instituição que este grupo mais confia. A confiança na Igreja coloca-a como influencia para tomada de decisões em âmbitos externos à igreja. Conforme Mendonça (2005) apresentou, as Igrejas possuem um papel muito importante para as escolhas políticas, principalmente quando se torna parte do processo eleitoral e político no Brasil. Tal realidade é encontrada nas respostas deste grupo.

A confiança deste grupo de inquiridos na Democracia trouxe como resultado que 87,5% dos votos foram sim e 12,5% dos votos não. Deste modo, percebe-se que os indivíduos não relacionam diretamente as eleições a democracia, mas ainda assim, mesmo com as crises econômicas, políticas e sanitárias este grupo acredita, em sua maioria absoluta no processo democrático. A falta de informação política sobre os processos também faz parte do programa político do populista e segundo Dahl (2001) apresenta um risco direto a democracia, visto que a cultura política deve ser de fácil acesso a população em geral para não causar equívocos e até mesmo para ajudar nas escolhas. As justificativas sobre a confiança na democracia pelos inquiridos revelam que estes entendem os erros da democracia: a maioria das respostas compreendem seus benefícios e conseqüentemente sua necessidade. Já os que não confiam na democracia passam a ideia de que não existe uma liberdade de expressão e a conseqüente defesa de atores como pastores, jornalistas e políticos.

Quando questionados sobre se a religião deve ou não influenciar a política,

resposta sim foi defendida por 62,5% enquanto que a resposta não foi defendida por 37,5%. Já foi apresentado ainda neste trabalho a relação entre evangélicos e política e, portanto, tais respostas não surpreendem. As justificativas caminham para o mesmo teor. Tais respostas condizem com as teorias de Mendonça (2015) e ainda apresentam a influência do histórico estadunidense com a política brasileira. Mesmo que alguns dos indivíduos deste grupo apresentem uma defesa do Estado laico, a visão evangélica de relacionar a política com visão religiosa é prevalecente.

Quando questionados se votariam em candidatos políticos diferentes das suas próprias religiões, 87,5% dos indivíduos votaram sim, o que apresenta uma disparidade com o discurso “irmão vota em irmão”. Mas a amostra é não probabilística, o que não pode garantir ser uma visão padrão. As afirmações demonstram que mesmo que não sejam da mesma religião existe uma necessidade de ter uma moral, ou seja, uma agenda sobre costumes parecida.

As quatro últimas questões do inquérito possuem caráter relacionado com ideologia política e partido político, e desta forma pode-se perceber que a maioria se vê como direita política. Quanto às perguntas sobre “Qual a mudança você gostaria de ver na política? Porquê?”, as respostas foram: Mais nacionalismo, direitos humanos, mais direitos sociais, menos corrupção e mais justiça para os corruptos, menores cargos por confiança, STF eleito pelo povo. É interessante visualizar os direitos humanos como algo essencial para ser garantido quando é algo que Bolsonaro ataca. Os direitos humanos são também vistos por Dahl (2001) como fator relevante a democracia. Além disso pedem menor corrupção o que direciona a crise política que o Brasil enfrenta.

As informações recolhidas condizem com discurso de Jair Bolsonaro e apresentam que sua persuasão tem resultados. Mesmo que isso não determine todo o grupo, Jair Bolsonaro consegue convencer. O inquérito foi realizado em momento após a pesquisa da DataFolha de setembro de 2021. Esta pesquisa apresenta números que demonstram a menor aprovação de Jair Bolsonaro desde o início do mandato. Ainda assim alguns dos resultados do inquérito apresentam confiança no discurso e política de Bolsonaro.

5. CONCLUSÃO

Esta dissertação estudou o apoio evangélico a Jair Bolsonaro no Brasil, correspondendo à pergunta de partida. Daqui decorreram três objetivos específicos: 1) identificar os grupos evangélicos que apoiam o Presidente Jair Bolsonaro; 2) identificar as características populistas de Jair Bolsonaro; 3) identificar as motivações para o apoio evangélico a Bolsonaro e o apelo do populismo para os grupos evangélicos;

Quanto ao primeiro objetivo – identificar os grupos evangélicos que apoiam o Presidente Jair Bolsonaro –, de acordo com os dados do IBGE (2010), embora os evangélicos ainda não sejam a maioria no Brasil (22,2%), sua ascensão é representativa nos últimos anos. Este grupo de acordo com o IBGE é separado entre Evangélicos de Origem Pentecostais, Evangélicos de Missão e ainda evangélicos não determinados. Antes do segundo turno os que mais apoiavam Jair Bolsonaro eram os pentecostais, mas de acordo com a última pesquisa DataFolha de 2019, o grupo evangélico que mais apoia Bolsonaro agora são os outros evangélicos e os neopentecostais. A mudança não pôde ser acompanhada mais a fundo devido à mudança de metodologia da DataFolha durante os anos de 2020 e 2021, e também a simplificação dos dados das amostras. Porém é possível perceber que os grupos mais abastados não o apoiaram antes das eleições conforme o apoiam depois de um ano de mandato. Enquanto os grupos menos abastados diminuíram sua aprovação frente aos anos de mandato presidencial.

Quanto às características populistas de Jair Bolsonaro – segundo objetivo específico da dissertação – a análise revelou que Jair Bolsonaro apresenta características bastante marcada pelo populismo segundo as teorias de Mudde e Kaltwasser (2017), Norris e Inglehart, (2016) e ainda Brubaker (2017) e DeHanas e Shterin (2018). Mas ainda assim nenhuma das teorias se mostrou o suficiente para delimitá-lo. Com pressupostos baseados em países europeus ou Estados Unidos da América, tais teorias fogem da realidade sul-americana. Todas as teorias apresentam uma distância do processo brasileiro porque analisam o populismo quase que unanimemente como resposta a religiões não-cristãs o que não é o caso de Bolsonaro. As perspectivas dos autores são voltadas para países que passam por crises de imigrantes e uma mudança social com base, principalmente, na religião islâmica. Mesmo que todas as teorias sejam voltadas para o

populismo de extrema direita e valores conservadores, a presença política de políticos religiosos não é sequer parecida com a realidade brasileira, que conta com pastores e Bancada Evangélica em Congresso Nacional.

Da teoria de Mudde e Kaltwasser (2017) Bolsonaro apresenta o discurso bipolar, contraditório, informal, autoritário, anti-*establishment*, antissistema e além de também utilizar da imagem do político salvador. Bolsonaro faz questão de apresentar-se como voz do povo, como figura necessária para combater o que não representa a nação. A criação de algo a ser combatido é similar a teoria de Mudde do discurso bipolar e ainda é o que o autor chama de criação de “elite” e “povo”. A “elite” e “povo” no discurso de Bolsonaro, portanto, tem o “povo” formado pelas pessoas que acreditam no mesmo que ele, ou seja, conservadores, que acreditam que os direitos individuais contradizem com os valores da nação, indivíduos de direita que acreditam em um Estado mínimo. E a “elite” consiste na esquerda, seus opositores e ainda todos os que acreditam e concordam com os direitos individuais e progressistas que foram conquistados após a redemocratização.

A contradição do presidente já se apresenta quando afirma ser contra o sistema, ainda que faça parte do mundo político desde 1991. Sua informalidade é perceptível no modo de falar, na necessidade de aparecer simples ou com roupas informais e ainda na necessidade de se aproximar do eleitor por meio de redes sociais. Tal atitude também condiz com o descrédito dos meios de comunicação para direcionar seu público a informações apenas de seus próprios meios de comunicação, para limitar o acesso a conteúdo diversos ao seu discurso. O descrédito aos meios de comunicação também representa autoritarismo, pois lhe permite dizer que as únicas informações verdadeiras são as dele. O autoritarismo também se verifica nas afirmações contrária à pluralidade democrática, quando coloca as minorias subordinadas às maiorias. Bolsonaro ainda apresenta a necessidade de descredibilizar a ciência e de criar teorias conspiratórias, como mostra a teoria dos autores, manifestada principalmente na abordagem do governo brasileiro com a pandemia Covid-19.

De Norris e Inglehart (2016) Bolsonaro se assemelha quando coloca como “elite” as próprias instituições democráticas tornando a democracia frágil. Seu autoritarismo frente às minorias também existe na teoria dos autores, mas de forma mais direta e mais relacionada ao perigo democrático. Além disso, a “elite” de Bolsonaro

também se encaixa no que os autores apresentam do efeito do *backlash cultural*, que consiste na oposição de grupos a progressos alcançados, na tentativa de retornar a valores antigos. Na situação brasileira tal efeito se encontra na necessidade das igrejas de reforçarem valores religiosos na política, ou seja, com medidas relacionadas a direitos individuais e direitos humanos. Jair Bolsonaro é ativo no ataque aos direitos humanos.

Brubaker apresenta o fator moral perdido, que também é citado por Norris e Inglehart (2016), mas vai mais além ao relacionar populismo com religião. A similariedade entre populismo e religião de Bolsonaro também condiz com característica da teoria de DeHanas e Schterin (2018). Bolsonaro se coloca como Salvador, enviado por Deus para livrar a nação brasileira das mãos da “elite”. Ambos os autores colocam este populismo como determinante para manter a nação. Porém a “elite” apresentada por Bolsonaro é diferente da “elite” apresentada pelos autores. Com alguns casos relacionados a valores religiosos muçulmanos que ofendem a fé cristã. Esta não é a realidade brasileira. Com o discurso conservador nos costumes, Bolsonaro defende que não deve ser permitido o casamento entre pessoas do mesmo sexo, ou ainda a legalização do aborto. Além disso acredita que no Brasil existe apenas um valor religioso, o cristão, e que todos querendo ou não devem segui-lo ou a nação corre o risco de perder seu valor. Diante desta constância de semelhanças e atos populistas Bolsonaro conquistam as alas evangélicas. Percebe-se a influência da teoria da *cultural Backlash* (Norris e Inglehart, 2016, 2019), nesta construção retórica de reconquistar os valores perdidos. Com este viés totalmente voltado a questões morais, Bolsonaro se apresenta como politicamente incorreto para manter valores e ideias conservadores que foram alterados com o tempo e passaram a caminhar ao progresso social e serem defendidos por grupos de esquerda. Esse estilo e discurso se tornaram apelativos na sequência das crises políticas impulsionadas pela Operação Lava Jato, e Impeachment de Dilma Rousseff, as quais impactaram a confiança dos cidadãos brasileiros na democracia e nas instituições. A crise confirma a teoria de Mudde e Kaltwasser (2017) segundo a qual as crises são os momentos que surgem políticos populistas pois é quando o povo precisa ser representado.

Esses processos políticos transformaram o cenário brasileiro com a intenção de modificar uma realidade mais ampla que apenas a econômica e política. A fragilidade existente e a falta de um Estado estável possibilitaram que estes grupos insatisfeitos com

as mudanças sociais também se manifestassem. Além de os problemas apresentados por Bolsonaro serem os mesmos para os grupos evangélicos, as soluções apresentadas também eram compatíveis.

Com promessas que questionam direitos individuais adquiridos durante os últimos anos, Bolsonaro coloca tais direitos contrários a própria ideia de nação. Portanto, ao serem colocados como inimigos devem ser combatidos. Os valores apresentados por Bolsonaro como valores perdidos são relacionados com valores defendidos por grupos religiosos. Esse caráter religioso chama atenção de grupos evangélicos, mas não só. A simples presença de um conservador moralista na presidência já permite a ideia de que os valores foram recuperados. De acordo com DeHanas e Shterin (2018) a ideia de um salvador é uma reação direta quando o populismo está relacionado com religião. Desta forma a própria imagem de Bolsonaro torna-se relacionada com a ideia de salvador, de messias. Além disso, com a crise política e partidária no Brasil, a própria política torna-se “elite”, devido à falta de confiança nos partidos políticos, que passam a ser associados a corrupção.

Todos esses fatores fizeram Bolsonaro conquistar os grupos evangélicos, mas durante seu mandato não tem tido êxito em manter esse apoio. Entre os evangélicos existe o lema “irmão vota em irmão” (Mendonça, 2005) e esta premissa permitiu ao candidato forte base eleitoral. Mas durante o mandato, mesmo cumprindo promessas, como indicação de Ministro do STF e mantendo o discurso de campanha, Bolsonaro não conseguiu manter o apoio evangélico, de acordo com várias pesquisas do Datafolha apresentadas.

Dando resposta ao terceiro objetivo, pesquisa efetuou um questionário junto de evangélicos, procurando assim mais fundamentos que expliquem o apoio desse grupo ao Presidente Bolsonaro. O questionário demonstrou que as propostas de Bolsonaro juntamente com a necessidade de uma troca no poder motivaram os inquiridos a votarem em Bolsonaro. Além disso, algumas respostas referentes ao próprio Bolsonaro o consideram “íntegro” e “honesto”, que são referências voltadas ao porque se sentirem representados pelo político. Outro fator do discurso de Bolsonaro que pode ser visualizado no questionário é a classificação de confiança das instituições democráticas. De todas as instituições analisadas, as que sofrem mais ataques de Bolsonaro apresentam

no inquérito um menor índice de confiança, como por exemplo o STF, os meios de comunicação e o Congresso Nacional, enquanto que a Polícia, os Militares e a Igreja já apresentam índices de confiança maiores dentre os entrevistados.

Mas mesmo com falta de uma representatividade voltada ao combate da corrupção e ainda a uma aplicação da justiça, conforme estes grupos apresentam, a democracia ainda possui um índice quase que unânime de confiança. A separação entre religião e Estado aparece no inquérito como algo confuso, com indicações sobre os princípios de Deus deverem governar o país. A ideia apresenta a limitação da pluralidade de religiões, ideias e liberdades, exatamente como o discurso de Jair Bolsonaro. Quando questionados qual a mudança é necessária na política temos respostas a favor dos Direitos Humanos e liberdade de expressão além de menos corrupção, menos políticos, mais servidores públicos, por exemplo. Tais exemplo distinguem do que Bolsonaro prega e demonstra que nem todas as ideias ou perspectivas de Bolsonaro são utilizadas pelos seus eleitores.

Como sugestão de pesquisas futuras, seria importante conduzir estudos que incluíssem entrevistas aprofundadas com grupos de evangélicos apoiantes de Bolsonaro. Seria também interessante um estudo comparativo que analisasse o apoio dos evangélicos a Lula da Silva e a Dilma Rousseff, por um lado, e a Bolsonaro, por outro. Dessa comparação poderia se tirar conclusões quanto à forma como os partidos políticos brasileiros se esforçam para atrair os apoios desse grupo e quais as razões por detrás desses esforços.

BIBLIOGRAFIA

Albernaz, V. (2019) Análise das Características do Discurso Populista de Jair Bolsonaro nas Eleições Brasileiras de 2018. *Political Observer - Revista Portuguesa de Ciencia Política*. (12) <http://rpcp.pt/index.php/rpcp/article/view/64>

Almeida, R. (2019). Bolsonaro Presidente: Conservadorismo, Evangelismo E A Crise Brasileira. *Novos estudos CEBRAP*, 38(1), 185-213. <https://dx.doi.org/10.25091/s01013300201900010010>

Augsten, P. & Amaral, I. (2019) De juramentos a Deus à intolerância: Uma análise dos discursos de Jair Bolsonaro. *III Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais*.

Ayuso, S. (2020, 18 de setembro) França freia acordo entre UE e Mercosul, “preocupada” com seu impacto no desmatamento. *El País*. <https://brasil.elpais.com/brasil/2020-09-18/franca-freia-acordo-entre-ue-e-mercosul-preocupada-com-seu-impacto-no-desmatamento.html>

Barbalho, A e Barboza, G. (2020) Bancada evangélica: uma elite parlamentar? *Revista do Instituto de Políticas Públicas de Marília*, 6(1), 131-146. DOI: <https://doi.org/10.36311/2447-780X.2020.v6.n1.10.p131>

Beck, U. (2013) *Sociedade de risco: rumo a uma outra modernidade*. São Paulo: Editora 34.

Bobba, G & Roncarolo, F. (2018) The likeability of populism on social media in the 2018 Italian general election. Special Issue: Who’s the winner? *Italian political Science* 13(1) <http://www.italianpoliticalscience.com/index.php/ips/article/view/32>

Brubaker, R. (2017a). Between Nationalism and Civilizationism: The European Populist Moment in Comparative Perspective. *Ethnic and Racial Studies* 8(1), 191–226.

Brubaker, R. (2017b). Why Populism? *Theory and Society* 5: 357–85.

Brubaker, R. (2020) Populism and nationalism. *Nations and Nationalism*, 26 (1), 44–66. DOI: 10.1111/nana.12522

Caiani, M. & Kröll, P. (2017) Nationalism and Populism in Radical Right Discourses in Italy and Germany, *Javnost - The Public*, 24(4), 336-354, DOI: [10.1080/13183222.2017.1330084](https://doi.org/10.1080/13183222.2017.1330084)

Calvani, (2009). A educação no projeto missionário do protestantismo no Brasil. *Revista*

Pistis Praxis, 1(1), 53-69.

Câmara dos Deputados (2015). Frentes Parlamentares da 55ª Legislatura.. Frente Parlamentar Evangélica do Congresso Nacional. *Congresso Nacional*. <https://www.camara.leg.br/internet/deputado/frenteDetalhe.asp?id=53658>

Camargo, G., Moraes, P., & Rosa, P. (2020). A (des)construção da memória sobre a ditadura pós-1964 pelo governo de Jair Bolsonaro. *Revista Cantareira*, (33) <https://periodicos.uff.br/cantareira/article/view/40791>

Campos, G. (2020) O pesadelo macabro da Covid-19 no Brasil: entre negacionismos e desvarios. *Trabalho, Educação e Saúde [online]*. <<https://doi.org/10.1590/1981-7746-sol00279>

Camurça, M. (2019) RELIGIÃO, POLÍTICA E ESPAÇO PÚBLICO NO BRASIL: perspectiva histórico/sociológica e a conjuntura das eleições presidenciais de 2018? *Estudos de Sociologia*, 2(25).

Camurça, M. (2020) Um poder evangélico no Estado Brasileiro? Mobilização eleitoral, atuação parlamentar e presença no governo Bolsonaro. *Revista Nupem*. 12(25) 10.33871/nupem.v12i25.713

Camurça, M. (2020a) UM PODER EVANGÉLICO NO ESTADO BRASILEIRO? MOBILIZAÇÃO ELEITORAL, ATUAÇÃO PARLAMENTAR E PRESENÇA NO GOVERNO BOLSONARO. *Revista Nupem*. 12(25). DOI: 10.33871/nupem.v12i25.713

Castro, J. (2019) Bancada Evangélica. Carisma, Poder e Interferência da Comunicação Religiosa na Comunicação Política. *Universidade da Beira Interior*.

Correia, D., Santos, A., Brito, K., Guerra, L., Vieira, K., & Rezende, C. (2020). Auxílio emergencial no contexto de pandemia da COVID-19: garantia de uma proteção social?. *JMPHC | Journal of Management & Primary Health Care | ISSN 2179-6750*, 12, 1–9. <https://doi.org/10.14295/jmphc.v12.1023>

Cunha, M. (2018). Religião e política no Brasil: um olhar sobre o lugar dos evangélicos nas eleições 2018. *Ciber Tecnologia*. 58(XIV), 114-131. <https://ciberteologia.com.br/assets/pdf/post/religiao-e-politica-no-brasil-um-olhar-sobre-o-lugar-dos-evangelicos-nas-eleicoes-2018.pdf>

Cunha, C. (2020) Retórica da Perda nas eleições presidenciais brasileiras em 2018: religião, medos sociais e tradição em foco. *Revista semestral de la Asociación Latinoamericana de Antropología (ALA)* 123-149. <https://asociacionlatinoamericanadeantropologia.net/revistas/index.php/plural/article/download/153/112/285>.

Dahl, R. (1997). *Poliarquia: Participação e Oposição*. Editora Universidade de São Paulo.

Dahl, R. (2001). *Sobre a Democracia* (trad. Sidou, B). Brasília: Editora Universidade de Brasília.

Daly, T. (2019) Populism, Public Law, and Democratic Decay in Brazil: Understanding the Rise of Jair Bolsonaro. This paper was prepared for the 14th International Human Rights Researchers' Workshop: 'Democratic Backsliding and Human Rights', organised by the Law and Ethics of Human Rights (LEHR) journal, 2-3 January 2019. SSRN: <https://ssrn.com/abstract=3350098> or <http://dx.doi.org/10.2139/ssrn.3350098>

Datafolha. (2018, 26 de outubro). INTENÇÃO DE VOTO PARA PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA. *Folha de S. Paulo e Tv Globo*. <http://datafolha.folha.uol.com.br/eleicoes/2018/10/1983704-pela-presidencia-bolsonaro-tem-56-dos-validos-contra-44-de-haddad.shtml>

Datafolha (2019a). AVALIAÇÃO DO GOVERNO BOLSONARO. *Folha de S. Paulo* <https://datafolha.folha.uol.com.br/opiniaopublica/2019/04/1987680-governo-bolsonaro-e-aprovado-por-32.shtml>

Datafolha (2019b). AVALIAÇÃO DO GOVERNO BOLSONARO. *Folha de S. Paulo* <http://datafolha.folha.uol.com.br/opiniaopublica/2019/12/1988542-bolsonaro-e-aprovado-por-30-apos-um-ano-de-governo.shtml>

Datafolha (2021a). AVALIAÇÃO DO GOVERNO BOLSONARO. *Folha de S. Paulo* <http://media.folha.uol.com.br/datafolha/2021/01/26/b212555312706e10691cf0ef9a8c981babpkt.pdf>

Datafolha (2021b). AVALIAÇÃO DO GOVERNO BOLSONARO. *Folha de S. Paulo* <http://media.folha.uol.com.br/datafolha/2021/05/13/574c277a171a64f166dee28d083f08cfavbc.pdf>

Datafolha (2021c). AVALIAÇÃO DO GOVERNO BOLSONARO. *Folha de S. Paulo* <http://media.folha.uol.com.br/datafolha/2021/09/20/ava4352go532453br4485rsm.pdf?ga=2.167598398.1056097667.1638109703-851811323.1638109703>

DeHanas, D. & Shterin, M. (2018) Religion and the rise of populism, *Religion, State & Society*, 46(3) 177-185, <https://www.tandfonline.com/doi/pdf/10.1080/09637494.2018.1502911?needAccess=true>

Dewes, J. (2013) Amostragem em Bola de Neve e Respondent-Driven Sampling: uma descrição dos métodos. *Monografia para obtenção do Grau de Bacharel em Estatística. Universidade Federal do Rio Grande do Sul*.

Di Carlo, J. & Kamradt, J.(2018) Bolsonaro e a cultura do politicamente incorreto na política brasileira. *Teoria e Cultura*, 3(2). <https://doi.org/10.34019/2318-101X.2018.v13.12431>

Emmerick, Rulian (2010). As relações Igreja/Estado no Direito Constitucional Brasileiro. Um esboço para pensar o lugar das religiões no espaço público na contemporaneidade. *Sexualidad, Salud y Sociedad - Revista Latinoamericana* (5),144-172. <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=2933/293323015008>

FOA, R e MOUNK, Y. (2016). The danger of desconsolidation. *Journal of Democracy*, 27(3) .<https://www.journalofdemocracy.org/wpcontent/uploads/2016/07/FoaMounk-27-3.pdf>.

Folha de S. Paulo (2019, 11 de março) Racha entre igrejas marca disputa na bancada evangélica, estratégica para Bolsonaro. *Folha de S. Paulo*. <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2019/03/igrejas-disputam-comando-da-bancada-evangelica-estrategica-para-bolsonaro.shtml>

Fonseca, A e Silva, S. (2020) O NEOLIBERALISMO EM TEMPOS DE PANDEMIA: O GOVERNO BOLSONARO NO CONTEXTO DE CRISE DA COVID-19. *Ágora Revista do Departamento de Historia e Geografia Unisc* 22(2). <https://online.unisc.br/seer/index.php/agora/article/view/15461>

Furtado, A. (2019). Presidente livre e independente: a construção de Jair Bolsonaro como político outsider no horário eleitoral (2018). 168. *Monografia (Graduação em Comunicação Social-Publicidade e Propaganda) – Instituto de Cultura e Arte, Universidade Federal do Ceará*. http://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/56016/1/2019_tcc_alffurtado.pdf

Goldstein, A. (2020). Jair Bolsonaro y los políticos evangélicos. *Universidade Federal de Santa Catarina*. <https://doi.org/10.5007/1518-2924.2019.e82298>

Guerreiro, C. e Almeida, R.(2021) Negacionismo religioso: Bolsonaro e lideranças evangélicas na pandemia Covid-19. *Religião & Sociedade* [online] 49-74. <https://doi.org/10.1590/0100-85872021v41n2cap02>

Haynes, J. (2017). Donald Trump, “Judeo-Christian Values,” and the “Clash of Civilizations”. *The Review of Faith & International Affairs* 15: 66–75.

Haynes, J. (2019). Introduction: The “Clash of Civilizations” and Relations between the West and the Muslim World. *The Review of Faith & International Affairs* 17(1), 1–10. <https://www.tandfonline.com/doi/citedby/10.1080/15570274.2019.1570756?scroll=top&needAccess=true>

Haynes, J.(2020). Right-Wing Populism and Religion in Europe and the USA. *Religions* 11(10), 490. <https://doi.org/10.3390/re11100490>

IBGE (2010). Censo Demografico 2010. Características gerais da população, religião e pessoas com deficiência. *IBGE*. ISSN 0104-3145. https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/94/cd_2010_religiao_deficiencia.p

[df](#)

IBGE (2010) Censo Demográfico 2010 - Amostra – Religião. *IBGE*. <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pesquisa/23/22107?detalhes=true>

IBGE (2021) Desemprego. *IBGE*. <https://www.ibge.gov.br/explica/desemprego.php>

IBGE (2021a) Inflação. *IBGE*. <https://www.ibge.gov.br/explica/inflacao.php>

Jiménez, A e Betim, F (2018, 23 de novembro) “Anti-marxista” indicado por Olavo de Carvalho será ministro da Educação. *El País* https://brasil.elpais.com/brasil/2018/11/22/politica/1542910509_576428.html

Kaya, A. and Ayşe T. (2019). Europe versus Islam? Right-Wing Populist Discourse and the Construction of a Civilizational Identity. *The Review of Faith & International Affairs* 17(1), 49–64. <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/15570274.2019.1570759>

Kotwas, M & Kubik, J (2019) Symbolic Thickening of Public Culture and the Rise of Right-Wing Populism in Poland. *East European Politics and Societies and Cultures* <https://doi.org/10.1177/0888325419826691>

Krotofil J., Motak D. (2018) Between Traditionalism, Fundamentalism, and Populism: A Critical Discourse Analysis of the Media Coverage of the Migration Crisis in Poland. In: Schmiedel U., Smith G. (eds) Religion in the European Refugee Crisis. *Religion and Global Migrations*. https://doi.org/10.1007/978-3-319-67961-7_4

Kratochvíl, Petr. (2019). Religion as a Weapon: Invoking Religion in Secularized Societies. *The Review of Faith & International Affairs* 17(1), 78–88. <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/15570274.2019.1570760>

Lendvai-Bainton, N, Szelewa, D (2020) Governing new authoritarianism: Populism, nationalism and radical welfare reforms in Hungary and Poland. *Soc Policy Adm.* 55(4), 559– 572. <https://doi.org/10.1111/spol.12642>

Lima, C & Annunciato, M. (2018) Tipos de democracia. *Àgora Filosófica – Universidade Católica de Pernambuco*. 45-66. <http://www.unicap.br/ojs/index.php/agora/article/view/1226>

Machado, C. (2021) “SE A MÍDIA ESTÁ A CRITICAR, É PORQUE FOI BOM”: O DISCURSO DE JAIR BOLSONARO NA 75ª ASSEMBLEIA GERAL DA ONU SEGUNDO A IMPRENSA PORTUGUESA. *Escola Superior de Comunicação Social*. https://repositorio.ipl.pt/bitstream/10400.21/13966/1/Disserta%c3%a7ao_CARLOS_M_ACHADO.pdf

Maitino, M. (2020). Populismo E Bolsonarismo. *Cadernos Cemarx*, 13(00) Doi: 10.20396/Cemarx.V13i00.13167.

<https://Econtents.Bc.Unicamp.Br/Inpec/Index.Php/Cemarx/Article/View/13167>.

Mariano, R. (2016). Expansão e ativismo político de grupos evangélicos conservadores - Secularização e pluralismo de debates. *Civitas*. 16(4), 708-726. <http://dx.doi.org/10.15448/1984-7289.2016.4.25765>

Marini, L. e Carvalho, A. (2018, 17 de outubro). Renovada, bancada evangélica chega com mais força no próximo Congresso. *Congresso em foco*. <https://congressoemfoco.uol.com.br/legislativo/renovada-bancada-evangelica-chega-com-mais-forca-no-proximo-congresso>

Matos, A. (2011) BREVE HISTÓRIA DO PROTESTANTISMO NO BRASIL. *Vox Faífae: Revista de Teologia da Faculdade FASSEB*. 3(1). <http://www.faifa.edu.br/revista/index.php/voxfaifae/article/view/27>

Mendonça, A.(2005) O protestantismo no Brasil e suas encruzilhadas. *Revista Usp*, São Paulo, (67), p. 48-67.

Mendonça, A. (2021, 27 de abril) Abertura da CPI da COVID é marcada por discussões e traição. *Estado de Minas*. https://www.em.com.br/app/noticia/politica/2021/04/27/interna_politica,1260967/abertura-da-cpi-da-covid-e-marcada-por-discussoes-e-traicao.shtml

Menengoti, A e Santano, A. (2021) ACESSO À INFORMAÇÃO COMO DIREITO HUMANO INDISPENSÁVEL AO COMBATE À PANDEMIA DA COVID-19 NO BRASIL. *Humanidades e Inovação - Ciência, Tecnologia e Inovação para o Avanço da Sociedade*. 8(49) <file:///C:/Users/Lenovo/Downloads/4873-Texto%20do%20artigo-20161-1-10-20211015.pdf>

Molle, A. (2019) Religion and right-wing populism in Italy: using ‘Judeo-Christian roots’ to kill the European Union. *Religion, State and Society*, 47(1), 151-168, DOI: 10.1080/09637494.2018.1532266

Moreira, J. (2020, 24 de julho) Falsificações e mortos. Novo partido de Bolsonaro só tem 3% de assinaturas em 9 meses. *Diário de Notícias*. <https://www.dn.pt/edicao-do-dia/24-jul-2020/falsificacoes-e-mortos-novo-partido-de-bolsonaro-so-tem-3-de-assinaturas-em-9-meses-12454894.html>

Mudde, C. (2019) *The Far Right Today* (1ª ed). Medford, USA: Polity Press

Mudde, C. & Kaltwasser, C. (2017). *Populismo uma brevíssima introdução*. (M. Carmo, Trad.) 1ª edição. Lisboa, Portugal: Gradiva.

Neto, F. (2017). A BANCADA EVANGÉLICA E A INFLUÊNCIA DA RELIGIÃO NO LEGISLATIVO BRASILEIRO. *Revista In Totum*, 4(2). <http://revista.faculdadeunida.com.br/index.php/intotum/article/view/1724>

Norris, P. & Inglehart, R. (2016) Trump, Brexit, and the Rise of Populism: Economic Have-Nots and Cultural Backlash. *HKS Faculty Research Working Paper Series*. 1-52. <https://research.hks.harvard.edu/publications/workingpapers/Index.aspx>

Norris, P. (2020). Measuring Populism Worldwide. *Harvard Kennedy School*. 3. 1-39. <https://dataverse.harvard.edu/dataverse/GlobalPartySurvey>

Prandi, R., Santos, R. W. dos, & Bonato, M. (2019). Igrejas evangélicas como máquinas eleitorais no Brasil. *Revista USP*, (120), 43-60. <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9036.v0i120p43-60>

Rawls, J. (1993) *Liberalismo Político*. (2º edição) Editora Ática. São Paulo.

Rabuske, I., dos Santos, P., Gonçalves, H., & Traub, L. (2012). EVANGÉLICOS BRASILEIROS: QUEM SÃO, DE ONDE VIERAM E NO QUE ACREDITAM?. *Revista Brasileira De História Das Religiões*, 4(12). <https://doi.org/10.4025/rbhranpuh.v4i12.30275>

Rádio Renascença (2018, 7 de setembro) “A minoria tem que se curvar à maioria”. As declarações polêmicas de Bolsonaro, o candidato de extrema-direita à presidência do Brasil. *Rádio Renascença*. <https://rr.sapo.pt/video/actualidade/2018/09/07/a-minoria-tem-que-se-curvar-a-maioria-as-declaracoes-polemicas-de-bolsonaro-o-candidato-de-extrema-direita-a-presidencia-do-brasil/182783/>

Ryan, Ben. (2018). Christianity: A Crude Political Ideology and the Triumph of Empty Symbolism. *Religion and Global Society*. <https://blogs.lse.ac.uk/religionglobalsociety/2018/11/christianism-a-crudepolitical-ideology-and-the-triumph-of-empty-symbolism/>

Schreiber, M. (2019, 1 de julho) As derrotas e vitórias de Bolsonaro em seis meses de governo. *BBC News*. <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-48780109>

Schreiber, M. (2020, 30 de Setembro). Bolsonaro confirma indicação de Kassio Nunes para o STF; conheça perfil e histórico de decisões. *BBC News*. <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-54364957>

Schreiber, M. (2021, 10 de agosto). Voto impresso é derrotado na Câmara em placar equilibrado. *BBC News*. <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-58168038>

Senado Federal (2019) CPMI - Fake News - Comissão Parlamentar Mista de Inquérito - Fake News. *Senado Federal* <https://legis.senado.leg.br/comissoes/comissao?codcol=2292>

Shalders, A. (2019, 30 de dezembro) Os ex-superaliados que terminam 2019 como 'desafetos' de Bolsonaro. *BBC News*. <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-50874219>

Shiota, R. e Possmozer, M. (2021) O Brasil cristão da Frente Parlamentar Evangélica: luta pela hegemonia e revolução passiva. *Revista Brasileira de História das*

Religiões.13(39) ISSN 1983-2850.

Silva, M. (2008). Democracia e sujeito: uma relação indissociável na obra de Alain Touraine. *Emancipação, Ponta Grossa*, 8(2), 21-34.
<https://www.revistas2.uepg.br/index.php/emancipacao/article/view/121>

Silva, M. e Rodrigues, T (2021) O Populismo de Direita no Brasil: Neoliberalismo e Autoritarismo no Governo Bolsonaro. *Mediações - Revista de Ciências Sociais*. 26(1).
<http://dx.doi.org/10.5433/2176-6665.2021v26n1p86>

Vaz, D. e Andrade, R. (2019). O CONGRESSO NACIONAL E O ESTADO LAICO: FRENTE PARLAMENTAR EVANGÉLICA E A (IM) POSSIBILIDADE DE AMEAÇA AO ESTADO DE DIREITO. *Universidade Católica do Salvador*.26(1)
<http://ri.ucsal.br:8080/jspui/handle/prefix/886>

Vinuto, J. (2014). A amostragem em bola de neve na pesquisa qualitativa: um debate em aberto. *Temáticas*, 22(44), 203–220. <https://doi.org/10.20396/tematicas.v22i44.10977>

Zambam, N. e Almeida, R. (2017) O liberalismo político de John Rawls: A missão de educar a juventude para a democracia no séc. XXI. *Quaestio Iuris*. 10(03) 1500-1516.
10.12957/rqi.2017.25623

Anexo I - Respostas ao Inquérito

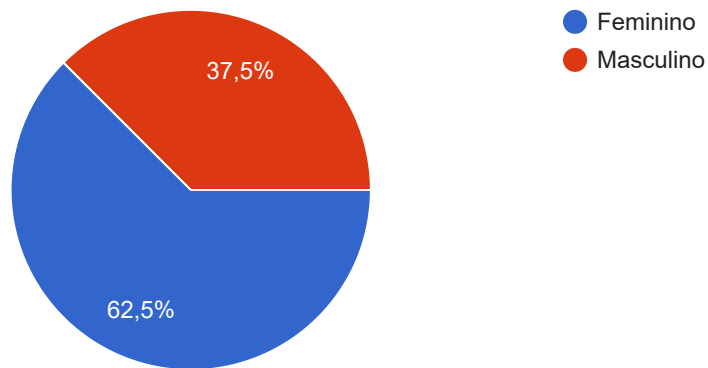
Evangélicos e Bolsonaro

8 respostas

[Publicar estatísticas](#)

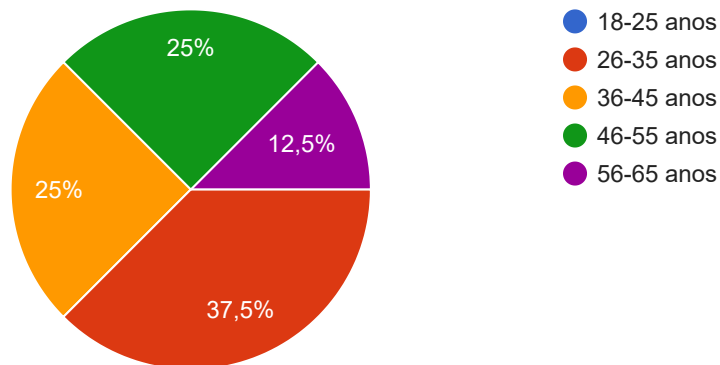
Sexo

8 respostas



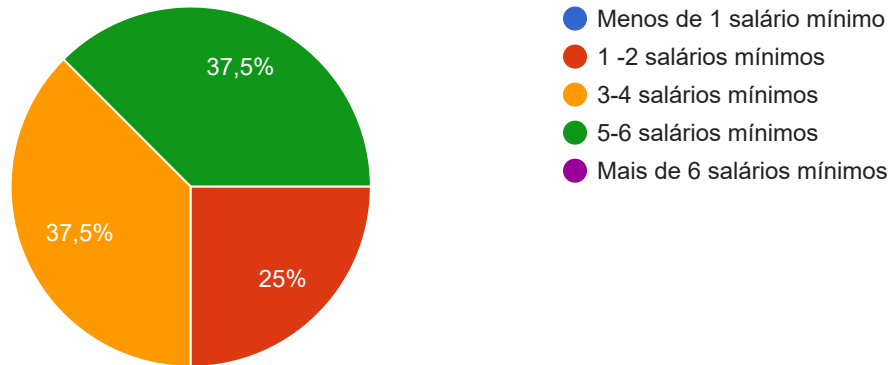
Idade

8 respostas



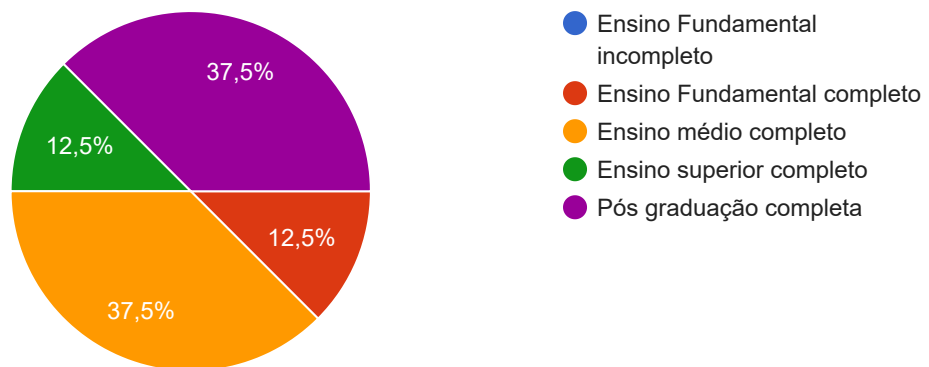
Situação económica familiar

8 respostas



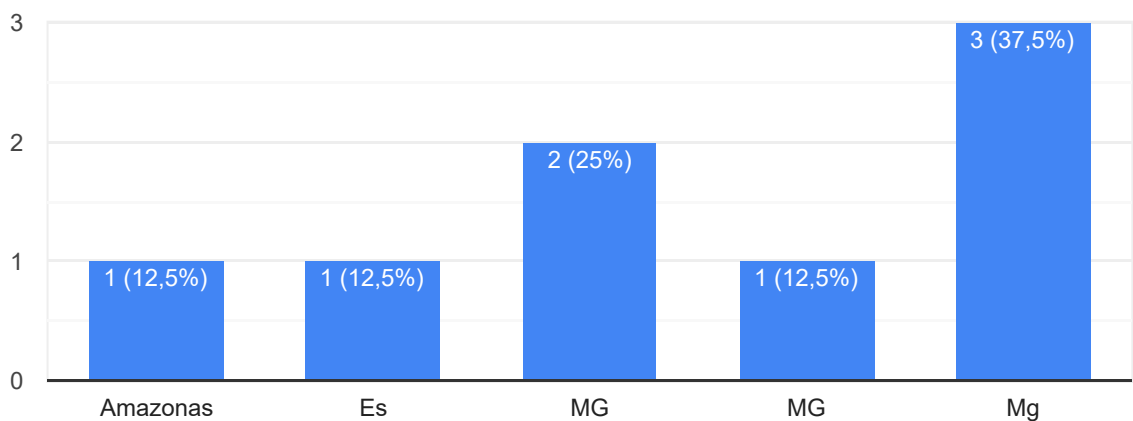
Escolaridade

8 respostas



Qual o seu Estado?

8 respostas



Qual a sua Igreja?

8 respostas

Igreja evangélica Batista da Amadora

Braços abertos

Braços Abertos

Evangelho Quadrangular

Igreja Presbiteriana do Brasil

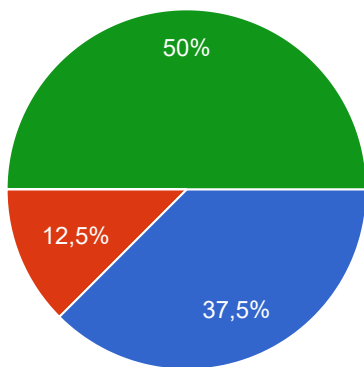
Quandrangular

Nao vou a igreja atualmente

PENTECOSTAL

Nas eleições Presidenciais de 2018, qual seu voto?

8 respostas



- Bolsonaro primeiro e segundo turno
- Bolsonaro apenas no segundo turno
- Bolsonaro apenas no primeiro turno
- Não votei no Bolsonaro



O que motivou seu voto no seu candidato?

8 respostas

Propostas do candidato

Sua proposta politica

Não votei

Por acreditar na possibilidade de mudanças

Tirar o PT do poder

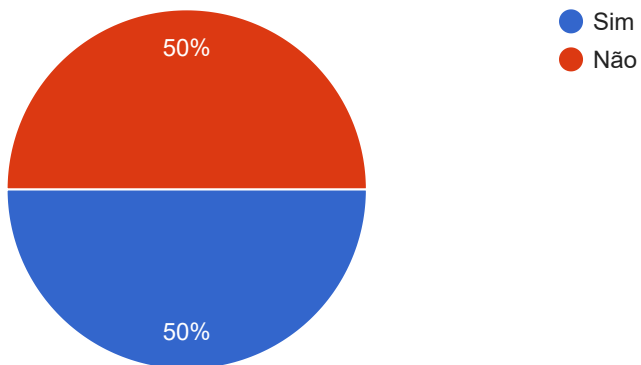
Aversão ao Bolsonaro e tudo que ele representa

Gostaria de ver um novo governo

NÃO VOTEI

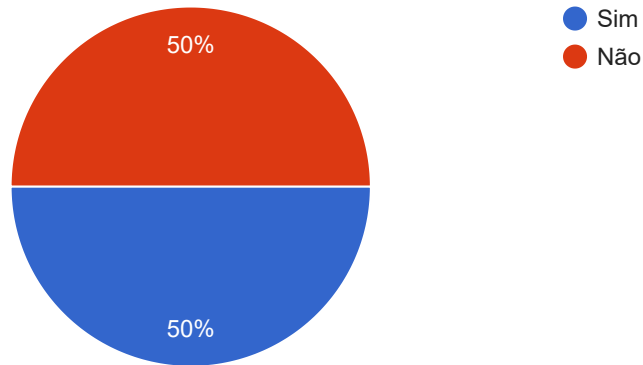
Você votaria no mesmo candidato nas proximas eleições?

8 respostas



Você se sente representado pelo presidente Bolsonaro?

8 respostas



Qual a justificativa da resposta anterior?

8 respostas

Quando digo me "sentir representada,"falo pelo seu governo,por toda a sua equipa,seu plano de governo,suas diretrizes...seu posicionamento diante de Deus,família e pátria.

Tem cumprido com suas propostas..

Tem princípios de caráter, não rouba o Brasil, é honesto, Obras de infraestrutura vem sendo feitas... Etc... Muito bom presidente 👍👍👍

Por ser num homem íntegro, honesto e lutar por um país melhor

Meu principal objetivo foi votar contra o PT.

Não concordo com os seus valores

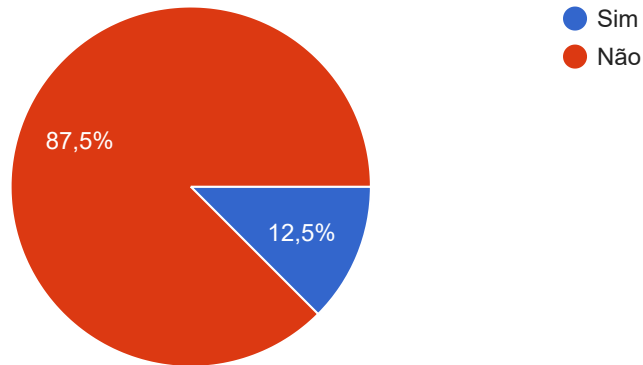
Decepção

NÃO CONCORDO COM AS DECISÕES DO PRESIDENTE



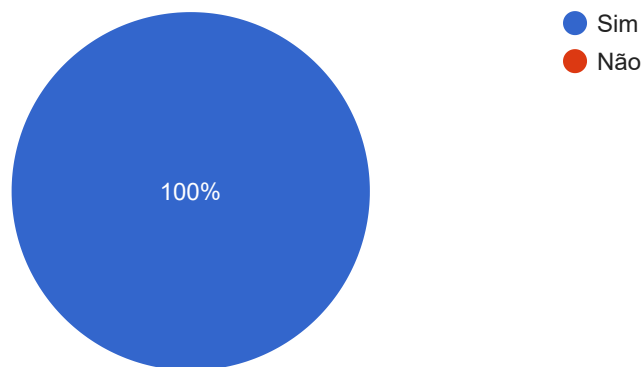
Você recebeu auxílio emergencial?

8 respostas



Você é a favor da vacinação para o COVID-19?

8 respostas



Qual a justificativa para a resposta anterior?

8 respostas

Por que, mesmo a vacina não impedindo de uma pessoa se contaminar com o vírus, comprovações científicas mostram que os efeitos colaterais são bem menores se houver tomado a vacina! Entretanto penso que uma pessoa com seu sistema imunológico saudável, já ajudaria bastante no co.bate ao vírus.

Desde que esteja certificadas pelas entidades regulstorias.

Sou a favor da vacinação, não sou a favor da obrigação a vacina, quem quiser vacinar vacina, quem não quiser não vacina, tem o direito de escolher.

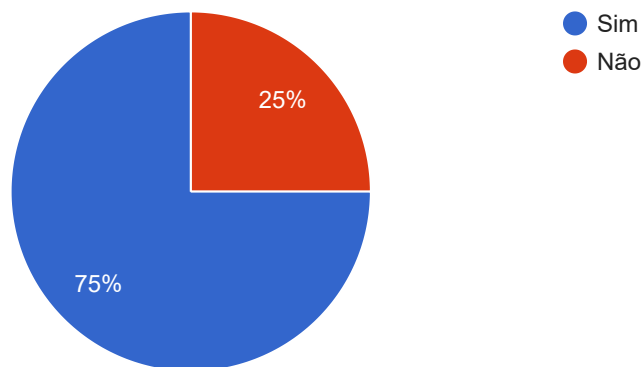
Por ser uma forma de amenizar o sintomas do indivíduo contaminado

Entendo que mesmo que a vacina não tenha 100% de eficácia ela estimula o organismo a produzir anticorpos e combater o coronavirus COVID 19 em caso de infecção.

Confio na ciência

Você concorda com as medidas de confinamento do COVID-19?

8 respostas



Qual a justificativa para a resposta anterior?

8 respostas

A resposta "Sim" foi mais precisamente para o início da pandemia, pois ninguém sabia de facto o que se passava no mundo!Entretanto, no decorrer dos acontecimentos,e da economia que não podia parar,e muitas pessoas precisavam trabalhar,pois o teletrabalho é uma realidade para poucos,em determinados setores as medidas de co filamentos não faziam sentidos.

Tem ser melhor elaboradas para não.

Concordo com algumas, sem tirar o direito do cidadão de ir e vim

O confinamento não impede a contaminação, pois, ele algum momento haverá contato de alguma forma com o mundo exterior. Não existe confinamento total...como explicarmos as profissões que em nenhum momento pararam???

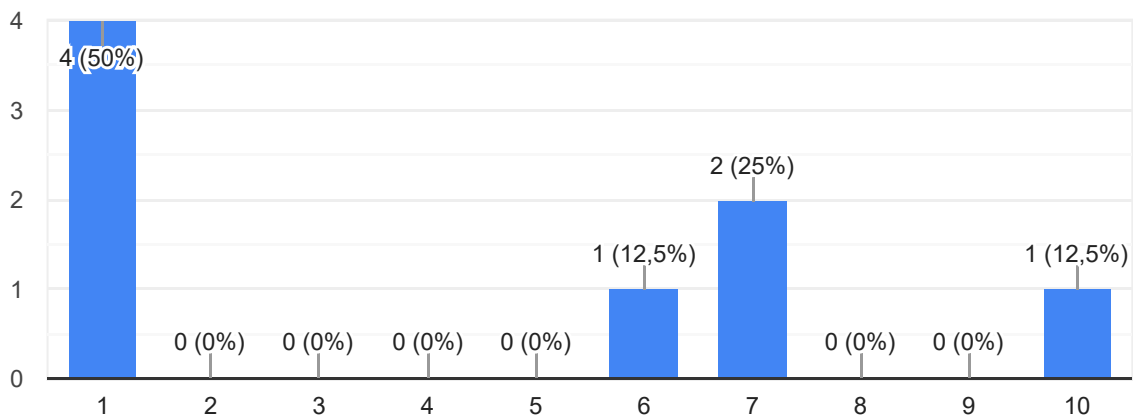
Entendo que as medidas são necessárias para conter o avanço da pandemia, mas a população teria que aderir e respeitar mais as medidas o que nem sempre acontece.

Confio na ciência

De 1 a 10 classifique sua confiança em cada uma das instituições seguintes, em que 1 significa nenhuma confiança e 10 significa total confiança:

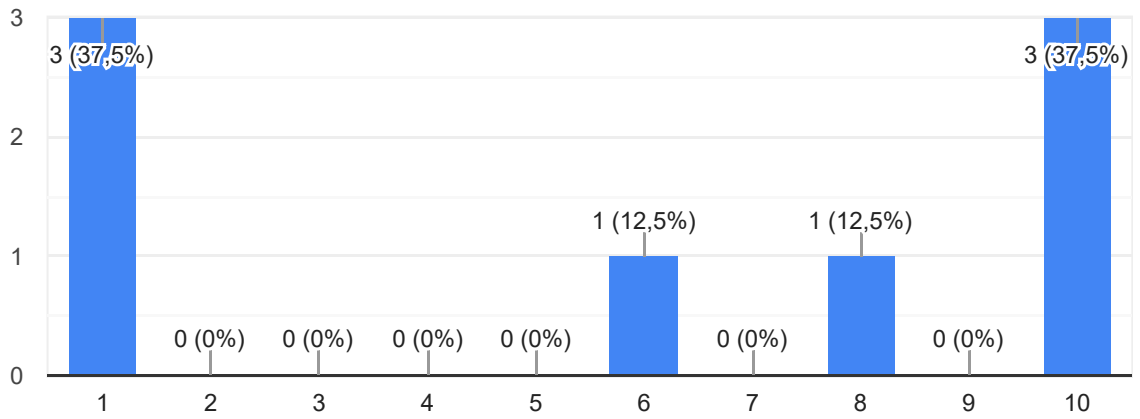
STF

8 respostas



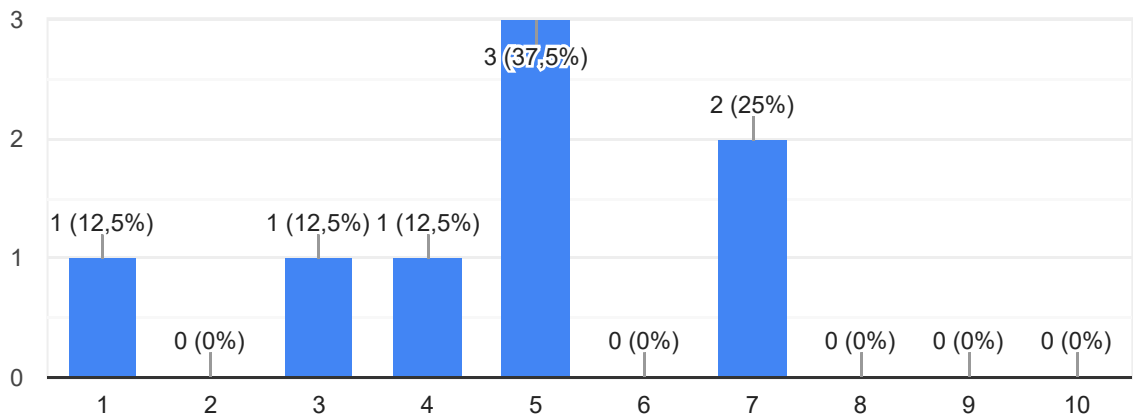
Presidente

8 respostas



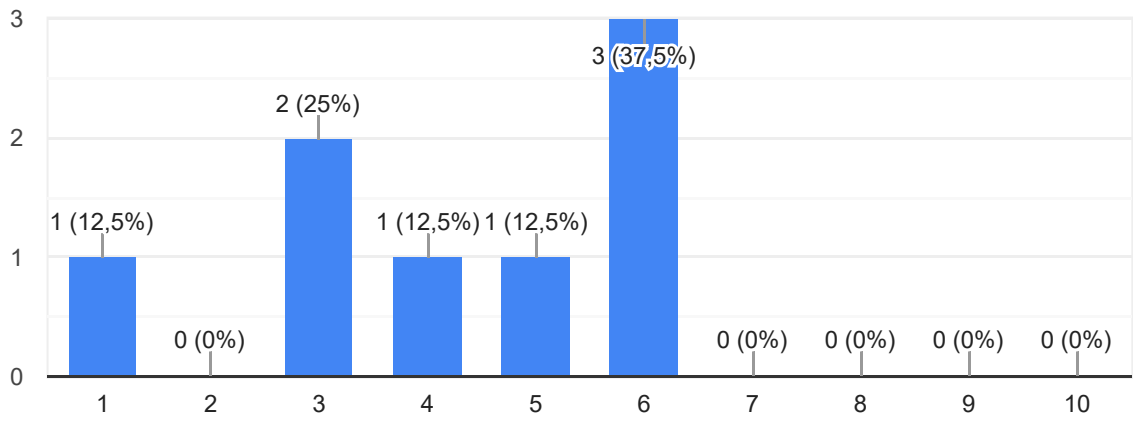
Meios de comunicação social

8 respostas



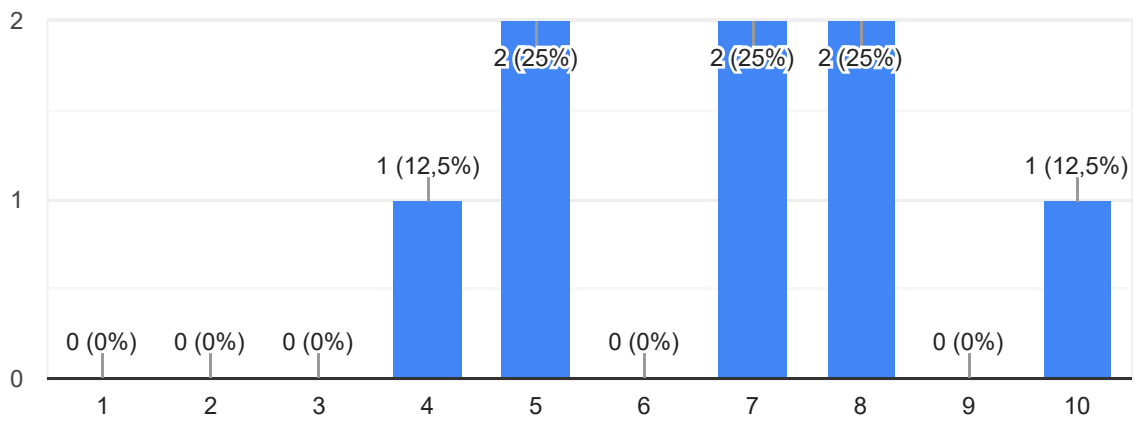
Congresso nacional

8 respostas



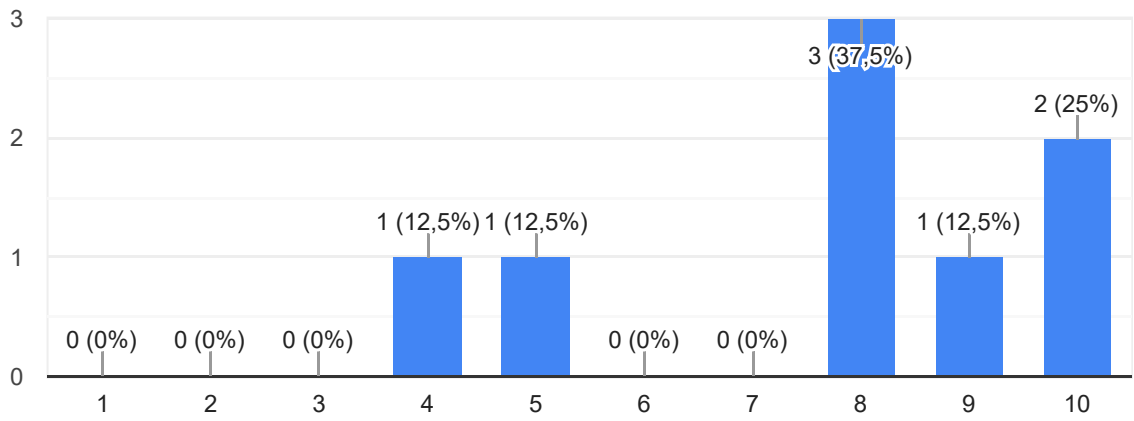
Polícia

8 respostas



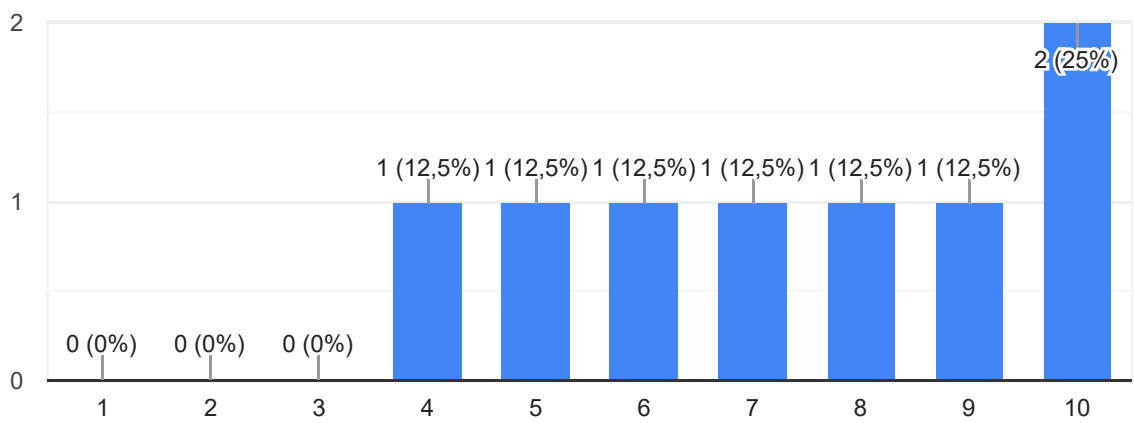
Militares

8 respostas



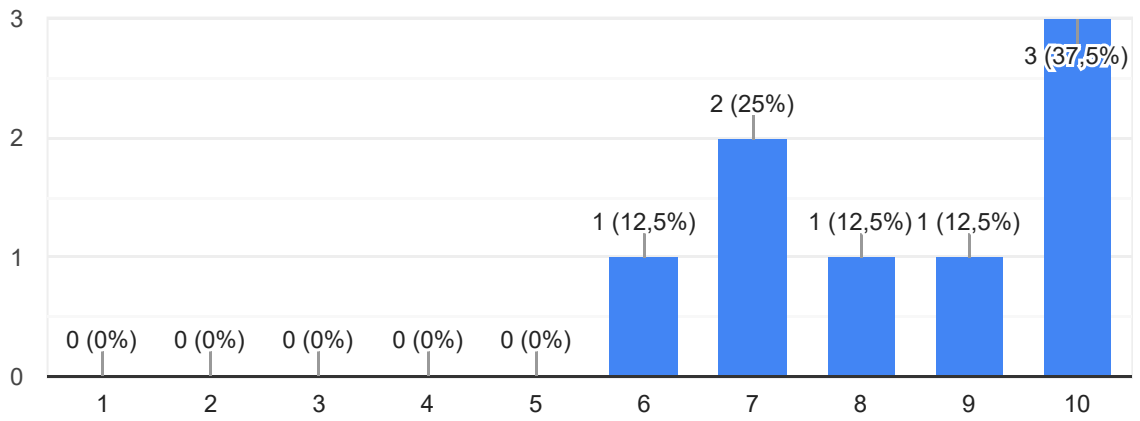
Eleições

8 respostas



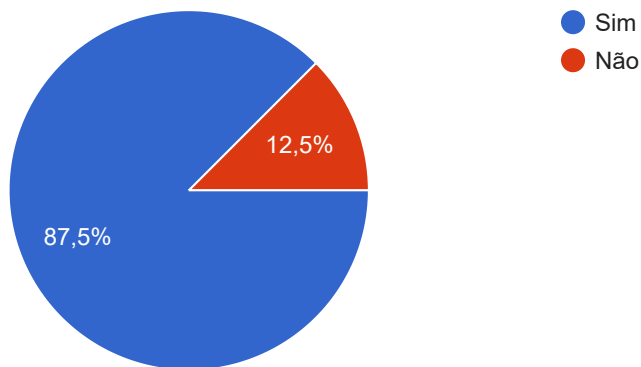
Igreja

8 respostas



Você confia na democracia?

8 respostas



Qual a justificativa para a resposta anterior?

8 respostas

Nesse momento não acredito na democracia no Brasil, onde você é tolhido de expressar sua opinião, seja você um cidadão comum ou uma pessoa do meio político, jornalistas, pastores... que mostrem uma opinião ou crítica a determinada pessoa ou poder, ou instituição, a pessoa é calada é presa, suas redes sociais sendo excluídas, pessoas tem que pedir asilo em outro país até provar sua inocência! Infelizmente no Brasil a democracia é pra poucos.

Democracia é exencial para todo cidadão.

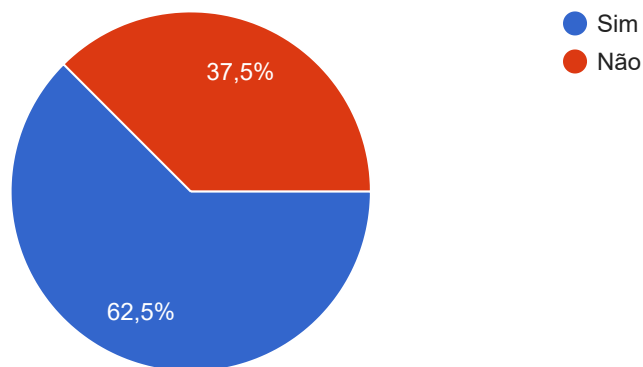
Sem a democracia o caos estabelece

A democracia nós dá o direito de expressarmos o que e a firma com que pensamos sobre todo e qualquer assunto.

Entendo que apesar de das muitas mazelas e corrupção endêmica na democracia brasileira, a democracia ainda é a melhor forma de governo.

Você acredita que a religião deve influenciar a política?

8 respostas



Qual a justificativa para a resposta anterior?

8 respostas

Acredito que mesmo o estado sendo laico,ela deva e possa influenciar, o Estado, auxiliando na organização política da sociedade.

O carácter é que influencia.

Quem crê em Deus, e crê nos ensinamentos de Deus sabe que um país governado por um homem temente a Deus a vida daquele país prosperará.

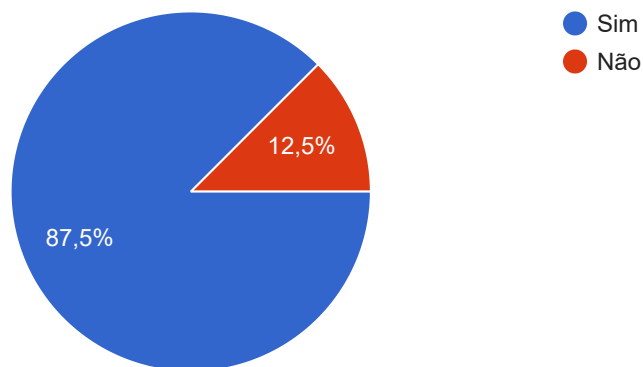
No discernimento de escolher um candidato independente de partido, mas que tenha princípios de honestidade, caráter e acima de tudo com pensamentos que venham de encontro a busca de um país mais humano e com menos corrupção.

Historicamente a cultura ocidental sempre foi influenciada pelas religiões judaico-cristãs de forma positiva inclusive na elaboração de leis e Construções Federais em países como os Estados Unidos por exemplo.

Estado laico

Você votaria em um candidato diferente da sua religião?

8 respostas



Qual a justificativa para a resposta anterior?

8 respostas

Bolsonaro não é da minha religião, mas tenta governar um país dentro dos princípios dos quais eu preso.

Carácter é independente da Religião.

Quem vai contra os princípios de Deus não pode governar um país

A escolha de um candidato deve ser pela sua conduta de carácter e não pela religião. Religião não significa que o indivíduo seja uma pessoa qualificada.

Creio que existem políticos competentes com bons princípios morais que não são necessariamente religiosos.

Não acho que os assuntos devem se misturar

O importante são as atitudes não a religião

POLITICA E RELIGIÃO SÃO COISAS DIFERENTES



Qual a mudança você gostaria de ver na política? Porquê?

8 respostas

Verdadeiros políticos! Sei que é uma utopia, mas vale a pena sonhar! A política é um mal necessário, pois a política nos rodeia, mas o que temos hoje, em todos os cenários é "politicagem" não há um comprometimento com o povo que os elegeram, não há amor cívico, há muito amor ao poder, a ganância desmedida não há amor à sua cidade ao seu estado, ao seu país, tudo se resume ao poder e dinheiro! Se fosse pontuar todas as mudanças que eu gostaria de ver na política, faltaria-me dedos para escrever! Mas começando por verdadeiros políticos, já estamos meio caminho andado.

Respeito aos direitos humanos, liberdade de expressão.

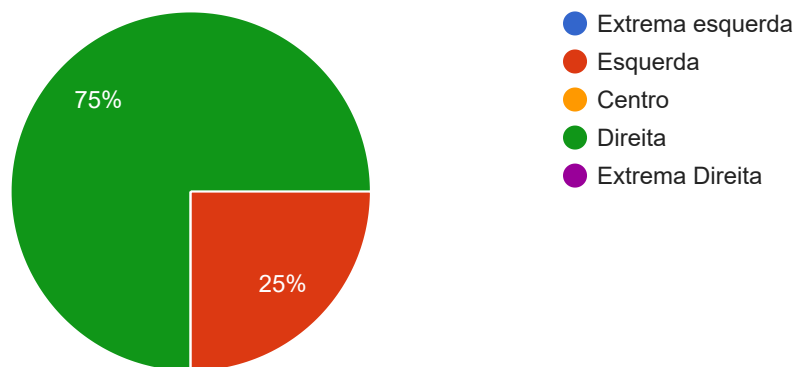
Todos os corruptos presos

Menos poder do STF ..pelos desmandos que estão cometendo, sem ao menos terem sido eleitos pelo povo, hoje não têm uma conduta digna do cargo que ocupam.

Resumidamente falando, gostaria que os poderes judiciário, executivo e legislativo a nível federal, estadual e municipal (municipal no caso dos poderes executivo e legislativo) fossem livres da corrupção que o número de deputados federais e

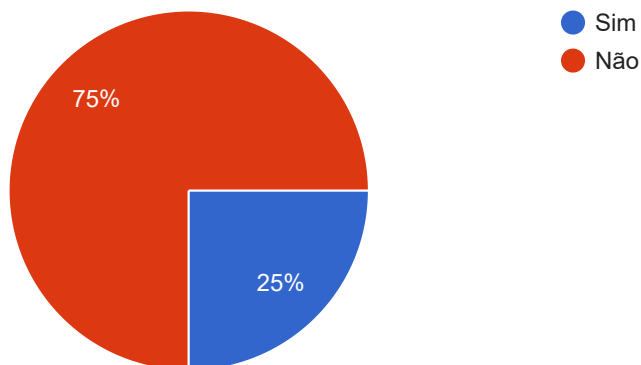
Como você se considera politicamente:

8 respostas



Você se identifica com algum partido?

8 respostas



Caso a resposta anterior tenha sido SIM, qual o partido você se identifica?

8 respostas

Nenhum

Não olho muito a questão partidária.

Chega

Não

Não sou partidário

PT e psol

PSDB

NÃO

Este conteúdo não foi criado nem aprovado pela Google. [Denunciar abuso](#) - [Termos de Utilização](#) - [Política de privacidade](#)

Google Formulários



Evangélicos e Bolsonaro

O questionário é referente a uma pesquisa para o Mestrado de Ciencia Politica da Universidade de Lisboa. Todos as informações colhidas pelo questionário são anónimas.

Sexo *

- Feminino
- Masculino

Idade *

- 18-25 anos
- 26-35 anos
- 36-45 anos
- 46-55 anos
- 56-65 anos

Situação económica familiar *

Resposta deve ser por todos os indivíduos que residem na mesma casa.

- Menos de 1 salário mínimo
- 1 -2 salários mínimos
- 3-4 salários mínimos
- 5-6 salários mínimos
- Mais de 6 salários mínimos

Escolaridade *

- Ensino Fundamental incompleto
- Ensino Fundamental completo
- Ensino médio completo
- Ensino superior completo
- Pós graduação completa

Qual o seu Estado? *

MG, RJ, SP, BA, RN

Amazonas

Qual a sua Igreja? *

Igreja evangélica Batista da Amadora

Nas eleições Presidenciais de 2018, qual seu voto? *

- Bolsonaro primeiro e segundo turno
- Bolsonaro apenas no segundo turno
- Bolsonaro apenas no primeiro turno
- Não votei no Bolsonaro

O que motivou seu voto no seu candidato? *

Propostas do candidato

Você votaria no mesmo candidato nas próximas eleições? *

- Sim
- Não

Você se sente representado pelo presidente Bolsonaro? *

- Sim
- Não

Qual a justificativa da resposta anterior? *

Quando digo me "sentir representada,"falo pelo seu governo,por toda a sua equipa,seu plano de governo,suas diretrizes...seu posicionamento diante de Deus,família e pátria.

Você recebeu auxílio emergencial? *

Sim

Não

Você é a favor da vacinação para o COVID-19? *

Sim

Não

Qual a justificativa para a resposta anterior? *

Por que, mesmo a vacina não impedindo de uma pessoa se contaminar com o vírus, comprovações científicas mostram que os efeitos colaterais são bem menores se houver tomado a vacina!Entretanto penso que uma pessoa com seu sistema imunológico saudável, já ajudaria bastante no co.bate ao vírus.

Você concorda com as medidas de confinamento do COVID-19? *

Sim

Não

Qual a justificativa para a resposta anterior?

A resposta "Sim" foi mais precisamente para o início da pandemia, pois ninguém sabia de facto o que se passava no mundo!Entretanto, no decorrer dos acontecimentos,e da economia que não podia parar,e muitas pessoas precisavam trabalhar,pois o teletrabalho é uma realidade para poucos,em determinados setores as medidas de co filamentos não faziam sentidos.

De 1 a 10 classifique sua confiança em cada uma das instituições seguintes, em que 1 significa nenhuma confiança e 10 significa total confiança:

STF *

	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	
Nenhuma Confiança	<input checked="" type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Total Confiança

Presidente *

	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	
Nenhuma Confiança	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input checked="" type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Total Confiança

Meios de comunicação social *

	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	
Nenhuma Confiança	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input checked="" type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Total Confiança

Congresso nacional *

	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	
Nenhuma Confiança	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input checked="" type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Total Confiança

Polícia *

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

Nenhuma Confiança

Total Confiança

Militares *

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

Nenhuma Confiança

Total Confiança

Eleições *

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

Nenhuma Confiança

Total Confiança

Igreja *

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

Nenhuma Confiança

Total Confiança

Você confia na democracia? *

Sim

Não

Qual a justificativa para a resposta anterior? *

Nesse momento não acredito na democracia no Brasil, onde você é tolhido de expressar sua opinião, seja você um cidadão comum ou uma pessoa do meio político, jornalistas, pastores... que mostrem uma opinião ou crítica a determinada pessoa ou poder, ou instituição, a pessoa é calada é presa, suas redes sociais sendo excluídas, pessoas tem que pedir asilo em outro país até provar sua inocência! Infelizmente no Brasil a democracia é pra poucos.

Você acredita que a religião deve influenciar a política? *

Sim

Não

Qual a justificativa para a resposta anterior? *

Acredito que mesmo o estado sendo laico, ela deva e possa influenciar, o Estado, auxiliando na organização política da sociedade.

Você votaria em um candidato diferente da sua religião? *

Sim

Não

Qual a justificativa para a resposta anterior? *

Bolsonaro não é da minha religião, mas tenta governar um país dentro dos princípios dos quais eu preso.

Qual a mudança você gostaria de ver na política? Porquê? *

Verdadeiros políticos! Sei que é uma utopia, mas vale a pena sonhar! A política é um mal necessário, pois a política nos rodeia, mas o que temos hoje, em todos os cenários é "politicagem" não há um comprometimento com o povo que os elegeram, não há amor cívico, há muito amor ao poder, a ganância desmedida não há amor à sua cidade ao seu estado, ao seu país, tudo se resume ao poder e dinheiro! Se fosse pontuar todas as mudanças que eu gostaria de ver na política, faltaria-me dedos para escrever! Mas começando por verdadeiros políticos, já estamos meio caminho andado.

Como você se considera politicamente: *

- Extrema esquerda
- Esquerda
- Centro
- Direita
- Extrema Direita

Você se identifica com algum partido? *

- Sim
- Não

Caso a resposta anterior tenha sido SIM, qual o partido você se identifica? *

Nenhum

Este conteúdo não foi criado nem aprovado pela Google.

Google Formulários

Evangélicos e Bolsonaro

O questionário é referente a uma pesquisa para o Mestrado de Ciencia Politica da Universidade de Lisboa. Todos as informações colhidas pelo questionário são anónimas.

Sexo *

- Feminino
- Masculino

Idade *

- 18-25 anos
- 26-35 anos
- 36-45 anos
- 46-55 anos
- 56-65 anos

Situação económica familiar *

Resposta deve ser por todos os individuos que residem na mesma casa.

- Menos de 1 salário mínimo
- 1 -2 salários mínimos
- 3-4 salários mínimos
- 5-6 salários mínimos
- Mais de 6 salários mínimos

Escolaridade *

- Ensino Fundamental incompleto
- Ensino Fundamental completo
- Ensino médio completo
- Ensino superior completo
- Pós graduação completa

Qual o seu Estado? *

MG, RJ, SP, BA, RN

Es
.....

Qual a sua Igreja? *

Braços abertos
.....

Nas eleições Presidenciais de 2018, qual seu voto? *

- Bolsonaro primeiro e segundo turno
- Bolsonaro apenas no segundo turno
- Bolsonaro apenas no primeiro turno
- Não votei no Bolsonaro

O que motivou seu voto no seu candidato? *

Sua proposta politica
.....

Você votaria no mesmo candidato nas próximas eleições? *

- Sim
- Não

Você se sente representado pelo presidente Bolsonaro? *

- Sim
- Não

Qual a justificativa da resposta anterior? *

Tem cumprido com suas propostas..

Você recebeu auxílio emergencial? *

- Sim
- Não

Você é a favor da vacinação para o COVID-19? *

- Sim
- Não

Qual a justificativa para a resposta anterior? *

Desde que esteja certificadas pelas entidades reguladoras.

Você concorda com as medidas de confinamento do COVID-19? *

Sim

Não

Qual a justificativa para a resposta anterior?

Tem ser melhor elaboradas para não.

De 1 a 10 classifique sua confiança em cada uma das instituições seguintes, em que 1 significa nenhuma confiança e 10 significa total confiança:

STF *

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

Nenhuma Confiança

Total Confiança

Presidente *

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

Nenhuma Confiança

Total Confiança

Meios de comunicação social *

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

Nenhuma Confiança Total Confiança

Congresso nacional *

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

Nenhuma Confiança Total Confiança

Polícia *

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

Nenhuma Confiança Total Confiança

Militares *

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

Nenhuma Confiança Total Confiança

Eleições *

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

Nenhuma Confiança Total Confiança

Igreja *

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

Nenhuma Confiança

Total Confiança

Você confia na democracia? *

 Sim Não

Qual a justificativa para a resposta anterior? *

Democracia é exencial para todo cidadão.
.....

Você acredita que a religião deve influenciar a política? *

 Sim Não

Qual a justificativa para a resposta anterior? *

O carácter é que influencia.
.....

Você votaria em um candidato diferente da sua religião? *

- Sim
- Não

Qual a justificativa para a resposta anterior? *

Carácter é independente da Religião.

Qual a mudança você gostaria de ver na política? Porquê? *

Respeito aos direitos humanos, liberdade de expressão.

Como você se considera politicamente: *

- Extrema esquerda
- Esquerda
- Centro
- Direita
- Extrema Direita

Você se identifica com algum partido? *

- Sim
- Não

Caso a resposta anterior tenha sido SIM, qual o partido você se identifica? *

Não olho muito a questão partidária.

Este conteúdo não foi criado nem aprovado pela Google.

Google Formulários

Evangélicos e Bolsonaro

O questionário é referente a uma pesquisa para o Mestrado de Ciencia Politica da Universidade de Lisboa. Todos as informações colhidas pelo questionário são anónimas.

Sexo *

- Feminino
- Masculino

Idade *

- 18-25 anos
- 26-35 anos
- 36-45 anos
- 46-55 anos
- 56-65 anos

Situação económica familiar *

Resposta deve ser por todos os individuos que residem na mesma casa.

- Menos de 1 salário mínimo
- 1 -2 salários mínimos
- 3-4 salários mínimos
- 5-6 salários mínimos
- Mais de 6 salários mínimos

Escolaridade *

- Ensino Fundamental incompleto
- Ensino Fundamental completo
- Ensino médio completo
- Ensino superior completo
- Pós graduação completa

Qual o seu Estado? *

MG, RJ, SP, BA, RN

MG

Qual a sua Igreja? *

Braços Abertos

Nas eleições Presidenciais de 2018, qual seu voto? *

- Bolsonaro primeiro e segundo turno
- Bolsonaro apenas no segundo turno
- Bolsonaro apenas no primeiro turno
- Não votei no Bolsonaro

O que motivou seu voto no seu candidato? *

Não votei

Você votaria no mesmo candidato nas próximas eleições? *

- Sim
- Não

Você se sente representado pelo presidente Bolsonaro? *

- Sim
- Não

Qual a justificativa da resposta anterior? *

Tem princípios de caráter, não rouba o Brasil, é honesto, Obras de infraestrutura vem sendo feitas...
Etc... Muito bom presidente 👍👍👍

Você recebeu auxílio emergencial? *

- Sim
- Não

Você é a favor da vacinação para o COVID-19? *

- Sim
- Não

Qual a justificativa para a resposta anterior? *

Sou a favor da vacinação, não sou a favor da obrigação a vacina, quem quiser vacinar vacina, quem não quiser não vacina, tem o direito de escolher.

Você concorda com as medidas de confinamento do COVID-19? *

Sim

Não

Qual a justificativa para a resposta anterior?

Concordo com algumas, sem tirar o direito do cidadão de ir e vim

De 1 a 10 classifique sua confiança em cada uma das instituições seguintes, em que 1 significa nenhuma confiança e 10 significa total confiança:

STF *

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

Nenhuma Confiança

Total Confiança

Presidente *

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

Nenhuma Confiança

Total Confiança

Meios de comunicação social *

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

Nenhuma Confiança Total Confiança

Congresso nacional *

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

Nenhuma Confiança Total Confiança

Polícia *

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

Nenhuma Confiança Total Confiança

Militares *

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

Nenhuma Confiança Total Confiança

Eleições *

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

Nenhuma Confiança Total Confiança

Igreja *

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

Nenhuma Confiança

Total Confiança

Você confia na democracia? *

Sim

Não

Qual a justificativa para a resposta anterior? *

Sem a democracia o caos estabelece

Você acredita que a religião deve influenciar a política? *

Sim

Não

Qual a justificativa para a resposta anterior? *

Quem crê em Deus, e crê nos ensinamentos de Deus sabe que um país governado por um homem temente a Deus a vida daquele país prosperará.

Você votaria em um candidato diferente da sua religião? *

- Sim
- Não

Qual a justificativa para a resposta anterior? *

Quem vai contra os princípios de Deus não pode governar um país

Qual a mudança você gostaria de ver na política? Porquê? *

Todos os corruptos presos

Como você se considera politicamente: *

- Extrema esquerda
- Esquerda
- Centro
- Direita
- Extrema Direita

Você se identifica com algum partido? *

- Sim
- Não

Caso a resposta anterior tenha sido SIM, qual o partido você se identifica? *

Chega

Este conteúdo não foi criado nem aprovado pela Google.

Google Formulários

Evangélicos e Bolsonaro

O questionário é referente a uma pesquisa para o Mestrado de Ciencia Politica da Universidade de Lisboa. Todos as informações colhidas pelo questionário são anónimas.

Sexo *

- Feminino
- Masculino

Idade *

- 18-25 anos
- 26-35 anos
- 36-45 anos
- 46-55 anos
- 56-65 anos

Situação económica familiar *

Resposta deve ser por todos os individuos que residem na mesma casa.

- Menos de 1 salário mínimo
- 1 -2 salários mínimos
- 3-4 salários mínimos
- 5-6 salários mínimos
- Mais de 6 salários mínimos

Escolaridade *

- Ensino Fundamental incompleto
- Ensino Fundamental completo
- Ensino médio completo
- Ensino superior completo
- Pós graduação completa

Qual o seu Estado? *

MG, RJ, SP, BA, RN

Mg

Qual a sua Igreja? *

Evangelho Quadrangular

Nas eleições Presidenciais de 2018, qual seu voto? *

- Bolsonaro primeiro e segundo turno
- Bolsonaro apenas no segundo turno
- Bolsonaro apenas no primeiro turno
- Não votei no Bolsonaro

O que motivou seu voto no seu candidato? *

Por acreditar na possibilidade de mudanças

Você votaria no mesmo candidato nas próximas eleições? *

- Sim
- Não

Você se sente representado pelo presidente Bolsonaro? *

- Sim
- Não

Qual a justificativa da resposta anterior? *

Por ser num homem íntegro, honesto e lutar por um país melhor

Você recebeu auxílio emergencial? *

- Sim
- Não

Você é a favor da vacinação para o COVID-19? *

- Sim
- Não

Qual a justificativa para a resposta anterior? *

Por ser uma forma de amenizar o sintomas do indivíduo contaminado

Você concorda com as medidas de confinamento do COVID-19? *

Sim

Não

Qual a justificativa para a resposta anterior?

O confinamento não impede a contaminação, pois, ele algum momento haverá contato de alguma forma com o mundo exterior. Não existe confinamento total...como explicarmos as profissões que em nenhum momento pararam???

De 1 a 10 classifique sua confiança em cada uma das instituições seguintes, em que 1 significa nenhuma confiança e 10 significa total confiança:

STF *

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

Nenhuma Confiança Total Confiança

Presidente *

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

Nenhuma Confiança Total Confiança

Meios de comunicação social *

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

Nenhuma Confiança Total Confiança

Congresso nacional *

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

Nenhuma Confiança Total Confiança

Polícia *

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

Nenhuma Confiança Total Confiança

Militares *

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

Nenhuma Confiança Total Confiança

Eleições *

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

Nenhuma Confiança Total Confiança

Igreja *

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

Nenhuma Confiança

Total Confiança

Você confia na democracia? *

 Sim Não

Qual a justificativa para a resposta anterior? *

A democracia nós dá o direito de expressarmos o que e a firma com que pensamos sobre todo e qualquer assunto.

Você acredita que a religião deve influenciar a política? *

 Sim Não

Qual a justificativa para a resposta anterior? *

No discernimento de escolher um candidato independente de partido, mas que tenha princípios de honestidade, caráter e acima de tudo com pensamentos que venham de encontro a busca de um país mais humano e com menos corrupção.

Você votaria em um candidato diferente da sua religião? *

- Sim
- Não

Qual a justificativa para a resposta anterior? *

A escolha de um candidato deve ser pela sua conduta de caráter e não pela religião. Religião não significa que o indivíduo seja uma pessoa qualificada.

Qual a mudança você gostaria de ver na política? Porquê? *

Menos poder do STF ..pelos desmandos que estão cometendo, sem ao menos terem sido elegidos pelo povo, hoje não têm uma conduta digna do cargo que ocupam.

Como você se considera politicamente: *

- Extrema esquerda
- Esquerda
- Centro
- Direita
- Extrema Direita

Você se identifica com algum partido? *

- Sim
- Não

Caso a resposta anterior tenha sido SIM, qual o partido você se identifica? *

Não

Este conteúdo não foi criado nem aprovado pela Google.

Google Formulários

Evangélicos e Bolsonaro

O questionário é referente a uma pesquisa para o Mestrado de Ciencia Politica da Universidade de Lisboa. Todos as informações colhidas pelo questionário são anónimas.

Sexo *

- Feminino
- Masculino

Idade *

- 18-25 anos
- 26-35 anos
- 36-45 anos
- 46-55 anos
- 56-65 anos

Situação económica familiar *

Resposta deve ser por todos os individuos que residem na mesma casa.

- Menos de 1 salário mínimo
- 1 -2 salários mínimos
- 3-4 salários mínimos
- 5-6 salários mínimos
- Mais de 6 salários mínimos

Escolaridade *

- Ensino Fundamental incompleto
- Ensino Fundamental completo
- Ensino médio completo
- Ensino superior completo
- Pós graduação completa

Qual o seu Estado? *

MG, RJ, SP, BA, RN

MG

Qual a sua Igreja? *

Igreja Presbiteriana do Brasil

Nas eleições Presidenciais de 2018, qual seu voto? *

- Bolsonaro primeiro e segundo turno
- Bolsonaro apenas no segundo turno
- Bolsonaro apenas no primeiro turno
- Não votei no Bolsonaro

O que motivou seu voto no seu candidato? *

Tirar o PT do poder

Você votaria no mesmo candidato nas próximas eleições? *

- Sim
- Não

Você se sente representado pelo presidente Bolsonaro? *

- Sim
- Não

Qual a justificativa da resposta anterior? *

Meu principal objetivo foi votar contra o PT.

Você recebeu auxílio emergencial? *

- Sim
- Não

Você é a favor da vacinação para o COVID-19? *

- Sim
- Não

Qual a justificativa para a resposta anterior? *

Entendo que mesmo que a vacina não tenha 100% de eficácia ela estimula o organismo a produzir anticorpos e combater o coronavirus COVID 19 em caso de infecção.

Você concorda com as medidas de confinamento do COVID-19? *

Sim

Não

Qual a justificativa para a resposta anterior?

Entendo que as medidas são necessárias para conter o avanço da pandemia, mas a população teria que aderir e respeitar mais as medidas o que nem sempre acontece.

De 1 a 10 classifique sua confiança em cada uma das instituições seguintes, em que 1 significa nenhuma confiança e 10 significa total confiança:

STF *

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

Nenhuma Confiança Total Confiança

Presidente *

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

Nenhuma Confiança Total Confiança

Meios de comunicação social *

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

Nenhuma Confiança Total Confiança

Congresso nacional *

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

Nenhuma Confiança Total Confiança

Polícia *

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

Nenhuma Confiança Total Confiança

Militares *

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

Nenhuma Confiança Total Confiança

Eleições *

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

Nenhuma Confiança Total Confiança

Igreja *

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

Nenhuma Confiança

Total Confiança

Você confia na democracia? *

Sim

Não

Qual a justificativa para a resposta anterior? *

Entendo que apesar de das muitas mazelas e corrupção endêmica na democracia brasileira, a democracia ainda é a melhor forma de governo.

Você acredita que a religião deve influenciar a política? *

Sim

Não

Qual a justificativa para a resposta anterior? *

Historicamente a cultura ocidental sempre foi influenciada pelas religiões judaico- cristãs de forma positiva inclusive na elaboração de leis e Construções Federais em países como os Estados Unidos por exemplo.

Você votaria em um candidato diferente da sua religião? *

- Sim
- Não

Qual a justificativa para a resposta anterior? *

Creio que existem políticos competentes com bons princípios morais que não são necessariamente religiosos.

Qual a mudança você gostaria de ver na política? Porquê? *

Resumidamente falando, gostaria que os poderes judiciário, executivo e legislativo a nível federal, estadual e municipal (municipal no caso dos poderes executivo e legislativo) fossem livres da corrupção que o número de deputados federais e estaduais e também de vereadores fossem reduzidos pela metade, no mínimo bem como os seus salários. Que houvesse mais servidores concursados, menos cargos de confiança, que houvesse cobrança de imposto de renda sobre as grandes fortunas, e que o governo tivesse mais poder que as grandes corporações e os grandes bancos.

Como você se considera politicamente: *

- Extrema esquerda
- Esquerda
- Centro
- Direita
- Extrema Direita

Você se identifica com algum partido? *

Sim

Não

Caso a resposta anterior tenha sido SIM, qual o partido você se identifica? *

Não sou partidário

Este conteúdo não foi criado nem aprovado pela Google.

Google Formulários

Evangélicos e Bolsonaro

O questionário é referente a uma pesquisa para o Mestrado de Ciencia Politica da Universidade de Lisboa. Todos as informações colhidas pelo questionário são anónimas.

Sexo *

- Feminino
- Masculino

Idade *

- 18-25 anos
- 26-35 anos
- 36-45 anos
- 46-55 anos
- 56-65 anos

Situação económica familiar *

Resposta deve ser por todos os individuos que residem na mesma casa.

- Menos de 1 salário mínimo
- 1 -2 salários mínimos
- 3-4 salários mínimos
- 5-6 salários mínimos
- Mais de 6 salários mínimos

Escolaridade *

- Ensino Fundamental incompleto
- Ensino Fundamental completo
- Ensino médio completo
- Ensino superior completo
- Pós graduação completa

Qual o seu Estado? *

MG, RJ, SP, BA, RN

Mg

Qual a sua Igreja? *

Quadrangular

Nas eleições Presidenciais de 2018, qual seu voto? *

- Bolsonaro primeiro e segundo turno
- Bolsonaro apenas no segundo turno
- Bolsonaro apenas no primeiro turno
- Não votei no Bolsonaro

O que motivou seu voto no seu candidato? *

Aversão ao Bolsonaro e tudo que ele representa

Você votaria no mesmo candidato nas próximas eleições? *

- Sim
- Não

Você se sente representado pelo presidente Bolsonaro? *

- Sim
- Não

Qual a justificativa da resposta anterior? *

Não concordo com os seus valores

Você recebeu auxílio emergencial? *

- Sim
- Não

Você é a favor da vacinação para o COVID-19? *

- Sim
- Não

Qual a justificativa para a resposta anterior? *

Confio na ciência

Você concorda com as medidas de confinamento do COVID-19? *

Sim

Não

Qual a justificativa para a resposta anterior?

Confio na ciência

De 1 a 10 classifique sua confiança em cada uma das instituições seguintes, em que 1 significa nenhuma confiança e 10 significa total confiança:

STF *

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

Nenhuma Confiança

Total Confiança

Presidente *

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

Nenhuma Confiança

Total Confiança

Meios de comunicação social *

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

Nenhuma Confiança Total Confiança

Congresso nacional *

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

Nenhuma Confiança Total Confiança

Polícia *

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

Nenhuma Confiança Total Confiança

Militares *

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

Nenhuma Confiança Total Confiança

Eleições *

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

Nenhuma Confiança Total Confiança

Igreja *

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

Nenhuma Confiança

Total Confiança

Você confia na democracia? *

 Sim Não

Qual a justificativa para a resposta anterior? *

É o melhor que temos como organização de Estado

Você acredita que a religião deve influenciar a política? *

 Sim Não

Qual a justificativa para a resposta anterior? *

Estado laico

Você votaria em um candidato diferente da sua religião? *

- Sim
- Não

Qual a justificativa para a resposta anterior? *

Não acho que os assuntos devem se misturar

Qual a mudança você gostaria de ver na política? Porquê? *

Uma política que atenda aos direitos sociais primordialmente.

Como você se considera politicamente: *

- Extrema esquerda
- Esquerda
- Centro
- Direita
- Extrema Direita

Você se identifica com algum partido? *

- Sim
- Não

Caso a resposta anterior tenha sido SIM, qual o partido você se identifica? *

PT e psol

Este conteúdo não foi criado nem aprovado pela Google.

Google Formulários

Evangélicos e Bolsonaro

O questionário é referente a uma pesquisa para o Mestrado de Ciencia Politica da Universidade de Lisboa. Todos as informações colhidas pelo questionário são anónimas.

Sexo *

- Feminino
- Masculino

Idade *

- 18-25 anos
- 26-35 anos
- 36-45 anos
- 46-55 anos
- 56-65 anos

Situação económica familiar *

Resposta deve ser por todos os individuos que residem na mesma casa.

- Menos de 1 salário mínimo
- 1 -2 salários mínimos
- 3-4 salários mínimos
- 5-6 salários mínimos
- Mais de 6 salários mínimos

Escolaridade *

- Ensino Fundamental incompleto
- Ensino Fundamental completo
- Ensino médio completo
- Ensino superior completo
- Pós graduação completa

Qual o seu Estado? *

MG, RJ, SP, BA, RN

Mg

Qual a sua Igreja? *

Nao vou a igreja atualmente

Nas eleições Presidenciais de 2018, qual seu voto? *

- Bolsonaro primeiro e segundo turno
- Bolsonaro apenas no segundo turno
- Bolsonaro apenas no primeiro turno
- Não votei no Bolsonaro

O que motivou seu voto no seu candidato? *

Gostaria de ver um novo governo

Você votaria no mesmo candidato nas próximas eleições? *

- Sim
- Não

Você se sente representado pelo presidente Bolsonaro? *

- Sim
- Não

Qual a justificativa da resposta anterior? *

Decepção

Você recebeu auxílio emergencial? *

- Sim
- Não

Você é a favor da vacinação para o COVID-19? *

- Sim
- Não

Qual a justificativa para a resposta anterior? *

Vacina salva vidas

Você concorda com as medidas de confinamento do COVID-19? *

Sim

Não

Qual a justificativa para a resposta anterior?

O que puder ser feito para prevenir a doença é válido

De 1 a 10 classifique sua confiança em cada uma das instituições seguintes, em que 1 significa nenhuma confiança e 10 significa total confiança:

STF *

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

Nenhuma Confiança

Total Confiança

Presidente *

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

Nenhuma Confiança

Total Confiança

Meios de comunicação social *

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

Nenhuma Confiança Total Confiança

Congresso nacional *

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

Nenhuma Confiança Total Confiança

Polícia *

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

Nenhuma Confiança Total Confiança

Militares *

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

Nenhuma Confiança Total Confiança

Eleições *

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

Nenhuma Confiança Total Confiança

Igreja *

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

Nenhuma Confiança

Total Confiança

Você confia na democracia? *

 Sim Não

Qual a justificativa para a resposta anterior? *

Na tese

Você acredita que a religião deve influenciar a política? *

 Sim Não

Qual a justificativa para a resposta anterior? *

Deve mas de forma moderada, expondo opinião e não exigindo votos.

Você votaria em um candidato diferente da sua religião? *

- Sim
- Não

Qual a justificativa para a resposta anterior? *

O importante são as atitudes não a religião

Qual a mudança você gostaria de ver na política? Porquê? *

Mais respeito com a população

Como você se considera politicamente: *

- Extrema esquerda
- Esquerda
- Centro
- Direita
- Extrema Direita

Você se identifica com algum partido? *

- Sim
- Não

Caso a resposta anterior tenha sido SIM, qual o partido você se identifica? *

PSDB

Este conteúdo não foi criado nem aprovado pela Google.

Google Formulários

Evangélicos e Bolsonaro

O questionário é referente a uma pesquisa para o Mestrado de Ciencia Politica da Universidade de Lisboa. Todos as informações colhidas pelo questionário são anónimas.

Sexo *

- Feminino
- Masculino

Idade *

- 18-25 anos
- 26-35 anos
- 36-45 anos
- 46-55 anos
- 56-65 anos

Situação económica familiar *

Resposta deve ser por todos os individuos que residem na mesma casa.

- Menos de 1 salário mínimo
- 1 -2 salários mínimos
- 3-4 salários mínimos
- 5-6 salários mínimos
- Mais de 6 salários mínimos

Escolaridade *

- Ensino Fundamental incompleto
- Ensino Fundamental completo
- Ensino médio completo
- Ensino superior completo
- Pós graduação completa

Qual o seu Estado? *

MG, RJ, SP, BA, RN

MG

Qual a sua Igreja? *

PENTECOSTAL

Nas eleições Presidenciais de 2018, qual seu voto? *

- Bolsonaro primeiro e segundo turno
- Bolsonaro apenas no segundo turno
- Bolsonaro apenas no primeiro turno
- Não votei no Bolsonaro

O que motivou seu voto no seu candidato? *

NÃO VOTEI

Você votaria no mesmo candidato nas próximas eleições? *

- Sim
- Não

Você se sente representado pelo presidente Bolsonaro? *

- Sim
- Não

Qual a justificativa da resposta anterior? *

NÃO CONCORDO COM AS DECISÕES DO PRESIDENTE

Você recebeu auxílio emergencial? *

- Sim
- Não

Você é a favor da vacinação para o COVID-19? *

- Sim
- Não

Qual a justificativa para a resposta anterior? *

MINIMIZAR O NUMERO DE MORTES

Você concorda com as medidas de confinamento do COVID-19? *

Sim

Não

Qual a justificativa para a resposta anterior?

MINIMIZAR O NUMERO DE MORTES

De 1 a 10 classifique sua confiança em cada uma das instituições seguintes, em que 1 significa nenhuma confiança e 10 significa total confiança:

STF *

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

Nenhuma Confiança

Total Confiança

Presidente *

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

Nenhuma Confiança

Total Confiança

Meios de comunicação social *

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

Nenhuma Confiança Total Confiança

Congresso nacional *

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

Nenhuma Confiança Total Confiança

Polícia *

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

Nenhuma Confiança Total Confiança

Militares *

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

Nenhuma Confiança Total Confiança

Eleições *

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

Nenhuma Confiança Total Confiança

Igreja *

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

Nenhuma Confiança

Total Confiança

Você confia na democracia? *

 Sim Não

Qual a justificativa para a resposta anterior? *

BUSCA POR IGUALDADE E VOZ ATIVA

Você acredita que a religião deve influenciar a política? *

 Sim Não

Qual a justificativa para a resposta anterior? *

POLITICA E RELIGIÃO SÃO COISAS DIFERENTES

Você votaria em um candidato diferente da sua religião? *

- Sim
- Não

Qual a justificativa para a resposta anterior? *

POLITICA E RELIGIÃO SÃO COISAS DIFERENTES

Qual a mudança você gostaria de ver na política? Porquê? *

PARTICIPAÇÃO MAIS ATIVA DE MULHERES

Como você se considera politicamente: *

- Extrema esquerda
- Esquerda
- Centro
- Direita
- Extrema Direita

Você se identifica com algum partido? *

- Sim
- Não

Caso a resposta anterior tenha sido SIM, qual o partido você se identifica? *

NÃO

Este conteúdo não foi criado nem aprovado pela Google.

Google Formulários